

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS**

LUCIANE SOUZA VIEIRA LIMA

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MARIA-NOVA EM *BECOS DA
MEMÓRIA* À LUZ DE SUA EXPERIÊNCIA COMO LEITORA**

Montes Claros – MG
Setembro/2025

LUCIANE SOUZA VIEIRA LIMA

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MARIA NOVA EM *BECOS DA MEMÓRIA* À LUZ DE SUA EXPERIÊNCIA COMO LEITORA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Letras/Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Tradição e modernidade

Orientadora: Maria Aparecida Oliveira de Carvalho

Montes Claros – MG
Setembro/ 2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS
LITERÁRIOS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LUCIANE SOUZA VIEIRA LIMA Às 15h00min do dia 29 (Vinte e Nove) do mês de agosto de 2025, reuniu-se via Meet, a Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários desta Universidade para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MARIA NOVA EM BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, À LUZ DE SUA EXPERIÊNCIA COMO LEITORA**. Área de concentração Estudos Literários, Linha de Pesquisa Tradição e Modernidade.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho (Orientador - Unimontes)

Prof. Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido (Unimontes)

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Cristina Ulisses de Jesus (UEMG)

Pelas indicações, o candidato foi considerado aprovada.

O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente lavrou a ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

Montes Claros/MG, 29 de agosto de 2025.

Documento assinado digitalmente
MARIA APARECIDA OLIVEIRA DE CARVALHO
Data: 11/12/2025 17:24:58-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida Oliveira de Carvalho (Orientador - Unimontes)

Documento assinado digitalmente
LUIZ HENRIQUE CARVALHO PENIDO
Data: 06/10/2025 09:34:39-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Henrique Carvalho Penido (Unimontes)

Documento assinado digitalmente
ANDREA CRISTINA ULISSES DE JESUS
Data: 07/10/2025 18:00:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Cristina Ulisses de Jesus (UEMG)

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e o carimbo da Coordenação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria, luz e força, meu maior e eterno agradecimento. Foi Ele quem sustentou cada passo dessa caminhada, renovou minha esperança nos momentos de cansaço, acalmou meu coração nas incertezas e me concedeu forças para chegar até aqui. Sem a Sua presença em minha vida, este sonho não se realizaria.

Aos meus filhos, razão da minha vida, que com amor e carinho estiveram sempre ao meu lado. Amo-os além da vida.

Agradeço aos meus pais, pelo exemplo de coragem e dedicação, que me inspirou a não desistir diante das dificuldades.

Aos meus irmãos, cunhadas e cunhado que sempre estão comigo, e de forma muito especial, à minha irmã Adenise Vieira, que sempre foi fonte de inspiração em minha caminhada acadêmica. Seu incentivo constante, suas palavras de apoio e o exemplo de dedicação aos estudos foram fundamentais para que eu acreditasse na importância do conhecimento e perseverasse, mesmo diante das dificuldades.

Ao meu namorado, Rodrigo Lopes, obrigada pelo companheirismo, pela dedicação e compromisso com os meus sonhos.

Com carinho, agradeço também à minha orientadora, Maria Aparecida Oliveira de Carvalho (Tida), que sempre compreendeu os meus momentos de silêncio, os meus medos e inseguranças, pela generosidade em compartilhar conhecimentos que contribuíram decisivamente para esta pesquisa.

À mestra e amiga Laura Emanuela Lima, meu sincero agradecimento, repleto de reconhecimento por todo incentivo, pois foi por você que soube do programa.

Não posso deixar de mencionar a maravilhosa mestra e amiga Patrícia Lopes, cuja generosidade na partilha de saberes e dedicação ao ensino foram essenciais para o meu percurso, sua orientação, paciência e carinho deixaram marcas profundas em minha formação.

A cada professor, aos colegas do mestrado e a todos que em algum momento doaram do seu tempo e do seu conhecimento para a realização desse trabalho fica o meu agradecimento.

Este trabalho é resultado de um sonho, de muitas mãos, com o apoio de muitos corações, sobretudo, da fé que me manteve firme. A Deus seja toda honra e toda glória.

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito analisar a trajetória de construção da personagem Maria-Nova no romance *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo, sob a perspectiva do leitor literário. Busca-se compreender de que modo a experiência leitora da personagem afrodescendente se articula com o processo de letramento literário e como a leitura contribui para a formação de sua identidade e para o desejo de registrar suas memórias. O estudo desenvolveu-se por meio de uma abordagem analítico-bibliográfica, considerando tanto a obra literária quanto o diálogo com pesquisas acadêmicas já consolidadas. O método privilegiou a análise das vivências representadas na narrativa, observando como estas se relacionam ao percurso da personagem enquanto leitora e futura escritora. As bases teóricas que sustentam a pesquisa incluem os conceitos de letramento literário e literatura afro-brasileira. Para tanto, recorremos às contribuições de Cosson (2006), Soares (2008), Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (1990), entre outros. Essas perspectivas permitem compreender como as práticas de leitura influenciam a construção identitária da personagem e sua inserção em um processo de memória coletiva. Os resultados indicam que a leitura tem papel decisivo na formação de Maria-Nova, contribuindo para a continuidade de suas memórias e para a transformação de sua consciência crítica. Além de valorizar a riqueza literária de *Becos da Memória* (2018), a pesquisa evidencia a importância da obra de Conceição Evaristo para a consolidação dos estudos sobre literatura afro-brasileira e para a ressignificação da formação do leitor crítico.

Palavras-chave: Leitura; Letramento literário; Literatura Afro-brasileira; Personagem leitor; Formação do leitor crítico.

ABSTRACT

This research aims to analyze the trajectory of the character Maria-Nova in the novel *Becos da Memória* (2006), by Conceição Evaristo, from the perspective of the literary reader. It seeks to understand how the reading experience of the Afro-descendant character is articulated with the process of literary literacy, and how reading contributes to the formation of her identity and to the desire to record her memories. The study was conducted through an analytical and bibliographic approach, considering both the literary work itself and the dialogue with established academic research. The method focused on examining the experiences represented in the narrative, observing how they relate to the character's path as both a reader and a future writer. The theoretical framework includes the concepts of literary literacy and Afro-Brazilian literature, drawing on the contributions of Cosson (2006), Soares (2008), Paul Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (1990), among others. These perspectives allow us to understand how reading practices influence the character's identity construction and her integration into a process of collective memory. The results indicate that reading plays a decisive role in the formation of Maria-Nova, contributing to the continuity of her memories and to the transformation of her critical awareness. In addition to highlighting the literary richness of *Becos da Memória*, the research underscores the relevance of Conceição Evaristo's work for the consolidation of Afro-Brazilian literary studies and for the re-signification of critical reader formation.

Keywords: Reading; Literary literacy; Afro-Brazilian literature; Reader Character; Critical reader formation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....	18
2.1 Percursos de vida e formação literária de Conceição Evaristo	18
2.2 O conceito de escrevivência, a representatividade feminina negra e suas narrativas de resistência	35
2.3 A literatura afro-brasileira, suas características e letramento.....	41
3 MEMÓRIA, NARRATIVA E IDENTIDADE EM <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>.....	51
3.1 A memória como eixo estruturante da narrativa.....	51
3.2 O papel da ancestralidade na formação da identidade.....	54
3.3 A relação entre narrativa e experiência vivida.....	56
4 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM LEITORA MARIA NOVA.....	61
4.1 O sujeito periférico e o direito à literatura.....	62
4.2 Contexto social e histórico de <i>Becos da Memória</i>	64
4.3 Caracterização de Maria-Nova e sua trajetória como leitora.....	68
4.4 A leitura como ferramenta de emancipação na narrativa.....	71
4.5 A força estético-política da oralidade na obra de Conceição Evaristo: diálogos com a crítica afro-brasileira.....	75
4.6 Vozes do passado, letras do presente.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

A narrativa não é apenas o meio, mas o lugar: a história da vida acontece na narrativa. O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si.

Christine Delory-Momberger

O que seria do homem sem as suas vivências? E o que seriam suas vivências sem que fossem narradas? Se refletirmos bem, considerando a epígrafe deste espaço de discussão, a narrativa pode ser compreendida como o lócus em que a vida adquire sentido para aqueles que a protagonizam. Nessa linha, podemos simplificar cada experiência significativa deixa marcas que se soma às demais e se integra à constituição heterogênea de um sujeito.

Nesse sentido, é importante refletir sobre o acesso à leitura, o qual pode ser entendido como a possibilidade que todos têm de se envolver com obras literárias, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural. Isso inclui não apenas a disponibilidade de livros, mas também o incentivo e a educação necessários para que o sujeito possa apreciar e compreender a literatura. Promover esse acesso é fundamental para garantir que diversas vozes e experiências sejam representadas e valorizadas no campo literário.

A partir disso, o tema central desta dissertação é a construção da personagem afrodescendente, de maneira mais específica a Maria-Nova e seu papel como leitora. Essa ênfase se justifica pelo fato de que a população negra, em sua maioria, ainda se encontra nas classes sociais menos favorecidas, consequência da escravização e de uma abolição tardia e inadequada, que não proporcionou uma experiência leitora plena nem a restituição de dignidade e justiça. Além disso, o *corpus* literário escolhido para este estudo fundamenta-se na escrita da autora afro-brasileira Conceição Evaristo, cujo livro *Becos da Memória*, publicado em 2006, serve de base para a análise proposta.

Pesquisar e estudar a escrita de Evaristo é algo urgente, pois envolve uma complexidade que se manifesta nos âmbitos literário, político e histórico, sem seguir uma ordem específica. Em seus livros a autora destaca o protagonismo das mulheres negras, abordando as desigualdades e os preconceitos raciais e de gênero, sua obra constitui um ato de defesa de direitos e de promoção a formação crítica. Ao registrar e compartilhar essas experiências de

escrita, reconhece o valor de cada vivência, criando os significados, reconhecimentos e possibilitando a compreensão de uma vida que se deseja livre e ampla, elementos fundamentais para o conhecimento e respeito em uma sociedade tão diversa. Dessa forma, a autora subverte o cânone literário brasileiro, que historicamente privilegiou personagens brancos em posição de destaque, e constrói uma escrita em que a vida, os dilemas e a subjetividade dos negros emergem com força, tornando visível o que a história oficial tantas vezes silenciou.

O interesse pela obra de Conceição Evaristo surgiu durante o curso de pós-graduação no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, campus de Januária. Naquele momento, entre tantas disciplinas estudadas, tive a oportunidade de conhecer a literatura afro-brasileira, a autora e o livro *Becos da Memória* (2018). Ali, pude comprovar a força literária da autora, cuja escrita parece brincar com o inconsciente das personagens e do leitor, criando um terreno instável repleto de histórias, em que a linguagem e suas infinitas possibilidades enredos constituem a essência da escrita. É fascinante a maneira como a escritora constrói suas narrativas e personagens, despertando no leitor a curiosidade por um mundo em que a ficção confronta a realidade. Os enredos se desenrolam de maneira envolvente e os detalhes assemelham-se a rastros de uma identidade frequentemente oculta, que busca ser desvendada.

É também fundamental discutir minha posição como mulher branca na pesquisa, especialmente ao abordar as experiências das mulheres negras. Não desejo ser vista como uma branca privilegiada que atua como intermediária entre as vozes dessas mulheres e o ambiente acadêmico. Elas já possuem suas próprias ferramentas epistêmicas que expressam suas subjetividades, como a escrevivência e a interseccionalidade, temas que pretendo explorar mais adiante. Quero deixar claro meu compromisso político em reconhecer as diferenças estruturais entre pessoas brancas e negras. Embora eu tenha raízes negras em minha ancestralidade, reconheço que sou uma mulher branca e, por isso, não ocupo um lugar de fala, no que diz respeito à vivência direta do racismo estrutural. No entanto, esse reconhecimento não me isenta da responsabilidade de refletir criticamente sobre os privilégios que a branquitude me confere e de me posicionar ativamente contra as desigualdades raciais ainda tão presentes em nossa sociedade.

Ter consciência da minha posição social e racial é um passo fundamental para colaborar na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Como aponta Grada Kilomba (2019), é preciso ir além da neutralidade e da omissão, entendendo que o silêncio também pode ser uma forma de cumplicidade com a opressão. Reconhecer que a luta antirracista não é uma pauta exclusiva das pessoas negras é essencial para que a transformação seja coletiva e efetiva.

Como já exposto, não utilizo minha posição de mulher branca privilegiada para avaliar a obra de Evaristo; ao contrário, é a escrita dela que me orienta a repensar meu lugar dentro de uma rede social em que, historicamente, mulheres brancas “ignoram seu privilégio racial e definem a mulher apenas a partir de sua própria experiência, relegando as mulheres negras à condição de ‘outras’, forasteiras cujas vivências e tradições são vistas como ‘exóticas’ demais para serem compreendidas” (Lorde, 2019, p. 242). Nesse sentido, meu objetivo é me aprofundar nas palavras de Evaristo para entrever as múltiplas dimensões da vida, guiada pelos ensinamentos de Audre Lorde (2019):

Para examinar a literatura de mulheres negras, é realmente necessário que sejamos vistas como pessoas completas em nossa verdadeira complexidade – como indivíduos, como mulheres, como seres humanos – e não como um desses estereótipos problemáticos, mas familiares existentes nesta sociedade no lugar de imagens genuínas de mulheres negras (Lorde, 2019, p. 243).

Nesse excerto, Audre Lorde traz uma reflexão poderosa sobre a necessidade de reconhecer a humanidade plena das mulheres negras na literatura e na sociedade. Ao afirmar que é preciso vê-las em sua complexidade e totalidade, Lorde denuncia a forma como os discursos hegemônicos frequentemente reduzem essas mulheres a estereótipos — figuras simplificadas e distorcidas que não refletem suas experiências reais. O autor ressalta a importância de romper com essas representações limitadas e abrir espaço para vozes autênticas, que expressem as múltiplas dimensões de ser mulher negra: suas dores, alegrias, afetos, intelecto e poder criativo. Assim, o trecho reafirma a literatura como um instrumento de resistência e reconfiguração identitária, capaz de desafiar narrativas opressoras e afirmar a presença das mulheres negras como sujeitos plenos de discurso e história.

Personagens construídos com profundidade enriquecem o enredo, transformando uma narrativa simples em uma experiência complexa e envolvente, despertam identificação e empatia nos leitores. Com motivações claras, passados marcantes e conflitos internos, eles permitem que o leitor ou espectador se conecte emocionalmente à história. Essa ligação possibilita vivenciar outras vidas, culturas e experiências, sendo essencial para uma compreensão mais ampla da diversidade humana.

A importância de enaltecer personagens que sejam vistas como “pessoas completas” está em sua capacidade de humanizar e diversificar as narrativas. Quando as mulheres negras são apresentadas em toda a sua complexidade, elas desafiam os estereótipos limitantes e abrem espaço para diálogos mais amplos sobre a experiência humana. Dessa forma, as personagens de Evaristo representam a classe periférica vítimas de violência e discriminação. Assim, a

literatura se torna um espaço vital para a afirmação da identidade e um poderoso de resistência cultural.

Para Antonio Candido (1970) “a personagem é um ser criado pelas palavras, que tem certa estabilidade e se define por um conjunto de traços relativamente constantes. Não é uma pessoa real, mas é construída como se fosse” (Cândido, 1970, p. 17). O crítico articula à discussão destacando que a personagem, embora não seja real, é construída com elementos da realidade para produzir no leitor o efeito de verossimilhança. Ele argumenta que a personagem tem consistência interna, ou seja, deve ser coerente com seu papel no universo da obra. Assim, a construção de narrativas por meio dos personagens é um dos elementos mais ricos e fundamentais da literatura, assim como nas diversas formas de narrativa, como cinema, teatro e games.

Pesquisar essa construção nos transporta a uma compreensão mais profunda da alma da história, pois os personagens são os motores da trama; são eles que tomam decisões, enfrentam conflitos e passam por transformações. A narrativa gira em torno de suas ações e reações, refletindo a condição humana. O estudo dos personagens nos permite explorar emoções, dilemas, desejos e falhas, levando-nos a uma reflexão sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor.

Ao aprofundar nossos estudos sobre a obra de Evaristo, um aspecto marcante que pode ser destacado é a diversidade de personagens. Essa variedade reflete o olhar atento e perspicaz da autora, que captura o mundo por meio de suas memórias. Suas personagens femininas vêm de diferentes contextos e universos; são figuras corajosas e curiosas, que carregam as marcas das consequências da escravidão.

A autora, em um depoimento que introduz o livro *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), afirma que a imagem da “mãe preta” constitui a base fundamental do conceito de escrevivência. Trata-se da figura daquela que “se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abriam mão de suas heranças e de seus poderes de mando sobre ela e sua descendência” (Evaristo, 2020, p. 30). Essa imagem orienta a expansão do ato de escrever sobre as experiências das descendentes dessas mulheres que cuidaram dos herdeiros da casa-grande. No entanto, como observa a autora, o objetivo atual não é mais confortar, mas sim “acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30). Registrar as vivências contemporâneas das mulheres negras é, portanto, uma forma de validar novas funções sociais

para elas, que vão além das que foram impostas pelo sistema escravocrata, abrangendo também a população negra como um todo. Ainda segundo a autora:

[...] Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. [...] (Evaristo, 2020, p.30).

Embora a presença de sujeitos negros na literatura seja fundamental como representação simbólica, afirmação social e cultural, historicamente eles foram relegados a papéis estereotipados ou marginalizados, reforçando imagens distorcidas e limitadas de sua existência. Por isso, essa inclusão vai além da simples diversidade e implica a construção de narrativas que reflitam a pluralidade de experiências, subjetividades e memórias que sempre existiram, mas que foram invisibilizadas.

Autores negros também desempenham um papel central nesse processo, pois possuem um lugar de fala legítimo. Segundo conceitos discutidos por pensadoras como Evaristo, narrar a experiência negra não é apenas contar uma história, mas reivindicar voz e existência diante de uma tradição literária que muitas vezes silenciou ou distorceu essas vivências. A escrita de autores negros permite que personagens negros sejam apresentados com profundidade psicológica, social e cultural, ultrapassando estereótipos e permitindo que leitores reconheçam tanto as dores quanto as conquistas desses sujeitos.

Além disso, essa literatura contribui para a descolonização do imaginário. Ao criar personagens que são protagonistas de suas próprias histórias, esses escritores e escritoras desafiam narrativas hegemônicas e oferecem modelos de identificação para leitores negros, que podem se ver refletidos de maneira verdadeira e digna. Isso também educa leitores não negros, promovendo empatia, desconstrução de preconceitos e compreensão da complexidade da experiência afrodescendente.

Em um ensaio para a Biblioteca Pública do Paraná, Duarte (2017) aponta que a escrita de Evaristo está profundamente ligada ao “lugar de fala da mulher negra em nossa sociedade”, marcado pelas heranças da escravidão. Ele observa que seu trabalho resgata a memória negra, que foi sufocada por mitos como o da democracia racial e da nação mestiça acolhedora.

A literatura, ao longo do tempo, tem revelado pequenos fragmentos da maneira como a sociedade em geral tem tratado os negros. Algumas obras de literatura infantojuvenil apontam, através de personagens, representações distintas entre grupos de pessoas brancas e não brancas, explica Rosemberg (1985). A autora coloca em evidência como as pessoas marginalizadas foram representadas na literatura destinada aos leitores infantis, neste caso “a discriminação contra grupos não-brancos aparece na literatura infanto-juvenil brasileira constantemente, tanto de forma aberta, quanto latente, porém, que se valorize um discurso declaradamente preconceituoso” (Rosemberg, 1985, p. 80). Percebemos que algumas obras da literatura brasileira mostram de forma clara para as crianças como as pessoas negras foram tratadas ao longo da história. Já na construção de suas personagens, Evaristo se posiciona de forma consciente, revelando, por meio delas, escolhas que refletem tanto a realidade social quanto sua própria visão crítica do mundo, justificando suas escolhas:

Construo poucos personagens brancos na minha obra. Uma leitura um pouco mais atenta percebe que esses poucos, bem poucos personagens, estão sempre representados, construídos nos lugares, nos espaços de poder. Em *Becos*, por exemplo, tem uma branquitude que poderia se dizer invisível. São os donos do espaço onde estava situada a favela. São apenas referidos, como a voz, o mando, a carta da prefeitura com a ordem de expulsão dos moradores. São as pessoas que chegam com a carta de intimação. Esses personagens brancos são quase que invisíveis em *Becos da Memória*. Dentre esses personagens, há Dona Laura, a patroa de Ditinha, mas quem transita no centro da cena é a doméstica Ditinha. Na narrativa é relatada a sedução de Ditinha pela joia da patroa e a leveza do gesto da personagem ao pegar a “pedra verde que até parecia ma-cia”. Percebe-se que Ditinha executa um gesto situado entre o desejo e o não desejo. O estado emocional de Ditinha, os traços psicológicos da personagem são descritos, inclusive o arrependimento por ter apanhado a joia. De Dona Laura pouco é dito; aliás, a patroa é descrita pelo olhar da empregada. Algumas vezes, já comentei que, se eu fosse escrever uma cena de um romance em que uma mulher escravizada queimasse, ao passar o vestido de baile da senhora, às vésperas de uma grande festa na casa-grande, o meu foco na construção das duas personagens se concentraria na personagem da mulher escravizada. Da senhora, em poucas linhas, seriam construídos os sentimentos de frustração, de raiva, e o plano de castigo que seria imposto à outra mulher. O exercício de criação estaria concentrado na mulher escravizada. Quais os seus sustos e temores...Seria por um acaso a queima do vestido... Como essa mulher enfrentaria o castigo...Buscaria uma possibilidade de fuga? (Evaristo, 2020, p.28).

A autora demonstra rigor estético e político na construção de suas personagens, conferindo centralidade a corpos negros e sujeitos marginalizados em suas narrativas. O trecho evidencia como a autora, ao construir *Becos da Memória* (2018), faz da branquitude uma presença quase invisível, mas ainda assim determinante, já que aparece associada ao poder, ao mando e às estruturas que oprimem a comunidade da favela. Os personagens brancos, ainda que pouco explorados em profundidade, são sempre situados nos lugares de dominação, como a prefeitura que expulsa, a patroa que emprega, a instituição que ordena. Eles são, portanto,

representados não pela humanidade de suas subjetividades, mas pela função social que desempenham na manutenção das hierarquias.

Já as personagens negras, como Ditinha, têm sua interioridade minuciosamente explorada. O gesto de tocar a joia da patroa, ainda que simples em termos narrativos, converte-se em espaço de tensão, atravessado por desejo, culpa e arrependimento. Enquanto Dona Laura permanece distante, quase apagada, é Ditinha quem concentra a densidade subjetiva do enredo.

Nesse emaranhado de personagens e histórias, Evaristo confere à sua escrita beleza literária e, ao mesmo tempo, um caráter necessário, ao revelar memórias e experiências frequentemente esquecidas ou silenciadas. A autora reconhece suas raízes negras e traz à tona a realidade de uma família de baixa classe social, o que enriquece sua capacidade de compreender as dificuldades enfrentadas por personagens que refletem essas experiências. Portanto, minha intenção é abordar essas questões com sensibilidade e respeito, buscando sempre dar visibilidade às vozes que realmente precisam ser ouvidas.

Essa dualidade evidencia um ponto importante, pois a vivência do racismo é uma experiência única e profundamente dolorosa que não pode ser totalmente compreendida por aqueles que não a experienciam. Mesmo quando alguém possui uma compreensão intelectual das injustiças sociais, a experiência vivida continua sendo fundamental para apreender as nuances da opressão. Reconhecer essa limitação é fundamental para promover uma reflexão mais inclusiva e respeitosa sobre questões raciais. É essencial ouvir e dar voz àqueles que realmente vivem essa realidade. A autora demonstra consciência de sua posição privilegiada em relação ao racismo, o que constitui um ponto de partida para uma análise mais aprofundada sobre como atuar como aliada na luta contra a discriminação racial por meio de suas obras literárias.

Além disso, essa consciência pode orientar a busca por maneiras de apoiar e amplificar as perspectivas de pessoas negras e de outras minorias, reconhecendo suas vivências e promovendo mudanças sociais. O diálogo sobre raça e classe deve ser inclusivo, mas é essencial que as experiências daqueles que sofrem opressão sejam priorizadas e respeitadas. Essa postura enriquece a discussão e contribui para a construção de um espaço mais justo e equitativo. Assim, ao me posicionar na luta antirracista como educadora, busco fomentar a formação de leitores críticos e engajados com o mundo que os cerca.

Escrito nos anos 1980, o romance *Becos da Memória*, foi publicado pela primeira vez em 2006. Esse intervalo entre o momento de sua escrita e de sua publicação é significativo e revelador, pois evidencia as dificuldades enfrentadas por aqueles que, vindos de lugares

distantes e distintos dos centros econômicos, sociais, geográficos lutam para transpor essas barreiras. A história de inicia-se com a apresentação daqueles que constituíram o espaço dos “becos” da memória resgatada pela autora transformando essas lembranças em escrita.

Evaristo toma como mote a estrutura múltipla dos becos percorridos pela narradora, que a partir daí se desdobra em uma série de pequenos relatos. A autora restaurou esses lugares, fazendo a palavra circular mesclada a outros recursos de linguagens que, ao mesmo tempo em que desvelam as memórias “esquecidas”, as tornam acessíveis aos leitores, ao mesmo tempo em que evidenciam as condições de produção e as instâncias de legitimidade.

Ao construir Maria-Nova, é possível identificar a profundidade em acompanhar suas estratégias e possibilidades de resistência, utilizando da leitura como ferramenta de emancipação e autoconhecimento. A personagem se apropria da palavra escrita não apenas como aprendizado escolar, mas como caminho de inserção no mundo e de enfrentamento às desigualdades que a cercam. Por meio da leitura, Maria-Nova constrói espaços de liberdade simbólica, amplia sua visão crítica e encontra formas de se posicionar diante das adversidades sociais e históricas que marcam sua existência. Desse modo, a autora evidencia que a educação e o acesso à palavra escrita se tornam, para a personagem, atos políticos de resistência e de afirmação identitária.

A autora privilegia a perspectiva dos sujeitos subalternizados. Ao imaginar, por exemplo, a cena da mulher escravizada que queima o vestido da senhora, esclarece que seu interesse criativo recai sobre os medos, estratégias e formas de resistência da escravizada, e não sobre a frustração da patroa. Essa opção narrativa insere-se em uma poética de resistência e deslocamento, na qual a literatura se constitui como espaço de reposicionamento histórico e político: a voz, o corpo e a memória da mulher negra ganham centralidade, enquanto a perspectiva da branquitude é deliberadamente marginalizada.

A autora procura revelar, por meio de seus múltiplos personagens, a complexidade humana e os sentimentos profundos daqueles que enfrentam cotidianamente o desamparo, o preconceito e a exclusão, pessoas cuja vida, muitas vezes, se encontra à mercê de circunstâncias adversas. Ao mesmo tempo, demonstra como a leitura, em diversas ocasiões, funcionou como instrumento de libertação e de conquista da liberdade. É nesse contexto que surge Maria-Nova, personagem central deste estudo, que reflete a própria autora em sua vivência infantil. A protagonista é simultaneamente invenção literária e presença real, pois atua como narradora da obra e, ao mesmo tempo, encarna a menina Evaristo. A escritora a descreve como um enigma

a ser desvelado pelo leitor, sem causar desconforto, pois tal característica constitui marca fundamental da escrevivência:

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixa charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange (Evaristo, 2018, s/p).

É Maria-Nova quem dá corpo às lembranças da pequena Conceição. Para ela, o mundo ainda se abre como descoberta, e a favela se revela como universo a ser decifrado, guardado e celebrado. Pelos olhos dessa menina, a autora reencontra sua própria infância, misturando vida e ficção numa escrita tecida pela escrevivência. Maria-Nova é personagem, mas também nos arriscamos a dizer que é Conceição; as duas se entrelaçam numa única voz que conduz a narrativa. Cabe ao leitor mergulhar nesse enigma, acompanhando a narradora na travessia da memória, percorrendo os becos em busca de rastros e respostas.

Assim, objetivo desta proposta é analisar como se dá a trajetória de construção da personagem Maria-Nova no romance *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo, na perspectiva do leitor literário. A metodologia adotada combina análise bibliográfica e interpretação crítica. Como fundamentação teórica, utiliza-se o trabalho de pesquisadores cujas investigações abordam, de diferentes maneiras, as temáticas aqui discutidas, como Nora (1993), Bernd (1984) e Bhabha (2006), entre outros. Essa abordagem permite compreender como as instâncias de produção e de legitimidade são fundamentais para que autores oriundos de contextos periféricos consigam superar barreiras, como o preconceito, e produzir sua literatura. Além disso, a análise se ancora nas memórias resgatadas que percorrem os becos brasileiros, proporcionando uma leitura atenta à construção da subjetividade e às estratégias narrativas presentes na obra de Conceição Evaristo.

A fim de organizar essa investigação, a presente dissertação foi estruturada em três capítulos. No capítulo I intitulado “Conceição Evaristo e a literatura afro-brasileira”, exploramos a trajetória e as influências que moldaram a escrita da autora. Iniciaremos com uma análise detalhada de sua trajetória pessoal e literária, destacando os elementos que a tornam uma figura central na literatura afro-brasileira. Em seguida, discutiremos as características distintivas dessa literatura, buscando compreender o papel do letramento literário no contexto social e cultural. Por fim, abordaremos o conceito de escrevivências, enfatizando a representatividade feminina negra nas narrativas de resistência que permeiam a obra de Evaristo.

O capítulo II, “Memória, narrativa e identidade em *Becos da Memória*”, foca na intersecção entre memória e identidade na narrativa. A memória será discutida como um eixo estruturante da trama, revelando sua importância para a construção da história. Também examinaremos o papel da ancestralidade na formação da identidade dos personagens, bem como a relação intrínseca entre narrativa e experiência vivida, evidenciando como essas dimensões se entrelaçam para criar uma narrativa rica e significativa.

O capítulo III, “A construção da personagem leitora Maria-Nova”, em que a figura central da narrativa Maria-Nova. Analisaremos o contexto social e histórico que envolve *Becos da Memória* (2018), proporcionando uma visão mais ampla das circunstâncias que cercam a construção da personagem. Em seguida, faremos uma caracterização detalhada de Maria-Nova, explorando sua trajetória como leitora e os desafios que enfrenta. Por último, discutiremos como a leitura se configura como uma ferramenta de emancipação dentro da narrativa, permitindo que a protagonista não apenas descubra seu próprio potencial, mas também ressignifique sua identidade.

Por fim, as considerações finais, em que reúno as conclusões do percurso de escrivência e leituravivência com a obra de Conceição Evaristo e os desafios de uma perspectiva leitora a ser desenvolvida e sobrevalorizada entre os estudantes de literatura, tanto nos anos iniciais, no ensino médio e doravante.

2 CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

2.1 Percursos de vida e formação literária de Conceição Evaristo

A literatura permite ao leitor refletir sobre a condição humana e, em certos casos, entrever, nas entrelinhas do texto, múltiplas facetas e identidades do autor. Quando pensamos na figura do autor, uma série de perguntas inevitavelmente surgem. Quem é ou quem foi esse indivíduo? Como ele se relaciona ou se relacionou com o mundo, com as outras pessoas e consigo mesmo? Que caminhos percorreu? Que vivências marcaram sua existência? Essas perguntas, muitas vezes motivadas pela curiosidade ou por uma certa ânsia de atribuir ao autor uma aura de grandiosidade ou mistério, revelam uma tendência comum entre leitores e estudiosos, que é a dificuldade de enxergar o autor como alguém comum, com suas complexidades humanas.

Ao divulgar sua obra, o autor entrega ao leitor vestígios de sua vivência, palavras, emoções e pensamentos que ganham novos sentidos quando integrados a uma narrativa que os desloca e reinventa. Atualmente, o acesso facilitado a textos digitais, em jornais, revistas e livros nos possibilitam conhecer a produção de diversos escritores e escritoras, dentre elas, destaca-se com força e originalidade a escritora Conceição Evaristo. A autora tem uma escrita marcada pela sensibilidade e pelo compromisso social, rompendo barreiras culturais e históricas, afirmando-se como uma voz potente da literatura contemporânea. Seu estilo único, profundamente enraizado na experiência da mulher negra brasileira, conquistou reconhecimento tanto no Brasil quanto no exterior, consolidando-a como uma das mais importantes autoras da atualidade.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Vinda de uma família humilde, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Formou-se em Letras pela UFRJ e atuou como professora na rede pública da capital fluminense. Obteve o título de Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação intitulada “Literatura Negra: Uma poética da nossa afro-brasilidade” (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese intitulada “Poemas Malungos,

Cânticos Irmãos” (2011), na qual analisa as obras poéticas dos autores afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em comparação com a do angolano Agostinho Neto.

No percurso de reconhecimento que acompanha sua produção literária e acadêmica, Conceição Evaristo tem recebido distinções que reafirmam a força de sua voz no cenário brasileiro. No mesmo dia em que defendendo esta dissertação, 29 de setembro de 2025, a autora será agraciada com o título de Doutora *Honoris Causa* pela UFMG. Em depoimento ao Portal da instituição, destacou a confluência entre passado e presente, recordando sua trajetória em Belo Horizonte e afirmando que “a literatura a escolheu”. A homenagem, como ressalta a reitora Sandra Regina Goulart Almeida, carrega múltiplas camadas simbólicas, reconhecendo a autora enquanto mulher negra, feminista, ativista e escritora que redefine os rumos da literatura brasileira contemporânea. Esse reconhecimento institucional evidencia não apenas a força de sua obra, mas também o diálogo permanente entre suas escrituras e a construção de uma crítica literária comprometida com memória, identidade e justiça social.

Em 2018, recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua produção literária, reforçando a relevância de sua contribuição para a literatura afro-brasileira e para a representação de subjetividades historicamente silenciadas.

Em 2023, publicou *Macabéa, flor de mulungu*, conto que estabelece um diálogo intertextual com *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, ao revisitar a figura da jovem nordestina pela perspectiva da escritura. A obra amplia o campo de atuação literária da autora e reafirma a potência de sua escrita na revisão crítica de narrativas consagradas da literatura brasileira. No mesmo ano, recebeu o Prêmio Intelectual do Ano, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE), reconhecimento que destaca sua atuação intelectual para além da ficção, abrangendo crítica, ativismo e produção acadêmica. Já em 8 de março de 2024, tomou posse como integrante da Academia Mineira de Letras, assumindo a cadeira nº 40, fato que simboliza a legitimação institucional de uma voz que transformou a paisagem literária brasileira contemporânea.

A origem humilde da autora é um dado relevante para compreender sua escrita, mas a análise de sua obra não deve restringir-se a esse único aspecto. Ao pesquisarmos seu currículo *Lattes*, bem como no site Literafro, em suas palestras e participações em eventos literários, encontramos dimensões acadêmicas que a destacam e nos fornecem ferramentas para entender seu processo criativo. Esse processo resulta da combinação de sua experiência de vida com um conhecimento adquirido (sua formação acadêmica), que é capaz de desafiar ou até mesmo romper estigmas associados a uma suposta literatura realista, que se limita a refletir a

experiência vivida no texto literário. Assim, ela cria uma narrativa de caráter autoficcional, que apresenta traços do jornalismo, da crônica e da própria escrevivência, mobilizando experiências que talvez não tenham sido vividas diretamente, mas que se tornam reais por serem vivenciáveis.

Dessa forma, não podemos considerar a experiência humilde como a principal marca do realismo presente em seus contos. O que realmente se destaca é a força dessa vivência no processo de construção e desconstrução de elementos que configuram um realismo próprio, um modo de representação em que a experiência pessoal se transforma em matéria literária. Trata-se de um realismo que, embora dialogue com a tradição do século XIX, a ultrapassa ao incorporar dimensões simbólicas e subjetivas, aproximando-se do caráter autoficcional e da escrevivência. Isso ressalta tal experiência como uma marca, evidenciando-a enquanto discurso. Podemos, assim, inferir a coexistência de duas personas que se articulam no ato de fazer literatura: de um lado, a escritora que vivenciou e conhece a realidade retratada em seus textos — especialmente no objeto de pesquisa *Becos da Memória* (2018), na construção da personagem Maria-Nova; de outro, a escritora que, consciente de seu papel acadêmico e de sua posição na ciência literária, ressignifica essa realidade por meio de seus enredos e personagens.

A leitura de suas obras nos envolve de tal maneira que, em certos momentos, podemos confundir realidade e ficção, como se estivéssemos vivendo a história e interagindo com os personagens. Movidos pelo desejo de compreender mais profundamente a narrativa, buscamos identificar as intenções do autor ao escrevê-la. Segundo Santiago (2006), bons leitores não consomem passivamente o que está escrito apropriando-se da obra de forma criativa e pessoal. Eles não se preocupam tanto com a “fidelidade” ao autor, mas sim com a liberdade de imaginar, interpretar e até modificar o texto em suas leituras.

Para esses leitores, a leitura configura-se como um direito adquirido com o tempo, semelhante à usucapião, que legitima a posse de algo após seu uso prolongado. Assim, opinar, criticar, questionar e interagir com o texto atitudes válidas, quase obrigatórias. O leitor crítico se permite avaliar a obra, julgar os personagens, sugerir outros rumos para a narrativa e, com isso, impõe um novo ritmo, uma nova direção ao trabalho do autor, apropriando-se do texto, defendendo sua própria forma de interpretá-lo. À medida que estabelecemos uma relação próxima com a obra, passamos a acreditar que conhecemos o autor ou sua intenção ao escrevê-la, imaginando e tentando desvendar seus objetivos.

A dificuldade em apreender plenamente a intenção do autor evidencia a necessidade de um leitor criativo, cuja leitura ultrapassa o sentido literal e se abre a múltiplas possibilidades

interpretativas. Frequentemente, ele revela aspectos de si em seus textos, preferindo os leitores faça suas próprias descobertas. Ao nosso redor, os enigmas se acumulam, suscitando simultaneamente encanto e inquietação. É essa mesma sensação que emerge ao tentar compreender Conceição Evaristo, aventurando-nos a mergulhar em sua vida e em sua essência. A autora é reconhecida pela elaboração de uma escrita que ela própria nomeia como *escrevivência*, conceito que une escrita, experiência e vivência como formas de resistência e afirmação da subjetividade negra. Suas obras, entre contos, poemas e romances, exploram o cotidiano das mulheres negras brasileiras, resgatando suas memórias, dores e potências.

Entre suas publicações, destaca-se o romance *Becos da Memória* (2018), escrito inicialmente na década de 1980, mas publicado somente anos depois. A obra narra, a partir de uma perspectiva intimista e fragmentada, a história de uma comunidade marginalizada prestes a ser removida, revelando as dinâmicas de exclusão, afeto e resistência que permeiam o cotidiano dos moradores. A narrativa é conduzida pela protagonista Maria-Nova, uma menina que observa, rememora e reconstrói o passado da comunidade por meio de suas percepções sensíveis e afetivas. Ela torna-se, assim, uma espécie de alter ego da autora, que se configura como um elo entre a memória individual e a memória coletiva.

Em *Becos da Memória* (2018) Conceição Evaristo estabelece um importante diálogo entre a literatura e a história dos excluídos, reafirmando a centralidade da voz negra na construção da identidade cultural brasileira. Ao ponderar sobre o papel do autor, Hansen ressalta em *Palavras da crítica* (1992):

Conforme o dispositivo de Foucault, assim, existem quatro características imbricadas na *função-autor*: primeiramente, liga-se ao sistema institucional que determina e articula os discursos; em segundo lugar, não se exerce de maneira uniforme e com a mesma forma em todos os discursos em toda as épocas e em todas as culturas; em terceiro, não se define pela atribuição espontânea de um discurso a seu produtor, mas por operações específicas e complexas; finalmente, não remete pura e simplesmente a uma individualidade empírica, pois pode dar lugar, simultaneamente, a muitos “egos”, a muitas posições-sujeito que diferentes classes de indivíduos podem vir a ocupar (Hansen, 1992, p. 37).

O autor se expressa de forma abrangente, levando em consideração o contexto histórico da época em que a obra foi escrita, a cultura dominante naquele período, além da complexidade proposital e das múltiplas facetas dos personagens que criou. Dessa forma, nos deparamos com um amplo leque de possíveis intenções por trás do seu discurso. Nesse sentido, ao mobilizar a noção de função-autor, proposta por Michel Foucault em *O que é um autor?* (2009) é possível compreender que o autor não é um indivíduo biográfico, mas uma função discursiva situada em um sistema institucional, histórico e cultural. O nome do autor não designa uma pessoa, opera

como princípio de classificação, delimitação e controle dos discursos, atribuindo-lhes valor, coerência e legitimidade.

No caso de Conceição Evaristo, a função-autor adquire contornos particulares, pois emerge de um contexto marcado pela exclusão histórica de vozes negras e femininas do cânone literário. Sua figura autoral rompe com os mecanismos tradicionais de legitimação, geralmente sustentados por instituições brancas e eurocêntricas, e instaura um novo regime de autorização, fundado na experiência coletiva e na memória ancestral.

Além disso, a invenção de egos de que fala Foucault pode ser observada na forma como Evaristo constrói sujeitos literários que dialogam com sua própria vivência sem se confundirem com ela. Esse jogo entre o “eu” empírico e o “eu” discursivo evidencia uma dimensão autoficcional, em que a escrevivência atua como gesto político e estético, a vida real é transmutada em narrativa, e o autor se reinventa dentro do texto. Conceição Evaristo ultrapassa o estatuto individual e se torna coletiva, insurgente e representacional, uma instância que autoriza outras vozes a existirem no campo literário e simbólico.

A autora utiliza uma linguagem poética e poderosa, que combina elementos da oralidade com a escrita literária. Essa fusão não apenas enriquece sua narrativa, mas também faz ecoar as vozes de suas personagens, trazendo à tona suas vivências e emoções. A autora frequentemente se inspira em suas próprias experiências e na história da população negra no Brasil, criando personagens complexas que desafiam estereótipos e revelam a força e a resiliência das mulheres. Além disso, sua escrita é permeada por uma crítica social contundente, que denuncia as injustiças do racismo estrutural e da desigualdade de classe. Evaristo também destaca a importância da memória e da ancestralidade, valorizando as histórias que frequentemente foram silenciadas.

A escrita de Conceição Evaristo é uma celebração da vida e da luta das mulheres negras, marcada pela beleza da linguagem e pela urgência das questões que aborda. Sua obra é um convite à reflexão sobre as realidades sociais e uma defesa apaixonada pela dignidade e pelos direitos humanos. Sua essência foi moldada pela experiência e pela influência de histórias contadas e herdadas no ambiente familiar. No entanto, ao longo de sua trajetória acadêmica e na conquista de espaços, podemos associar essa essência à persona que conquistou um lugar no meio editorial e acadêmico, ressignificando-se como uma escritora negra com formação acadêmica.

Com base no conhecimento de sua área, a autora produz literatura que se distancia e, ao mesmo tempo, se aproxima de suas experiências vividas. Esse movimento revela aspectos de

sua literalidade, embora ainda seja cedo para analisar e destacar sua poética em si, já que esse não é o foco desta pesquisa. Contudo, é possível afirmar que ela é uma escritora consciente do impacto transformador de seu trabalho, mediado por uma escrita realista, poética e rica em significados que vão além dos estereótipos e militâncias. Ao mesmo tempo, sua obra não ignora a realidade violenta, os equívocos cognitivos que criam imagens rasas sobre ser negro no Brasil e o preconceito enraizado na sociedade.

Nesse contexto, pode-se afirmar que Conceição Evaristo constrói um novo olhar sobre a realidade, manifestando-se na representação das experiências das mulheres negras no Brasil, especialmente em situações de marginalização e opressão. Embora sua escrita traga uma intensa carga poética, não abandona a crueza da realidade social enfrentada por suas personagens, sua narrativa dá voz a histórias frequentemente silenciadas, evidenciando a luta cotidiana de suas protagonistas. Em sua obra, temas como racismo, desigualdade social, violência e busca por identidade são abordados de forma contundente. As personagens não se reduzem à condição de vítimas de suas circunstâncias; são apresentadas como mulheres fortes e resilientes, que enfrentam e desafiam as estruturas de opressão que as cercam. Essa representação é essencial para compreender a complexidade de suas trajetórias e as múltiplas camadas de resistência que atravessam suas vidas.

As protagonistas da autora são, em sua maioria, mulheres que refletem a diversidade da experiência negra no Brasil, enfrentando questões como maternidade, ancestralidade e pertencimento em contextos marcados por desigualdades sociais. Suas histórias provocam reflexão sobre como lutas pessoais se conectam a questões estruturais mais amplas. Embora a prosa possua sensibilidade poética, ela adota uma linguagem direta e impactante, transmitindo verdades duras sobre a vida das mulheres negras. Além disso, Evaristo incorpora elementos da oralidade, conectando-se às tradições culturais e históricas da população negra e conferindo autenticidade às vozes representadas.

Conceição Evaristo se destaca tanto como escritora — com seus dois primeiros livros traduzidos para o francês e o inglês — quanto pelo engajamento acadêmico, especialmente no que se refere ao papel da mulher negra na universidade. Em entrevista a Bárbara Araújo Machado (2014), ela aborda sua subjetividade e reflete sobre sua trajetória e posição no meio acadêmico, oferecendo insights que atravessam tanto sua obra quanto sua atuação intelectual:

Tanto meu texto [literário] quanto meu texto ensaístico são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As minhas escolhas teóricas, elas estão em consonância com a minha vivência, com a minha condição de cidadã negra na sociedade brasileira. [...] a academia é um espaço em que estou para

colocar uma voz, para colocar um texto, para praticar ali uma produção do saber que é profundamente marcada pela minha condição de mulher e de negra. Então, a academia, eu sinto que é um lugar em que eu posso estar, que eu tenho direito de estar e em que eu quero estar, mas a partir de um lugar, que é esse lugar social e étnico em que eu nasci, em que estou inserida, do qual eu opto por escrever, ao qual eu sou ligada (Machado, 2014, p. 31-32).

Como evidencia a citação mencionada, a questão da voz permeia profundamente o discurso de Conceição Evaristo. Consciente de sua identidade como mulher negra e de origem humilde, ela se posiciona não apenas como escritora, mas também como acadêmica, ocupando um espaço de fala a partir do qual representa as mulheres negras. Consciente de sua condição como mulher negra e de origem humilde, ela se posiciona para dar visibilidade às histórias e lutas historicamente silenciadas.

Ainda segundo Machado (2014), essas mulheres enfrentam uma tripla opressão relacionada à classe, raça e gênero. O termo “porta-voz” refere-se à intenção de Conceição Evaristo de dar expressão às experiências e histórias das mulheres negras. Em depoimento no V Colóquio Mulheres em Letras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG em 20 de abril de 2013, ela afirmou: “E assim Oxum se tornou a dona do ouro. Não só a dona do ouro, mas uma espécie de porta-voz das mulheres. E é assim que eu gostaria de construir a minha literatura, que ela pudesse ser porta-voz das vozes das mulheres negras.” A autora articula, assim, sua identidade pessoal, exerce poder discursivo e assume a representação das experiências historicamente silenciadas dessas mulheres, fazendo de sua literatura um espaço de expressão e resistência. A questão da voz é mencionada novamente nas entrevistas que Conceição Evaristo concedeu a Machado, em que a autora mineira discute uma das principais características da literatura negra: “falamos de uma literatura cujos criadores buscam conscientes e politicamente a construção de um discurso que dê voz e vez ao negro como sujeito que auto se representa em sua escritura” (Evaristo, 1996, p. 2).

Em um ensaio publicado em 2005, a autora menciona a literatura como um espaço especial para a produção e reprodução simbólica de significados. Inicia seu texto abordando um discurso recorrente que busca criar e divulgar uma imagem negativa da mulher negra:

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (Evaristo, 2005, p. 52).

A autora evidencia como a representação da mulher negra na literatura ainda carrega marcas históricas do período escravocrata, sendo frequentemente limitada a imagens

estereotipadas de subordinação, sexualização e função reprodutiva. Ao ressaltar que tais estereótipos remontam à literatura colonial. Ela aponta para a persistência de construções sociais e literárias que reforçam desigualdades de gênero e raça. Essa constatação torna-se importante ao se analisar a obra de autoras negras contemporâneas que buscam romper com essas representações, oferecendo personagens e narrativas que expressam autonomia, subjetividade e complexidade, contrapondo-se às imagens historicamente naturalizadas da mulher negra.

Em uma ação contrária a essa representação distorcida, a autora (2005, p. 54) afirma que “há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura”, em um movimento que transita da representação para a auto-representação, “o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do ‘outro’ como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (Evaristo, 2005, p. 5).

Evaristo (2010) considera a literatura uma forma de resistência para os descendentes de africanos ao redor do mundo, atuando em duas frentes distintas: a primeira é a preservação e disseminação da memória, transformando-se em um espaço de transgressão ao reescrever uma história que antes era dominada pela perspectiva do colonizador. A segunda abordagem busca encontrar maneiras positivas de expressar e descrever o corpo negro. De acordo com a autora, “a identidade vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnicos, chocando-se com o olhar negativo e com a estereotipia lançados ao mundo e às coisas negras” (Evaristo, 2010, p. 134).

Considerando a perspectiva claramente definida da autora, Palmeira e Souza (2008) caracterizam as mulheres presentes nos contos e romances de Evaristo como pertencentes a camadas de baixa renda que vivem em áreas urbanas. Em forte contraste, essas mulheres se afirmam como uma força central no núcleo familiar, muitas vezes possuindo sabedoria e conhecimento espiritual, mas, fora desse espaço, enfrentam uma sociedade que as marginaliza. Dessa forma, as histórias narradas por Maria-Nova — que exploram outros personagens e o ambiente da narrativa, alternando entre esperança e dor, realidade e ficção — são construídas como uma homenagem às pessoas evocadas, uma vez que a obra é escrita:

[...] Em homenagem póstuma à Vó Rita [...], aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negra, alouradas de poeiras do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tão Puxa-Faca, à velha Isolina, à D.

Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin (Evaristo, 2018, p. 16-17).

Evaristo utiliza suas narrativas para trazer à tona as vivências dessas pessoas que habitam as periferias, que enfrentam o racismo, a pobreza e a violência. Ao escrever sobre suas lutas, alegrias, dores e esperanças, humaniza essas figuras criando um espaço de resistência contra a invisibilidade. Ela reconhece que a história do povo excluído não é apenas uma série de eventos isolados, mas sim um tecido intrincado de experiências compartilhadas. A narrativa se torna um meio de resistência cultural, uma forma de afirmar a identidade e a dignidade diante da opressão.

A realidade das comunidades marginalizadas é retratada com um olhar sensível e crítico, revelando as violências estruturais que marcam a vida cotidiana de seus moradores. O desfavelamento, tema recorrente em seus textos, é apresentado como uma ação física de remoção, um processo que envolve desamparo, perdas materiais e emocionais, e a interrupção das relações comunitárias. A seguir, a narrativa exemplifica como a autora combina descrições objetivas e sensoriais para dar visibilidade à experiência daqueles que vivenciam tais injustiças:

Um das duas semanas depois que a comitiva esteve na firma construtora exigindo a retirada dos tratores parados, novos tratores chegaram. Chegaram bravos começando o trabalho. Só se ouvia barulho sentia poeira. O desfavelamento começava. Todos aqueles que tivessem recebido as tábuas e tijolos ou a quantia de dinheiro oferecida pela firma construtora deveriam desocupar o beco. As mudanças, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente em cima do caminhão (também oferecido pela firma construtora). Os vizinhos próximos observavam a partida, sabendo que daí a uns dias seriam eles. O caminhão levantava poeira. Bom era que, com pó caindo nos olhos da gente, se podia chorar como se nada fosse (Evaristo, 2018, p. 63).

Como se pode notar o fragmento retrata de forma crua e intensa o processo de desfavelamento, mostrando a violência simbólica e material sofrida pelos moradores. A narrativa, ao alternar descrição objetiva e sensorial, transmite não apenas a ação — a chegada dos tratores, a retirada das pessoas e de seus pertences —, mas também a experiência vivida pelos personagens, marcada por poeira, barulho, desamparo e humilhação. A autora utiliza listas caóticas e repetição de palavras (“merda e merda”) para refletir o desordenamento da vida dos moradores e a sensação de impotência diante da ação da construtora.

Além disso, o trecho evidencia a resiliência e a subjetividade das personagens, como no detalhe do último período: “bom era que, com pó caindo nos olhos da gente, se podia chorar como se nada fosse.” Nesse momento, Evaristo revela a capacidade de encontrar pequenos

refúgios de emoção e alívio em meio à violência urbana, reforçando a dimensão humana e sensível da narrativa.

Cruz (2015) aponta uma característica marcante na obra da escritora: a presença central da violência em muitos de seus enredos. No entanto, ele destaca que o que torna sua escrita única é o profundo impacto das cenas violentas, apresentadas de maneira a criar uma surpreendente leveza ao abordar o tema. O autor também menciona que a voz do narrador é feminina e negra, por si só, já seria suficiente para manter um tom poético na descrição das personagens, como no trecho:

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria Nova estava sendo forjada a ferro e fogo. A vida não brincava com ela, ela não brincava com a vida. Ela tão nova e já viva mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo nos ombros (Evaristo, 2018, p. 58).

No trecho retirado de *Becos da Memória* (2018), Conceição Evaristo constrói uma narrativa marcada por uma linguagem crua e profundamente sensível, que expõe com intensidade a vivência de uma menina que, embora jovem, já é atravessada por dores e responsabilidades que ultrapassam sua idade. A imagem de Maria-Nova, magra, esguia, com os ossos prestes a furar o vestido gasto, traduz visualmente a precariedade material e emocional em que ela está inserida. A metáfora de estar sendo “forjada a ferro e fogo” revela o processo doloroso e precoce de amadurecimento, evidenciando como a adversidade esculpe subjetividades marcadas pela resistência.

A autora não suaviza a realidade, mas a encara com firmeza, apresentando-a em sua complexidade e densidade. Ainda assim, essa dureza é atravessada por uma sensível percepção de coletividade: a menina entende que sua dor não é só sua, que ela carrega, nos próprios ombros frágeis, a herança de um sofrimento coletivo, ancestral, acumulado ao longo de gerações. Ao mesmo tempo em que denuncia as injustiças sociais e a negligência histórica com as populações periféricas, a narrativa também celebra a força, a lucidez precoce e a capacidade de resistência dessas vidas. Evaristo transforma a dor em matéria literária potente, tornando visíveis experiências frequentemente invisibilizadas e ressignificando-as com uma escrita que toca, denuncia e emociona.

Contudo, o aspecto mais importante é a representação da proximidade dessa voz que narra os acontecimentos e se desenvolve intensamente diante do leitor. Para concluir, Palmeira e Souza (2008) retratam Evaristo como uma escritora afro-brasileira que navega entre os

espaços dos movimentos sociais e o meio acadêmico. Ela é uma mulher que escreve a partir de suas identidades como mulher, brasileira, negra, pesquisadora e militante. Tanto sua produção teórica, quanto literária destacam personagens que enfrentam simultaneamente o racismo e o sexismo, imbuindo sua obra com reflexões sobre questões de etnia e gênero.

Quanto à trajetória acadêmica de Evaristo, as autoras ressaltam que ela é fundamental para a literatura brasileira contemporânea, destacando sua capacidade de articular questões sociais, raciais e de gênero em suas obras. Eles enfatizam como Evaristo utiliza sua escrita para dar voz a personagens que representam os marginalizados, especialmente mulheres negras, cujas histórias são frequentemente silenciadas. Apontam também para a riqueza de sua linguagem, que mescla elementos poéticos e narrativos, criando uma estética única que reflete a complexidade das experiências vividas nas periferias. Além disso, Palmeira e Souza (2008) destacam o papel de Evaristo como importante figura na luta por justiça social e igualdade, evidenciando seu compromisso em trazer à tona as realidades do povo excluído e em promover uma reflexão crítica sobre as desigualdades presentes na sociedade brasileira.

Dessa forma, não podemos considerar a experiência humilde como a principal marca dos escritos de Evaristo. O que realmente se destaca é a força dessa vivência no processo de construção e desconstrução de elementos que revelam uma nova forma de representar a realidade, marcada por uma literalidade que ultrapassa as fronteiras do século XX. Isso ressalta essa experiência como uma marca, tornando evidente como um discurso. Assim, podemos inferir a combinação de duas personagens que se comunicam no ato de fazer literatura: a escritora que vivenciou e conhece a realidade que retrata em seus textos especialmente no objeto de pesquisa *Becos da Memória* (2018) e na construção da personagem Maria-Nova.

A escritora, consciente de seu papel acadêmico e de sua posição na ciência literária, ressignifica a realidade das experiências narradas por meio de seus enredos e personagens. Na narrativa, por exemplo, ela evoca memórias e expectativas da infância, refletindo sobre o futuro e a trajetória pessoal de seus personagens: “lembrou de Tio Totó e Maria-Velha. Pensou que seria velha um dia. O que seria quando crescesse? Mãe Joana, Maria-Velha, Tião Tantão, todos diziam que a vida para ela seria diferente. Seria?! Afinal ela estava estudando” (Evaristo, 2018, p. 83). A passagem evidencia como a autora constrói personagens que, ao mesmo tempo, resgatam experiências vividas e projetam possibilidades de transformação, articulando memória, subjetividade e crítica social.

Assim, entende-se que a escola é vista pelos personagens como um espaço de possível ascensão social, oferecendo a chance de traçar novos caminhos que os levem a destinos

diferentes daqueles impostos aos moradores da favela, os quais, por sua vez, resultaram em muitos traumas. Nesse sentido, as histórias contadas a Maria-Nova desempenhavam um papel fundamental na formação da identidade da personagem, incorporando as memórias e as experiências emocionais e físicas de seus antepassados negros, que foram trazidos ao Brasil de forma forçada – e, sem dúvida, desumana. Esses relatos a incomodavam profundamente.

Sendo assim, Evaristo procura formas construtivas de retratar o corpo negro, valorizando suas singularidades e resgatando a dignidade e a beleza presentes nas experiências e na cultura afro-brasileira. Por meio de suas obras, ela desafia estereótipos negativos e promove uma visão que celebra a força, a resistência e a riqueza das identidades. Verificamos nas obras da autora, que a sua voz na narrativa confere à inflexão que dá aos seus textos, pondo a descoberto a suas intenções, o que sempre funciona como um fator de motivação para a leitura.

Se a publicação de *Becos da Memória* (2018) levou vinte anos para ser publicado, o processo de escrita do livro foi rápido, muito rápido. “Em poucos meses, minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências que minha família e eu tínhamos vivido um dia” (Evaristo, 2017, p. 12-13). Ao relatar esse significativo intervalo entre a escrita e a publicação da obra em questão, pode-se analisar como as condições de produção e as instâncias de legitimidade ainda afetam aqueles que, vindos de lugares distantes dos centros — econômicos, sociais, geográficos — lutam para transpor essas barreiras. O próprio processo de escrita da obra mostra-se como um ato de transformação da marginalização em poder, quando apresenta uma narradora negra e esta assume não só a escrita, como encena situações em que o negro se apodera das palavras e mostra-se através delas. “Tenho dito que *Becos da Memória* é uma criação que pode ser lida como ficção da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (Evaristo, 2017, p. 12-13).

Conforme Homi Bhabha (2006, p.134), existe um processo em que “o olhar de vigilância retorna contra o olhar deslocador do disciplinado, em que o observador se torna observado” (cf. Santiago, 2000, p. 17). Nesse sentido, a representação “parcial” reconfigura a identidade, afastando-a de uma essência fixa. A memória atua como base para essa construção, permitindo que o negro se apresente como sujeito histórico e enunciador de sua própria trajetória. Ao assumir essa posição de porta-voz, ele “reverte os efeitos da exclusão imposta pelos detentores do saber e do poder, de modo que saberes historicamente negados se infiltrem no discurso dominante e se tornem fundamento de autoridade e reconhecimento” (Bhabha, 2006, p. 165).

Evaristo consegue retratar em sua obra, a partir da personagem Maria-Nova, diversas histórias, situações e pessoas. Registra a luta diária dos que vivem à margem da sociedade em um país formado pela desigualdade de gêneros, de raça e da má distribuição econômica. Todos esses fatores acabam reverberando na produção e recepção das obras literárias. O que se constata, portanto, é “uma produção literária que não encontra apoio nas instâncias de legitimação como as grandes editoras não editam os autores negros, o que os leva a edições quase artesanais” (Zilá Bernd, 1984, p. 43-44).

A obra em questão é um exemplo claro da literatura marginal que não encontrou “instâncias de legitimação” dentro do sistema literário hegemônico. Nesse ponto, torna-se pertinente retomar a noção de função-autor proposta por Michel Foucault (2009), sobretudo no que diz respeito ao papel das instituições e dos mecanismos que autorizam determinados discursos enquanto silenciavam outros.

Para Foucault (2009), a função-autor está diretamente vinculada a um sistema de produção e de controle do discurso, no qual o nome do autor opera como um dispositivo de legitimação. Assim, compreender a posição de Evaristo implica reconhecer como sua voz emerge em tensão com essas estruturas de poder, ela ocupa um espaço historicamente negado, desafiando as normas que determinam quem pode ser reconhecido como autor e quais experiências podem ser consideradas literárias.

Embora tenha sido escrita nos anos 1980, sua publicação ocorreu apenas em 2006, após quase duas décadas guardada, devido à falta de apoio de editoras dispostas a viabilizar o projeto de publicação dos originais. Quando situações como essa se repetem, “cria-se um círculo vicioso: um beco para o qual esperamos que os escritores negros encontrem uma saída” (Zilá Bernd, 1984, p. 45). Nesse contexto, Evaristo ressalta que:

As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Talvez seja este o Realismo bruto de Conceição Evaristo. Entre o acontecimento e a narração do fato, há espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido, venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da Memória* é mentira. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma escrevivência (Evaristo, 2017, p. 13).

Donna Haraway (1994) argumenta que escrever é um jogo extremamente sério, pois envolve a questão fundamental da representação — quem é representado e de que forma. Essas questões são essenciais para o discurso literário. O que Evaristo expressa ao buscar e relatar suas “escrevivências” nos becos, ao narrar esses espaços de representação, pode ser comparado

a uma arena, como descreve Bakhtin (1981), onde diferentes forças políticas se confrontam e interagem entre os diversos grupos sociais.

Além disso, essa construção se relaciona à legitimação de uma identidade cultural, formada por meio dos relatos memorialísticos apresentados pela autora. De forma análoga ao mito grego de *Mnemosyne*, a deusa da memória, que assegurava que os feitos de Zeus se tornassem memoráveis. A necessidade de Zeus em conquistar *Mnemosyne* metaforiza como as relações humanas podem ser tangíveis, a existência entre o fazer, o lembrar e o existir só são possíveis se vigorar na lembrança, e preservar a sua ausência. Caso contrário, a ausência configurar-se-ia como silêncio e perda, porque esquecer, aqui, seria como morrer. Assim como Zeus precisava que suas conquistas fossem lembradas, a autora busca assegurar que as trajetórias e vivências das mulheres negras se tornem duradouramente presentes no imaginário e na memória coletiva.

A memória, portanto, pode ser compreendida como uma miríade de traços em constante movimento — um processo de construção e reconstrução que nunca se encerra por completo. Sua força reside justamente nessa dinâmica delicada e contínua, que permite à lembrança ser (des)construída a cada evocação. Na tradição grega, a memória estava intimamente ligada à figura do herói, pois recordar significava perpetuar feitos grandiosos e assegurar a imortalidade do nome. Nesse sentido, a escrita de Evaristo se afasta dessa concepção: não se trata de uma narrativa dos heróis, mas das vozes historicamente silenciadas e oprimidas. Ainda assim, sua obra resgata uma forma de ancestralidade que dialoga mais de perto com a figura da mãe preta que conta histórias ou com os griôs africanos — guardiões da memória coletiva e transmissores de saberes orais.

Assim como Zeus, Conceição Evaristo também reconhece a importância da utilização da memória, recorrendo a *Mnemosyne* para descrever suas vivências e as experiências coletivas de sua família e de gerações que se configuram nas narrativas em que a autora descreve suas reminiscências, “[...] aliando a memória aos fios da imaginação, nasce outro eu, o eu-poético, cuja linguagem transforma vida e realidade em figuras, figuras poéticas prenes de simbologia — metáforas e metonímias que paralisam o tempo [...]” (Evaristo, 2008 *apud* Prates, 2010, p. 138).

Utilizando-se de efeitos poéticos e recursos da linguagem Evaristo consegue mesclar o fictício e o real, criando personagens carregados de características, que embora sejam simbólicos, acabam se organizando na representação da história de um povo reprimido por seu passado colonial, e que graças à narrativa que acompanha recursos da vida real alinha literatura,

ficção e memória. Para Jacques Le Goff (1996, p. 11): “A memória é crucial, tanto por sua importância ímpar e fundamental nos modos de organização da identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do cruzamento entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva”. Dito isso a “[...] propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 2003, p. 419).

Em observância a essas impressões, a autora descreve como inspiração para a escrita do romance as lembranças familiares que a marcaram e que representam o mote:

Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existe mais no momento em que se dava aquela narração. A entonação da voz de minha mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova (Evaristo, 2018, p. 13).

A partir da entonação de vozes conhecidas e familiares, a autora consegue transfigurar a personagem que irá representar seu eu-poético, Maria-Nova. Partindo da curiosidade por esses lugares onde as memórias eram preservadas, ela consegue resgatá-las. Por meio de retalhos, os vazios das lembranças tomam formas que aparecem inteiras e que, atreladas aos espaços vazios por onde a consciência da ruptura com o passado se apresenta, começa-se então a confundir o sentimento de memória esfacelada e o sentimento de continuidade.

Trata-se do que Nora (1993) destaca como os lugares onde a memória se cristaliza, conceito que Evaristo procura representar já na justificativa de seu enredo. Assim:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (Nora, 1993, p. 7).

Com base na reflexão de Nora (1993), essa atenção aos lugares de memória conecta-se ao que chamamos de “subversivo, esse ato de revisitar o passado transmuta-se numa ferramenta crucial para compreender e denunciar os vários componentes que estruturam e oprimem a sociedade” (Bezerra, 2007, p. 13). Observa-se isso quando a personagem Maria-Nova revela

suas memórias quando era criança, escreveu suas reminiscências em uma homenagem póstuma àqueles que fizeram parte de sua história:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, a D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2018, p. 17).

O enredo de *Becos da Memória* (2018) busca revelar ao leitor o que as pessoas que moravam na favela e se encontram em situações de marginalização enfrentam todos os dias. A escritora não especifica em qual local o enredo se passa, por se tratar de uma denúncia social que engloba inúmeras favelas e povos, narrando o processo de desfavelamento que estava ocorrido naquela época. Assim, por meio das histórias que Maria-Nova ouvia e via, ia colecionando vivências e que, conseqüentemente, fizeram parte de sua história o que resultou em experiências para sua escrita acontecer.

Dessa maneira, situações de denúncia são muito frequentes na obra, como no seguinte trecho em que o personagem Bondade relata a interpretação e a dolorosa descoberta de um ditado popular que traduz a sua vivência na favela:

Os sonhos dão para o almoço, para o jantar nunca'. Hoje descobri a verdade do dizer daquele ditado. Sonho só alimenta até à hora do almoço, na janta, a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço de minha vida, na manhã de minha vida, e hoje, no jantar, eu só tenho fome, a desesperança... (Evaristo, 2018, p. 41-42).

Bondade faz uma denúncia das condições de vida que ela levava e que pela falta de oportunidades, acaba sobrevivendo não só com o sentido material da fome, mas com a metáfora da desesperança traduzida no trecho. O que Evaristo complementa: “hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia e como tudo era e é complicado!” (Evaristo, 2018, p. 17).

Bondade “vivía intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova cada história que escutava” (Evaristo, 2018, p. 61), por mais dolorida que fossem, ainda que sem conter as emoções, gostava de colecionar as histórias que ouvia. Porque a menina tinha o direito de conhecer a ferida que sangrava e que sempre ardia na história de seu povo, que quase sempre se apresentavam como os “vencidos”. Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida,

não da ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que ela herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó. Do Louco Luisão da Serra, da avó mansa que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que havia visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto, o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos dois lados de cá sempre ardia, doía e sangrava muito (Evaristo, 2006).

Outrossim, relacionando essas memórias ao conceito de identidade interpretados pela protagonista, Jacques Le Goff (1996) define que a memória seria “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 1996, p. 476). Essa perspectiva é reforçada por Walter Benjamin (1987), o qual afirma que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem os narradores” (Benjamin, 1987, p. 198), sendo um processo fundamental para que ocorra a preservação da memória e da história de um povo e/ou de determinada sociedade.

Por meio dos relatos contados pela protagonista conhece-se os personagens que perpassam a favela e que formam os becos, assim como a tipologia humana. Por exemplo, Vó Rita que com sua sabedoria representa a inteligência, a perspicácia e o respeito aos mais velhos; Dora se apresenta com os encantos da mulata brasileira “era sussurro, gemidos prazerosos que vinham de dentro do seu barraco [...]” (Evaristo, 2018, p. 111). Há também, Negro Alírio, que reúne forças para impedir a destruição da favela, um homem sábio que defende seus ideais. Outra história que permeia as memórias do livro é a de Ditinha, uma empregada doméstica que se apresenta muito trabalhadeira e que por consequências de suas vivências acaba roubando uma joia de dona Laura, sua patroa: “julgava a patroa tão limpa, ela tão suja. E agora, ainda por cima, ladra” (Evaristo, 2006, p. 111). Dentre tantos personagens que contribuem para a riqueza do enredo, há ainda: Maria-Velha, Cidinha-Cidoca ou Rabo-de-Ouro, como era conhecida por seus encantos de mulher. Assim apresentados, todos fazem parte daquela que era “feita de pedaços de vidas mal vividas” (Evaristo, 2006, p. 15).

A força da narrativa reside na figura da menina Maria-Nova, que, com seus olhos e ouvidos atentos às histórias dos mais velhos, carrega em si as dores e alegrias da favela. É ela quem se responsabiliza por guardar na memória uma vida ameaçada e quem assume a missão de, um dia, escrevê-la. Esse sistema sincrônico que está em constante movimento é essencial

para que histórias como a de Negro Alírio, Bondade e da própria escritora para que não se percam no esquecimento da história. Atrelados a *Mnemosyne*, o corpus em análise consegue resgatar não só a história de uma sociedade, mas de experiências que são marcadas por um sistema opressor que precisa ser modificado. Cumpre assim sua missão de obra literária, que é registrar, criticar, mostrar e emocionar o seu leitor.

2.2 O conceito de escrevivência, a representatividade feminina negra e suas narrativas de resistência

Evaristo durante uma palestra no Congresso Eduko, realizado em Belo Horizonte (MG) em 2024, que foi promovido pelo Sesc e Senac, ambos parte do Sistema Fecomércio MG, compartilhou suas ideias sobre o conceito de escrevivência. Segundo a autora, trata-se de uma abordagem que envolve um debate e o confronto de diferentes pontos de vista que representem a experiência coletiva de um grupo, deixando de lado a visão centrada apenas no indivíduo. O conceito pressupõe uma insubordinação, uma troca de lugares, uma outra perspectiva e que se faz urgente na atualidade em que tantas vozes ainda são silenciadas: vozes negras, indígenas, dos mais velhos, das pessoas com deficiência, vozes das pessoas que não seguem uma heteronormatividade.

Refletir sobre a escrita literária como forma de afirmar um saber sobre o mundo e uma forma de se posicionar diante dele pode ser algo bastante interessante, especialmente quando se considera a fala da autora “observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão” (Duarte; Nunes, 2020, p. 34).

Assim, o conceito de escrevivência emerge como uma ferramenta literária fundamental para a representação e resistência das mulheres negras na literatura brasileira. Ao integrar as palavras escrever e vivência, Evaristo propõe uma escrita que transcende o mero relato individual, incorporando a experiência coletiva de um povo historicamente marginalizado. Essa abordagem não apenas resgata memórias silenciadas, mas também serve como um ato de resistência contra a invisibilidade e a distorção da história oficial.

A escrevivência, não se limitaria a uma escrita de si, mas amplia-se para abarcar as histórias e dores de uma coletividade. Ela relata que, ao escrever como mulher preta e ao ler obras de autores e autoras negras, notava uma forte semelhança entre a voz poética e a identidade do autor. Essa experiência a fazia perceber que, enquanto escrevia, ela também

estava vivendo. Ao colocar suas ideias no papel, ela se reconhece nas palavras que produz. Ela propõe uma escrita que, sem deixar de ser pessoal, dialoga com o outro, criando uma narrativa que é tanto individual quanto coletiva. Essa prática literária se configura como uma estratégia de resistência, pois permite que as mulheres negras ocupem espaços de fala e representação, desafiando a narrativa dominante que frequentemente as exclui ou distorce suas realidades.

A escritora enfatiza que a ideia de escrevivência surgiu e está ligada à literatura, servindo como base para a interpretação e criação de textos, mas que também pode se expandir para outros contextos. Assim ela enfatiza que para a escola, os professores e as crianças que literatura não é só aquele texto que obedece a todas as regras canônicas, mas é também a literatura oral, e digo isso quando falo que eu não nasci em meio a livros, eu nasci rodeada de palavras. Além disso, atua como uma forma de desconstrução da história contada pela perspectiva da supremacia branca. Ao recontar a história do Brasil a partir da vivência das mulheres negras, ela questiona e subverte os relatos oficiais, oferecendo uma visão alternativa que reconhece e valoriza as experiências e contribuições desse grupo.

Historicamente, a literatura brasileira tem sido marcada pela ausência ou distorção da representação das mulheres negras. Porém, escritoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo têm desempenhado papéis cruciais na reescrita dessa história. Maria Firmina dos Reis, por exemplo, é reconhecida como a primeira romancista negra da América Latina, e sua obra *Úrsula* aborda questões abolicionistas e a condição da mulher negra no Brasil. Já Carolina Maria de Jesus, por sua vez, utilizou seu diário para registrar a dura realidade da favela, dando voz a uma população marginalizada e desafiando os estereótipos impostos pela sociedade. Sua escrita se configura como uma forma de resistência, ao documentar e expor as condições de vida das mulheres negras em um contexto de extrema pobreza.

Evaristo, com sua teoria da escrevivência, amplia esse movimento, propondo uma escrita que não apenas representa, mas também resiste e transforma, estabelecendo uma prática literária e política essencial para a representatividade das mulheres negras na literatura brasileira. Ao integrar as experiências individuais e coletivas, ela oferece uma narrativa que desafia as construções históricas dominantes e reivindica um espaço de fala e reconhecimento para as afro-brasileiras. Essa abordagem enriquece o panorama literário contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as vozes têm o direito de ser ouvidas e respeitadas.

Em *Becos da Memória* (2018) os personagens são construídos com sensibilidade e profundidade, revelando as complexidades das relações humanas em contextos de marginalização. A passagem a seguir exemplifica esse cuidado, mostrando Maria-Nova diante das dificuldades recentes em sua comunidade e a forma como os vínculos afetivos e a solidariedade se manifestam entre os moradores da favela. Por meio de detalhes minuciosos — desde a descrição física da personagem até as emoções compartilhadas —, Evaristo evidencia o compromisso de seus personagens com a vida, mesmo em meio à dor e às perdas:

Maria-Nova estava assentada na soleira da porta. Lavara a cabeça, estava com os cabelos soltos ao sol para secar. Seu coração desmanchava em dores. Tinha um compromisso com a vida e não podia recuar. Via diante de si os últimos fatos acontecidos, a morte de Cidinha-Cidoca e a ida da família de Ditinha, junto com outras famílias. Foi quando Bondade apareceu com seu andar manso e macio como gato andando sobre o telhado. Olhou a menina e sentiu uma ternura intensa. Maria-Nova podia ser sua filha. Sen-tiu-se covarde por repartir com ela tantas dores. Ele podia poupá-la. O cabelo solto e eriçado da menina lembravajuba de leão. Gostava muito de todos na favela. Gostava de Tio Totó, Maria-Velha, de Mãe Joana, mas pensava em Maria-Nova como filha, caso ele tivesse tido alguma (Evaristo, 2018, p. 127).

A citação acima é parte do desfecho da obra e destaca a força e a resistência da personagem Maria-Nova em meio à dor e às perdas vividas na favela. Mesmo jovem, ela carrega um sentimento profundo de compromisso com a vida, o que mostra sua maturidade e determinação diante de um contexto de sofrimento social e pessoal, a morte de Cidinha-Cidoca e a partida de outras famílias, por exemplo.

Sentada na soleira, com os cabelos soltos ao sol, Maria-Nova aparece em um momento de pausa, mas também de resistência simbólica. O cabelo solto, que Bondade compara a uma juba de leão, reforça sua imagem de força, coragem e identidade. A figura de Bondade acrescenta outra camada de sentido ao trecho. Ao sentir ternura e imaginar Maria-Nova como filha, ele reconhece a intensidade do sofrimento que ela carrega e sua coragem diante disso. Ele se sente covarde por não a proteger, o que mostra o contraste entre a vontade de cuidar e a impotência diante das dores coletivas vividas na favela.

A protagonista representa a força das mulheres negras e periféricas, que enfrentam perdas, desalojamentos e violência com uma firmeza silenciosa, mantendo a dignidade e o compromisso com a vida. Ela é símbolo de resistência em meio à memória e à luta coletiva retratada no romance. O seu compromisso com a vida, revela uma força interior que vai além da sua juventude. Mesmo marcada pela dor como a morte de Cidinha-Cidoca e o êxodo de famílias da favela, ela não se entrega ao desespero. Ao contrário, ela se posiciona como alguém que, apesar do sofrimento, escolhe continuar, resistir e manter viva a esperança.

Esse compromisso é com a própria sobrevivência, com a memória, a dignidade e a coletividade. A personagem sente o peso do que acontece ao seu redor e assume um papel de testemunha e de continuidade. Ela compreende, mesmo que de forma silenciosa, que sua existência é parte de uma história maior, a da comunidade que sofre com a exclusão e a violência. Seu gesto simples, como secar os cabelos ao sol, torna-se símbolo de resistência cotidiana. Ela permanece, enfrenta, sonha, mesmo em meio à destruição. Seu compromisso com a vida, portanto, é um ato de coragem e afirmação, é não permitir que a dor apague sua identidade, sua humanidade e sua capacidade de lutar.

Becos da Memória (2018) é marcado por uma intensa dramaticidade, o que desvela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. Barracos e calçadas, bordéis e delegacias compõem o cenário urbano com que se defrontam os excluídos de todos os matizes e gradações, o que insinua ao leitor qual a cor da pobreza brasileira. No entanto, a autora escapa das soluções fáceis: não faz do morro território de *glamour* e fetiche; tampouco, investe no traço simples do realismo brutal, o qual acaba transformando a violência em produto comercial para a sedenta sociedade de consumo.

Na configuração do romance em questão pululam aqui e ali, ora na ficção, ora em entrevistas, ora em textos acadêmicos, peças para a montagem de seu quebra-cabeça literário e biográfico. Uma das peças desse jogo parece ser a natureza da relação contratual estabelecida entre o leitor e o espaço autoficcional em que se insere a narrativa. A figura autoral das vivências, ajuda a criar imagens de outra(s) Evaristo(s), projetada(s) em seus personagens, como Maria-Nova, por exemplo. Em outras palavras, processa-se uma espécie de exercício de elasticidade de um eu-central. Desliza-se com facilidade na prosa de Evaristo entre o romance e a escrita de si. Se, tradicionalmente, aquele se preocupa com o universal humano e esta, com o particular ou com o indivíduo, a autora propõe a junção dos dois gêneros, pois, para ela, pensar a si é também pensar seu coletivo. Do ponto de vista formal não é diferente, não se utilizam capítulos, mas fragmentos, bem ao gosto do narrador popular benjaminiano. Nessa perspectiva, vê-se o mundo através da ótica dos fragmentos e dos indivíduos anônimos que compõem boa parte da teia social.

No *corpus* escolhido há traço biográfico e memorialístico, nota-se o que a autora nomeia de *escrevivência*, ou seja, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. A leitura antecede e nutre as escritas de Evaristo e de Maria-Nova, razão pela qual lutam contra a existência em condições desfavoráveis. Ler é também arquivar a si, pois se

selecionam momentos e estratégias de elaboração do passado, o qual compõe as cenas vividas, escritas e recriadas em muitos de seus personagens. Finalmente, decodificar o universo das palavras, para a autora e para Maria-Nova, torna-se uma maneira de suportar o mundo, o que proporciona um duplo movimento de fuga e inserção no espaço. Não menos importante, a escrita também abarca estas duas possibilidades: evadir para sonhar e inserir-se para modificar.

O lugar de enunciação mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, vale dizer, sobretudo, com o universo das mulheres negras. E o universo do sujeito autoral parece ser recriado através das caracterizações físicas, psicológicas, sociais e econômicas de suas personagens do gênero feminino. Maria-Nova, aos nossos olhos, compõe-se, mais do que todas as personagens, de rastros do sujeito autoral: menina, negra, habitante durante a infância de uma favela e que vê na escrita uma forma de expressão e resistência à sorte de seu existir. Uma ponte metafórica que arriscamos construir permite perceber, ainda, o fato de ambas serem provenientes de famílias sustentadas por matriarcas lavadeiras, transitantes entre os mundos da prosperidade e da miséria. Nesse sentido, Evaristo e Maria-Nova cumpriram, no espaço familiar em que estiveram, o papel de mediação cultural, contribuindo para o aperfeiçoamento do processo de *bildung* de cada uma. No livro, se constrói-se, então, a partir de “rastros” fornecidos por aqueles três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência.

O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa.

No caso do livro em questão, ao se observar a voz enunciativa marcada por oralidade, reminiscência e por um espaço social específico como o “morro do Pindura Saia”, nota-se uma clara materialização da escrevivência. Há um jogo especular entre a vivência da autora (sujeito empírico) e a trajetória da personagem Maria-Nova, em que a favela não é apenas cenário, mas lugar de existência, memória e construção de subjetividade. A voz narrativa tece, assim, uma experiência que não se pretende meramente ficcional: ela pulsa com a autenticidade do vivido, embora mediada pela ficcionalização. Isso reforça a noção de que, na escrevivência, o eu que escreve se confunde com o eu que viveu e que ainda vive no texto.

Nesse sentido, o “morro do Pindura Saia” não é só um espaço literário, mas uma espécie de espelho da infância da autora, revelando as marcas sociais, afetivas e culturais que alimentam sua escrita. A escrevivência, aqui, não se limita ao conteúdo temático, ela estrutura a própria forma narrativa, onde a oralidade, o ritmo, a memória e o corpo da linguagem se entrelaçam.

2.2.1 O fazer literário periférico como espaço de resistência

A produção literária oriunda das periferias brasileiras constitui um espaço estético e político de resistência, no qual sujeitos historicamente marginalizados assumem a palavra e reivindicam sua presença no campo literário. O corpo social periférico é atravessado por múltiplas vozes que, por muito tempo, permaneceram silenciadas ou relegadas às bordas do sistema literário hegemônico. Quando indivíduos desses espaços se reconhecem como leitores e escritores possíveis, suas narrativas passam a tensionar as estruturas que os oprimem, revelando experiências invisibilizadas, como afirma Dalcastagnè (2012) grande parte da literatura produzida nesse contexto emerge justamente para romper o silêncio, projetando na escrita as urgências e singularidades de suas comunidades.

As obras que nascem desse lugar social articulam uma estética própria, profundamente marcada pelas demandas cotidianas e pelas violências simbólicas e materiais que estruturam a vida nas periferias urbanas. Por isso, textos como *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus (1960), e *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (2018), ultrapassam a condição de mero testemunho social, configurando-se como literatura em seu sentido pleno: construção artística, elaboração estética e intervenção política. Ao propor a leitura de Carolina como literatura e não como documento histórico, Dalcastagnè (2012) evidencia o alcance estético de sua escrita, cuja dicção singular é capaz de produzir beleza, impacto e experiência literária, mesmo quando se distancia dos padrões instituídos pela elite letrada. O mesmo argumento pode ser estendido à obra de Conceição Evaristo, cuja escrevivência inscreve a experiência negra e periférica no centro da cena literária.

Entre as inúmeras temáticas que atravessam a literatura periférica, destaca-se a fome, elemento recorrente e constitutivo das narrativas de Carolina de Jesus. Passagens como as registradas em seu diário, datadas de 15 julho e 16 de julho de 1955, revelam a materialidade brutal da desigualdade social, evidenciando como a escassez, a precariedade e o descaso

moldam a subjetividade dos sujeitos marginalizados. Para além da denúncia, a fome funciona como elemento estruturante de uma estética que articula dor, resistência e invenção de si:

DE JULHO DE 1955 Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão.

16 DE JULHO Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar agua. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão [...]. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça.

Em sentido semelhante, *Becos da Memória* (2028) retrata o cotidiano da favela como espaço no qual convivem beleza e violência, afetos e fraturas, solidariedade e abandono. A miséria, o crime, a exclusão e o desfavelamento atravessam a narrativa, compondo um quadro social que, embora frequentemente representado de maneira estigmatizada pela mídia e pela literatura tradicional, aqui ganha densidade subjetiva. As personagens criadas por Carolina Maria e Conceição Evaristo evidenciam que, mesmo diante das condições mais adversas, existem sujeitos pensantes, sensíveis e profundamente criativos, cujas experiências ampliam a compreensão do que se entende por literatura.

Assim, essas obras não apenas denunciam a desigualdade estrutural que marca a sociedade brasileira, mas também exercem um papel humanizador ao conferir dignidade àquelas vidas tantas vezes reduzidas a estereótipos. A literatura periférica reivindica voz e lugar para indivíduos historicamente privados do direito de se narrar, ampliando o repertório de experiências representadas no campo literário. Nesse processo, suas autoras e autores revelam que a palavra literária pode ser, simultaneamente, instrumento de resistência, afirmação identitária e transformação social.

2.3 A literatura afro-brasileira, suas características e letramento

A literatura afro-brasileira pode ser definida como a produção literária feita por autores negros ou que se dedica à representação da experiência negra no Brasil. Essa literatura se caracteriza pela valorização da ancestralidade africana, pela denúncia do racismo estrutural, pela exaltação da identidade negra, e pela reconstrução de narrativas históricas a partir de uma perspectiva afrocentrada. Escritores como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Machado de Assis (reconhecido também como autor negro) e Cuti são figuras centrais desse

campo literário, que desafia o cânone tradicional ao inserir vozes e experiências historicamente silenciadas.

O foco da Lei 10.639/03 está na educação escolar e sua implementação é crucial para promover a equidade educacional, através do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e estimular uma reflexão crítica sobre a diversidade. Um estudo sobre a aplicabilidade dessa lei como um meio de garantir direitos humanos e cidadania busca analisar se ela está sendo efetivamente utilizada para esse propósito, especialmente em escolas.

A lei em questão, modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) para incluir o estudo obrigatório da cultura e história afro-brasileira e africana em todas as instituições de ensino, públicas e privadas, bem como nas Diretrizes Curriculares. Essa legislação traz novas diretrizes para as políticas públicas no sentido de combater a desigualdade racial. Além disso, ela estimula uma reflexão sobre as contribuições da cultura africana para a formação histórica do povo brasileiro, resgatando o papel do negro na história do Brasil.

A literatura afro-brasileira ainda pode ser pouco conhecida por muitas pessoas, mas sua produção vem aumentando ao longo do tempo. De acordo com o professor Eduardo Assis Duarte (2008), essa forma de expressão já existe desde o século XVIII. Ela tem como principal característica dar espaço e representatividade à população negra, permitindo que suas histórias, experiências e lutas sejam ouvidas e valorizadas.

De acordo com a professora Florentina Souza (2008), A literatura sempre carregou consigo uma aura de espaço discursivo restrito a alguns poucos. Ou seja, isso significa que, para algumas pessoas, o espaço na literatura sempre foi negado, tanto em termos de discurso quanto na forma como são retratadas como personagens. Ao longo da história, as pessoas negras têm sido excluídas desses espaços. A escritora e pesquisadora Regina Dalcastagnè (2008) realizou uma pesquisa sobre a presença de pessoas negras na literatura brasileira e, segundo ela:

São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do país publicados nos últimos 15 anos identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isto sugere uma outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo. Segundo a pesquisadora, se é possível encontrar, aqui e ali, a reprodução paródica do discurso racista, com intenção crítica, “ficam de fora a opressão cotidiana das populações negras e as barreiras que a discriminação impõe às suas trajetórias de vida. O mito, persistente, da ‘democracia racial’ elimina tais questões dos discursos públicos, incluindo aí o do romance (Dalcastagnè, 2008, p.87).

Além disso, esses personagens costumam ser retratados de maneira semelhante, o que perpetua uma imagem negativa e estereotipada dos afro-brasileiros, como explica Dalcastagnè (2008):

Mais de um quinto dos negros representados nos romances em foco são bandidos ou contraventores (E a eles poderiam ser acrescentados mais três presidiários). É notável também que duas categorias “femininas” – o emprego doméstico e a prostituição ou seus arredores – apareçam com mais frequência do que “dona-de-casa”, a Ocupação por excelência das personagens femininas brancas (Dalcastagnè, 2008, p.94).

As informações apresentadas pela pesquisadora evidenciam um aspecto excludente da literatura brasileira. Por outro lado, a literatura negra, ou afro-brasileira, segue um caminho oposto, pois permite que as pessoas negras sejam protagonistas de suas próprias histórias, obras e criações, exaltando a identidade negra por meio da perspectiva de quem vivencia essa realidade ao escrever. Para que uma obra seja classificada como literatura afro-brasileira, é necessário que ela aborde certas especificidades, como explica a professora Zilá Bernd (2011):

De acordo com estudos realizados por diversos autores teóricos a respeito de sua singularidade, é possível afirmar que a literatura negra ou afro-brasileira apresenta especificidades, entre as quais: a) a temática dominante é o negro na sociedade, o resgate de sua memória, religiões, cultura e a denúncia contra o drama da marginalidade do negro na brasileira devido, sobretudo, à persistência de diferentes formas de preconceito; b) o ponto de vista é o do negro que emerge no poema como o eu enunciator, assumindo as rédeas de sua enunciação; c) a linguagem possui vocabulário próprio associado à oralidade da cultura; d) o imaginário corresponde ao conjunto de representações que as comunidades negras constroem sobre si mesmas e mediante as quais se opera a paulatina indenitória (Bernd, 2011, p. 32).

Em outras palavras, a literatura negra possui características únicas que não podem ser encontradas em obras que não são negras, formando um conjunto de elementos específicos. O professor Duarte (2008) define que: “a partir, portanto, da conjunção dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se contatar a existência da literatura afro-brasileira” (Duarte, 2008, p.21).

Para Evaristo (2010) a literatura negra apresenta um forte teor ideológico, pelo fato de lidar, de tomar como pano de fundo e de eleger como sua temática a história do negro, a sua inserção e as relações étnicas da sociedade brasileira. Discutir a literatura afro-brasileira também envolve abordar os movimentos sociais, especialmente o movimento negro, que teve um papel fundamental nas lutas pela igualdade racial. Segundo a autora:

Percebe-se que determinado discurso literário afro-brasileiro não está desvencilhado das pontuações ideológicas do Movimento Negro. A expressividade negra vai ganhar uma nova consciência política sob a inspiração do Movimento Negro Brasileiro, que

na década de 1970 volta o seu olhar para a África. [...] amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência (Evaristo, 2010, p 25).

O movimento negro exerceu uma forte influência nas temáticas exploradas nas obras literárias afro-brasileiras, que começaram a ser mais divulgadas a partir de uma iniciativa criada em 1978, por: “um grupo de oito jovens afro-brasileiros lançou, em São Paulo, o primeiro Número dos *Cadernos negros* (CN) - uma antologia de contos e poemas de autores autodenominados afro-brasileiros nos quais são contemplados vários temas do cotidiano e da história do negro no Brasil (Souza, 2008, p. 2). As edições dos *Cadernos Negros* continuam a ser publicadas até hoje, embora seu acesso seja limitado, uma vez que não são comercializadas por grandes editoras (Souza, 2008). Apesar dessas dificuldades, essas publicações foram fundamentais para o crescimento e o reconhecimento dos estudos sobre literatura negra ou afro-brasileira.

Apesar do aumento do reconhecimento e da popularidade das obras afro-brasileiras, elas ainda não têm sido amplamente divulgadas no ambiente escolar, como destaca Evaristo (2009, p. 27): “a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares”. Atuando há mais de 20 anos no ambiente escolar, é possível constatar com clareza a veracidade da afirmação da autora sobre a invisibilidade da literatura afro-brasileira nas instituições de ensino.

Apesar dos avanços nas discussões sobre diversidade e inclusão, essa produção literária ainda é amplamente negligenciada nos currículos escolares, que seguem privilegiando uma visão eurocêntrica da cultura e da história. A literatura afro-brasileira, rica em narrativas, ancestralidade, resistência e identidade, permanece à margem, sendo pouco explorada tanto nos livros didáticos quanto nas práticas pedagógicas cotidianas. Essa ausência reforça estereótipos e limita o repertório cultural dos estudantes, privando-os de conhecerem outras formas de expressão e de representação da realidade brasileira. Reconhecer e valorizar essa literatura é um passo essencial para a construção de uma educação mais plural, crítica e inclusiva.

Incluir a literatura negra nas instituições de ensino é essencial para o cumprimento da Lei 10.639/03, pois se refere a obras criadas por pessoas negras que abordam temas relevantes para os afro-brasileiros. É importante que todos os alunos, incluindo os não negros, conheçam e estudem essa literatura para que possam compreender e respeitar a realidade de seus colegas negros. É provável que afrodescendentes que tenham acesso a essa literatura, que promove o

protagonismo negro, possuam mais referências positivas e representativas na formação de sua identidade. É importante compreender como a escola influencia na construção da identidade negra e o papel da literatura afro-brasileira como parte desse processo.

Estimular a leitura literária à luz da literatura afro-brasileira deve ser uma prioridade para uma sociedade que valoriza a inclusão cultural e o desenvolvimento intelectual de seus membros, já que a leitura é essencial para adquirir conhecimento e preservar a cultura. Iniciativas que promovam a diversidade cultural são fundamentais para a formação das pessoas. É importante ressaltar que o bem-estar de uma comunidade está diretamente ligado à democratização do acesso à leitura e às expressões artísticas e culturais, que não só proporcionam lazer e entretenimento, mas também enriquecem pessoalmente e valorizam a diversidade cultural.

A relevância da literatura afro-brasileira no cenário literário nacional reside na sua capacidade de ampliar os horizontes da representação cultural, ao incluir temas e perspectivas que dialogam diretamente com a realidade de grande parte da população brasileira. Além disso, essa literatura propõe uma leitura crítica da sociedade e dos seus mecanismos de exclusão, tornando-se, assim, um instrumento de resistência e de transformação social.

A leitura literária que investigue a questão étnico-racial revela que a literatura afro-brasileira pode ser uma oportunidade valiosa para promover a reeducação da diversidade, visando resgatar a identidade de crianças e jovens, especialmente dos negros. Acreditamos que vários estereótipos associados ao negro podem ser desmistificados através do conhecimento dessa literatura, evidenciando a diversidade como uma necessidade para a transformação de valores e representações do outro. E dentro do espaço escolar ela pode ser disseminada aos educandos quando apresentadas e apreciadas pelos educadores. Essa abordagem, conforme sugere Gomes (2003):

[...] nos coloca diante dos diversos espaços sociais em que o educativo acontece e nos convida a extrapolar os muros da escola e a ressignificar a prática educativa, a relação com o conhecimento, o currículo e a comunidade escolar. Coloca-nos também diante do desafio da mudança de valores, de lógicas e de representações sobre o outro, principalmente, aqueles que fazem parte de grupos historicamente excluídos (Gomes, 2003, p. 75).

Nesse contexto, o caminho de riquezas e memórias proporcionadas pela literatura afro-brasileira visa analisar a eficácia dessa literatura, especialmente as obras que predominam o tipo narrativo, na valorização da identidade negra e das experiências dos leitores. É fundamental que essa identidade seja ressignificada pelos próprios leitores. A literatura afro-brasileira desempenha um papel essencial na desconstrução de estereótipos e na promoção de um olhar

mais crítico sobre o racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Discutir as possibilidades que essa produção oferece é, portanto, um caminho fecundo para compreender as relações sociais, bem como os modos de constituição da subjetividade diante do outro.

Nesse sentido, Evaristo se destaca por sua habilidade em criar personagens profundamente humanizados, cuja complexidade psicológica e afetiva permite ao leitor um contato íntimo com experiências de dor, resistência, memória e pertencimento. Como observa Candido (1970), o personagem é uma “forma de representação simbólica do ser humano”, e, em Evaristo, essa representação se dá de maneira sensível e crítica, atravessada por marcadores sociais como raça, classe e gênero. O olhar atento à construção das personagens que movimentam o enredo nos aproxima das camadas mais íntimas de suas existências, promovendo não apenas identificação, mas também consciência de negritude e de pertencimento coletivo. Essa consciência, ao reconhecer as origens africanas e valorizar as diferenças, contribui para uma compreensão mais plural da sociedade brasileira, marcada pela multiplicidade de alteridades.

Para Dalcastagnè (2012), a representação literária dos sujeitos marginalizados amplia o repertório simbólico dos leitores e intervém no modo como as identidades sociais são compreendidas e legitimadas no espaço público. Dessa forma, ao formar leitores mais críticos e empáticos, a literatura afro-brasileira questiona o racismo propondo novas formas de convivência e reconhecimento social. A leitura de uma obra literária envolve habilidades específicas em virtude da natureza desse texto. A realidade é transformada por meio da linguagem empregada, criando mundos subjetivos, ficcionais. Além disso, são usados recursos estilísticos, como a seleção rigorosa de palavras, uma organização sintática pontual, a fim de enaltecer determinados sentidos ou ainda gerar ambiguidades, essa vivência literária adquire ainda mais potência quando articulada ao conceito de letramento literário.

Segundo Magda Soares (2004), o letramento vai além do domínio técnico da leitura e da escrita, envolvendo práticas sociais que atribuem sentido a essas atividades em contextos significativos. O letramento literário é uma vertente do letramento que se concentra no desenvolvimento da competência do leitor para compreender, interpretar e fruir textos literários, indo além da simples decodificação das palavras: trata-se da inserção do sujeito no universo simbólico da literatura, permitindo-lhe experimentar esteticamente a linguagem e compreender os diversos sentidos que um texto literário pode produzir.

Para Rildo Cosson (2006), o letramento literário é o processo de apropriação da literatura como prática social. Ele propõe uma metodologia de ensino da literatura nas escolas

que valoriza o contato sistemático e significativo com textos literários, principalmente por meio do trabalho com sequências didáticas. Ainda conforme o autor, o letramento literário consiste na maneira como nos apropriamos da literatura como forma de expressão, sendo um processo dinâmico e contínuo, semelhante à evolução da linguagem. Ele envolve a compreensão e interpretação pessoal e única das obras literárias. E “a formação do leitor literário é um processo contínuo e sistemático, que exige planejamento e mediação adequada por parte do professor” (Cosson, 2006, p. 27). Assim, considerando que os livros têm o papel de disseminar a cultura e que a cultura envolve a produção, preservação e avanço dos valores intelectuais, ideias, ciências e artes, é compreensível que os leitores se sintam motivados a explorar as diversas expressões artísticas e culturais de uma sociedade específica.

Além disso, Teresa Colomer (2007) destaca que o desenvolvimento do letramento literário se dá na medida em que o leitor é incentivado a construir significados, relacionar diferentes obras e compreender os recursos estilísticos e narrativos próprios do texto literário. Ela defende que a leitura literária forma cidadãos críticos, capazes de interpretar o mundo por meio da imaginação e da empatia.

Nesse sentido, destacamos que a literatura está intimamente relacionada à vida em comunidade desempenhando um papel crucial na promoção de transformações sociais, como aponta Silva (2019):

A literatura está vinculada à sociedade em que se origina, assim como todo tipo de arte, pois o artista não consegue ser indiferente à realidade. A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque através de suas obras o artista transmite seus sentimentos e ideias do mundo, levando seu leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante a realidade, assim a literatura auxilia no processo de transformação social (Silva, 2019, p. 1).

É importante ressaltar que a literatura está interligada a diversas áreas do conhecimento, mas vamos nos concentrar em destacar sua conexão direta com as expressões artísticas e o envolvimento cultural. Ela difunde as expressões culturais e a arte em todas as suas formas, e o desenvolvimento do leitor em potencial ajuda a moldar indivíduos que valorizam a cultura, devido ao papel social da leitura, como menciona Noberto (2011):

leitura é um dos meios mais eficientes de formar cidadãos, e a literatura, parte intrínseca desta, é uma das mais belas formas da expressividade humana. Sua função social permite o gosto pelas artes, cultura e conhecimento de si mesmo, pois tem o poder de expressar os sentimentos mais especiais do homem, merecendo, desta forma, a importância e os valores sociais enquanto manifestação artística (Noberto, 2011, p. 1).

A mensagem que a representação da personagem em estudo transmite, nos leva a refletir sobre o conceito de leitura de forma mais ampla. Antes mesmo da escolarização formal, as pessoas já praticam uma forma de leitura do mundo ao seu redor, expressando-se e comunicando-se de maneiras que não necessariamente utilizam o código escrito valorizado nas instituições de ensino. Essa leitura pode incluir expressões artísticas, culturais e experiências cotidianas que carregam significados profundos. Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo (Freire, 1989). E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Dessa forma, o letramento literário deve ser compreendido como uma prática pedagógica que promove a sensibilidade estética, a reflexão crítica e o desenvolvimento da capacidade interpretativa dos leitores. Ao incluir em seu repertório a literatura afro-brasileira, essa prática amplia sua potência formadora, pois reconhece e valoriza a diversidade cultural e étnico-racial presente na sociedade. O contato com obras de autores negros e com narrativas que tematizam a história, a cultura e a subjetividade da população afrodescendente contribui não apenas para a formação de leitores críticos, mas também para a construção de uma educação antirracista. Assim, o letramento literário se consolida como uma forma de formação integral, que reconhece o valor da literatura, inclusive a afro-brasileira como instrumento de transformação social, pessoal e de afirmação indenitária.

Nessa perspectiva, o trabalho com obras como *Becos da Memória* (2018) oferece ao leitor muito mais do que o desenvolvimento do letramento literário: promove uma ampliação significativa de sua visão de mundo. Ao entrar em contato com narrativas que revelam realidades historicamente marginalizadas e silenciadas, o leitor é provocado a exercitar a empatia, a refletir criticamente sobre as estruturas sociais e a reconhecer as marcas do racismo e da exclusão presentes na sociedade. A leitura, portanto, deixa de ser uma atividade meramente estética e se transforma em um ato político e formativo, contribuindo para a construção de sujeitos conscientes de sua identidade, de sua história e de seu papel na transformação da realidade social.

A inserção dessa literatura nas escolas, bibliotecas e espaços culturais é, portanto, uma forma eficaz de democratizar o acesso ao conhecimento, ao mesmo tempo em que estimula o desenvolvimento de habilidades leitoras que consideram as dimensões éticas, estéticas e sociais do texto literário. Nesse processo, o contato com obras da literatura afro-brasileira contribui

para o letramento literário dos leitores ampliando a percepção sobre a diversidade cultural e a complexidade das relações sociais brasileiras.

Um exemplo significativo dessa potência literária pode ser observado no *corpus* escolhido. A voz enunciativa, marcada pelo tom de oralidade e pela força da reminiscência, desafia situações que, ainda que não sejam necessariamente verdadeiras, apresentam-se como verossímeis e se ambientam no ‘morro do Pindura Saia’ — espaço que remete de forma intensa ao cenário da infância da autora. Essa construção narrativa estabelece um ‘jogo especular’ entre a experiência do sujeito empírico e a de Maria-Nova, protagonista da obra, ultrapassando a simples correspondência espacial entre a favela ficcional e a favela real vivida por Evaristo. Ao aproximar memória, ficção e denúncia social, a autora transforma a literatura em um instrumento de representação e resistência, abrindo espaço para que vozes historicamente silenciadas sejam ouvidas, compreendidas e valorizadas.

Outro exemplo expressivo desse jogo especular aparece em uma experiência vivida por Evaristo e retomada na trajetória de Maria-Nova. Trata-se do impacto causado pelo estudo da escravidão e de seus desdobramentos no ambiente escolar, algo que tem se configurado, para muitas crianças negras, como um verdadeiro trauma. Enquanto a professora se limitava à leitura de um conteúdo abstrato e com visão eurocêntrica acerca do passado escravocrata, a protagonista não conseguia enxergar naquele ato — e na escola — sentido para a concretude daquele assunto. Afinal, tanto Maria-Nova quanto a própria autora carregavam na pele as marcas da exploração do homem pelo homem na terra brasilis. Como sujeito-mulher negra, abandonada à própria sorte a partir de 14 de maio de 1888, voltou-se para a professora e para a turma. Era uma história imensa — uma história viva, nascida das pessoas, do hoje, do agora. Algo bem diferente de simplesmente ler aquele texto.

Mais uma evidência pode ser observada nesse trecho: “assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento, quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (Evaristo, 2018, p. 138). Esse momento evidencia uma consciência incipiente de que a história das lutas da população negra no Brasil remonta às primeiras levas diaspóricas. Nesse sentido, a personagem aproxima-se do célebre questionamento formulado por Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*. A questão, contudo, ultrapassa a simples possibilidade da fala: implica ser ouvida, registrar e construir outra narrativa, outra epistemologia, que supere o arquivamento das versões dos vencidos e valorize o sujeito comum, anônimo e cotidiano.

Assim, pode-se afirmar que Maria Nova, mesmo sem plena consciência, delineia o cerne das problematizações que fundamentam os Estudos Pós-Coloniais e a História Nova.

Nesse sentido, os corpos-textos de Maria-Nova e Evaristo possuem em comum a missão política de inventar outro futuro para si e para seu coletivo, o que lhes imbui de uma espécie de dever de memória e dever de escrita. Cabe mencionar também o significativo processo de formação identitária e política de Maria-Nova é o modo como a escrita surge como promessa e instrumento de resistência. Nas palavras da narradora, “agora ela [Maria Nova] já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo” (Evaristo, 2018, p. 161). A escrita, nesse sentido, acompanha a personagem até as últimas páginas do livro, revelando-se como missão em construção, ainda inconclusa: “não, ela [Maria Nova] jamais deixaria a vida passar daquela forma tão disforme. [...] Era preciso viver. ‘Viver do viver’. [...] O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever” (Evaristo, 2018, p. 147).

E, assim, Maria-Nova escreveu em seu mundo de papel. Coube a Evaristo o desejo da personagem e o seu próprio anseio de escrita. O desdobramento de uma na outra, bem como as pontes metafóricas que se estabelecem entre autora e personagem, não esgotam as possibilidades interpretativas da obra; ao contrário, abrem caminhos para inúmeras outras leituras, capazes de despertar, no leitor, o afã de também escrever (Oliveira, 2009).

3 MEMÓRIA, NARRATIVA E IDENTIDADE EM *BECOS DA MEMÓRIA*

3.1 A memória como eixo estruturante da narrativa

Em *Becos da Memória* (2018) a memória emerge como um tema central do próprio eixo estruturante da narrativa. A autora constrói sua trama a partir de lembranças fragmentadas, pessoais e coletivas, revelando a memória como um espaço de resistência e reconstrução identitária. Para compreender a profundidade dessa abordagem, é essencial recorrer aos aportes teóricos de Maurice Halbwachs (1990), Paul Ricoeur (2007) e Pierre Nora (1993) cujas reflexões sobre memória e identidade iluminam as escolhas narrativas da escritora.

Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (1990) afirma que a memória individual está sempre situada em um contexto social. Para ele, lembramos a partir dos grupos aos quais pertencemos, sendo a memória moldada por estruturas coletivas. Em *Becos da Memória* (2018), esse princípio se manifesta na maneira como a narradora rememora sua infância e juventude a partir do convívio com os moradores da favela. A favela é o espaço físico onde ocorrem os eventos e o *locus* simbólico entrelaçam histórias, vozes e vivências que formam uma memória compartilhada. Assim, a memória individual da narradora ganha profundidade por meio da articulação com as histórias dos outros sujeitos marginalizados que dividem o mesmo espaço.

Paul Ricoeur, por sua vez, enfatiza a relação entre memória, narrativa e identidade. Em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), o filósofo francês propõe que a identidade se constitui por meio da narrativa, é alimentada pelas lembranças que selecionamos e (re)contamos. Em Evaristo, a memória funciona como mecanismo de construção de si e dos outros, articulando uma identidade marcada pela ancestralidade, pela dor e pela resistência. A autora mistura ficção e autobiografia para narrar uma trajetória que é ao mesmo tempo pessoal e representativa de um coletivo historicamente silenciado.

A partir desses referenciais, torna-se evidente que em *Becos da Memória* (2018) há histórias que resgatam e preservam uma memória que, tradicionalmente, tem sido relegada ao esquecimento pelas narrativas oficiais. A memória, neste caso, é também ato político e gesto literário. Ao dar voz às personagens marginalizadas, Evaristo realiza um processo de reinscrição da memória coletiva no espaço da literatura, reafirmando identidades negras, femininas e periféricas por meio da narrativa. É por meio do resgate da experiência vivida que a autora estrutura o enredo e atribui profundidade às personagens. A memória, nesse sentido, não é apenas temática, mas também formal e estética: está entranhada na maneira como a história é contada, nos silêncios, nos fluxos descontínuos do tempo e nas vozes múltiplas que compõem a narrativa.

Halbwachs(1990), ao discutir o conceito de memória coletiva, sustenta que nossas lembranças são sempre mediadas por grupos sociais. Segundo ele, “é no seio da sociedade que o homem adquire a lembrança dos fatos”. Essa noção se reflete em *Becos da Memória* (2006) na maneira como a narradora tece suas memórias sempre em relação com os moradores da favela. A comunidade é o suporte da recordação e da identidade, e as memórias individuais são constantemente entrelaçadas com as vivências alheias. Um exemplo claro pode ser observado quando a narradora afirma que lembra de tudo, lembra até o que não viveu, pois o que ouvia se tornava dela também, isso ilustra a ideia de uma memória é apenas pessoal e se constitui no contato com o outro, ecoando a teoria de Halbwachs (1990). As histórias ouvidas, as experiências partilhadas e os afetos trocados formam uma espécie de memória comum, que sustenta a identidade da narradora e da própria comunidade.

Paul Ricoeur (2007), por outro lado, contribui com a compreensão de como essa memória, ao ser narrada, transforma-se em base para a constituição da identidade. Para Ricoeur, narrar a memória é um modo de reconfigurar o passado e, assim, compreender e construir o presente. No romance, a narradora reconstrói sua trajetória e, ao fazê-lo, reconstrói também a identidade de um povo. A memória narrada permite o reencontro com a própria história, mas também a ressignificação do trauma e da exclusão: “Era como se ao contar eu me desse novamente à vida, aos pedaços que o tempo havia roubado.” Evaristo, 1990, p.24-25. Esse fragmento evidencia o papel terapêutico e identitário da memória. A escrita se torna um meio de recompor a subjetividade dilacerada pela pobreza, pela discriminação racial e pela marginalização social.

Conceição Evaristo afirma que a narrativa não se limita a recontar o que já foi, mas constitui também um modo de reconstituir quem se é. Em *Becos da Memória* (2018), a autora

declara que o texto pode ser lido como uma “ficção da memória”, pois, sendo a memória atravessada também pelo esquecimento, torna-se inevitável a presença da invenção. Evaristo assume, sem qualquer pudor, o gesto criativo de inventar: todas as histórias, mesmo as reais, transformam-se em invenções no instante em que são narradas. Entre o acontecimento e o relato há sempre um espaço de profundidade, e é nesse intervalo que irrompe a criação literária conceito fundamental para compreender sua escrita sem reduzi-la a um realismo ingênuo, mas como elaboração estética e simbólica da experiência vivida. Por isso, como enfatiza a escritora, nada do que está narrado é inteiramente verdade, assim como nada é inteiramente mentira. Sua proposta estética consiste em escrever a ficção como se fosse a própria realidade vivida, apoiando-se em experiências concretas, pessoais e coletivas. Nesse sentido, a narrativa tem como fundamento a vivência da autora e de seu povo (Evaristo, 2018).

Ao caracterizar a narrativa como “ficções da memória”, a autora explicita a consciência de que recordar não equivale a reproduzir o passado tal como ocorreu, mas implica um gesto de reconstrução criativa. Como afirma Ricoeur (2007), a memória nunca se apresenta de forma pura, pois é sempre mediação entre lembrança e esquecimento, de modo que o trabalho de narrar envolve necessariamente um espaço de invenção. É justamente nesse interstício – “entre o acontecimento e a narração do fato” – que, segundo Evaristo, “explode a invenção”, evidenciando o caráter constitutivo da ficção na elaboração do vivido.

Essa perspectiva aproxima-se também das reflexões de Halbwachs (2006), ao destacar que a memória individual está sempre atravessada por um quadro coletivo, isto é, por referências culturais e sociais que organizam as lembranças. No caso do romance, a experiência comunitária da favela constitui a base da narrativa, mas a forma literária reconfigura essa vivência, universalizando-a e tornando-a exemplar da condição de sujeitos historicamente marginalizados. Assim, o livro situa-se na fronteira entre testemunho e criação, revelando que o relato literário não é documento, mas sim um modo de ressignificação da experiência.

Nora (1993) também oferece uma chave de leitura ao afirmar que a memória está ligada a lugares simbólicos e afetivos, os quais, quando narrados, transformam-se em *lieux de mémoire*. No romance, a favela e seus becos funcionam como espaços de memória reinventada, em que a oralidade, os afetos e as dores coletivas são preservados pela mediação da escrita literária. Desse modo, não se limita a reconstituir fatos, mas busca produzir uma verdade literária que emerge da vivência subjetiva e comunitária.

Ao afirmar que “nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada é mentira”, Evaristo questiona os limites convencionais entre realidade e ficção, mostrando que

toda narrativa, mesmo quando ancorada em fatos reais, é sempre uma recriação. A autora, portanto, insere sua escrita em uma tradição que reconhece a literatura como espaço de invenção e, simultaneamente, de resistência, pois, ao transformar vivências da favela em matéria literária, ela inscreve na cena cultural vozes historicamente silenciadas.

Além disso, o estilo fragmentado da obra — com capítulos curtos, não lineares, por vezes imprecisos — revela a natureza da memória como processo, como algo em constante reconstrução. Isso está alinhado à visão de Ricoeur sobre a memória como narrativa seletiva e interpretativa, uma vez que lembramos a partir do presente e das necessidades atuais de compreensão.

Pode-se dizer que o propósito da personagem Maria-Nova, foco do nosso estudo, é impedir que o esquecimento apague as pessoas e acontecimentos que marcaram sua história. Pela escrita, ela busca dar nova vida àqueles que já não estão fisicamente presentes, mas que permanecem em sua memória. Afinal, lembrar é uma forma de manter vivos os que amamos e que nos foram importantes. Para a protagonista, esquecer significaria romper os vínculos com o passado, com a favela e com os moradores que ainda habitam suas lembranças. A narradora, já adulta, confessa a força dessas recordações ao afirmar: “Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (Evaristo, 2018, p.20).

Assim, na narrativa é mostrado que a memória é mais do que uma evocação nostálgica do passado, é um instrumento de resistência, uma forma de reexistência, ganha força social e política, e a identidade antes negada ou silenciada afirma-se por meio da linguagem e da lembrança.

3.2 O papel da ancestralidade na formação da identidade

Conceição Evaristo, em sua obra, frequentemente faz uso da ancestralidade como um meio de afirmar a identidade das suas personagens. No romance analisado, por exemplo, as narrativas sobre a ancestralidade são uma forma de conectar as gerações passadas aos presentes, permitindo às personagens um entendimento mais profundo de si mesmas e do mundo ao seu redor. Essa temática aparece de forma recorrente, revelando-se como uma estratégia narrativa e política de resgate da memória coletiva e individual de sujeitos negros marginalizados. Por meio da memória ancestral, Evaristo propõe uma revisão do passado que não se limita à história oficial, mas que valoriza saberes, vivências e resistências do povo negro.

A narradora-protagonista recupera histórias de sua infância e de sua comunidade no beco, entrelaçando lembranças individuais com experiências coletivas:

Maria-Nova ouvia a história que Bondade contava e, por mais que quisesse conter a emoção, não conseguia. Hora houve em que ele percebeu e se calou um pouco. Calou-se também com um nó na garganta, pois sabido é que Bondade vivia intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova, cada história que escutava. Ambos estão com o peito sangrando. Ele sente remorsos de já ter contado tantas tristezas para Maria-Nova. Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que ela herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó, do louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que tinha visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto, o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito (Evaristo, 2018, p. 49).

No excerto, percebe-se como Maria-Nova é atravessada pelas memórias narradas por Bondade e como, ao escutá-las, reconhece nelas um espelho de si mesma. As histórias não pertencem apenas ao contador, mas constituem um patrimônio coletivo, uma herança que vai se inscrevendo em sua subjetividade, que pode ser entendida como ancestralidade, isto é, a ligação viva entre o presente e aqueles que vieram antes, cujas dores, lutas e esperanças se perpetuam no corpo e na memória dos descendentes.

Maria-Nova não sofre somente por empatia, ela carrega as marcas da experiência de seus antepassados. Sua ferida é a ferida herdada de Mãe Joana, Maria-Velha, Tio Totó, Luisão da Serra, da avó paralisada, do bisavô que testemunhou a escravização de Ayaba. Cada um desses personagens representa um elo de uma longa corrente de resistência e sofrimento que remonta ao passado escravista e à exclusão social perpetuada. Assim, a menina manifesta um tipo de banzo, um sentimento de saudade de uma vida não vivida, mas transmitida pela memória coletiva do seu povo.

A ancestralidade, portanto, não aparece como um resgate do passado, mas como um elemento que estrutura a própria identidade de Maria-Nova. Ao ouvir Bondade, ela compreende que a dor que sente não é isolada, e sim, compartilhada, transmitida de geração em geração, o que reforça a dimensão comunitária da memória e da luta. O que verdadeiramente fere Maria-Nova é perceber a permanência dessa condição: a miséria que se repete, a marginalização atravessada pelo tempo, sempre recaindo sobre os mesmos corpos.

Assim, o trecho também evidencia que a ancestralidade, no romance, é tanto um fardo porque carrega as dores e derrotas dos “de baixo” quanto uma força porque mantém viva a

lembrança, recusa o esquecimento e alimenta o desejo de transformação. Maria-Nova, ao assumir essas feridas como suas, torna-se guardiã da memória de seu povo, reafirmando a ideia de que a ancestralidade é um dos pilares da construção de sua identidade e de sua consciência crítica. Assim, a ancestralidade, nesse contexto, não se restringe à linhagem familiar, mas abarca um pertencimento comunitário, cultural e histórico. A presença de figuras como a avó ou vizinhas mais velhas, que transmitem conhecimentos e tradições oralmente, reafirma a importância da oralidade e da memória ancestral na formação identitária das personagens. Como destaca Evaristo: “a escrevivência não é para adormecer os da casa grande e sim para acordar os da senzala” (Evaristo, 2017), revelando o compromisso político de sua literatura com a memória de seus ancestrais.

Essa perspectiva pode ser também observada em *Ponciá Vicêncio* (2003), uma vez que a protagonista carrega uma herança traumática e espiritual herdada de seus antepassados escravizados. A narrativa é permeada por lapsos de memória e sonhos, elementos que revelam como o passado ancestral atravessa o presente das personagens. Ponciá busca uma reconexão com sua história familiar como meio de se compreender e se reconstruir.

Outros autores e obras também dialogam com o uso da ancestralidade como ferramenta identitária. Em *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, a presença da memória da fome e da exclusão é ressignificada como testemunho coletivo. Já em *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, a protagonista narra sua trajetória a partir de uma África ancestral, conectando o passado escravocrata ao presente e afirmando a negritude como lugar de resistência.

Nessa perspectiva, a ancestralidade na literatura de Conceição Evaristo não é apenas uma temática, mas uma forma de escritura: uma escrevivência que denuncia, reivindica e celebra a identidade negra como construção histórica e afetiva.

3.3 A relação entre narrativa e experiência vivida

Conceição Evaristo, em *Becos da Memória* (2018), utiliza a narrativa como uma ferramenta de rememoração coletiva e individual, tecendo experiências vividas por personagens que dialogam com a própria trajetória da autora de forma fragmentada e poética. Pode ser lida como uma narrativa de resistência, na qual memória, corpo e palavra se entrelaçam para dar visibilidade à experiência de sujeitos historicamente silenciados, especialmente mulheres negras das periferias urbanas. Maria-Nova tece seu dia a dia, sua dor, à medida que cresce a vida lhe era apresentada desafiadora:

A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo” (Evaristo, 2018, p. 59).

Esse excerto é bastante simbólico porque traz a fusão entre narrativa e experiência vivida, evidenciando como Maria-Nova vai sendo moldada pelas circunstâncias concretas de sua infância, pela consciência crítica que se forma diante da dor coletiva. Mostra também Maria-Nova crescendo em idade, sobretudo, “por dentro”, em sensibilidade e percepção. Seu corpo franzino contrasta com a intensidade da vida que a atravessa, como se a dureza da existência a obrigasse a amadurecer rapidamente. O processo descrito como ser “forjada a ferro e fogo” traduz a experiência de uma infância marcada pela violência da pobreza, pela luta diária pela sobrevivência e pela convivência com histórias de dor herdadas da comunidade. A narrativa evidencia que a vida não lhe dá tréguas, sugerindo que a menina aprende a não se deixar iludir por ela, uma vez que viver, para Maria-Nova, é enfrentar (Evaristo, 2018).

É importante destacar também que ao reconhecer “aquela dor toda não era só sua”, a protagonista se conecta à dimensão coletiva da experiência. A narrativa se constrói, a partir de um duplo movimento, ou seja, de um lado, a vivência singular de uma menina que sente no corpo e na alma o peso das privações; de outro, a inserção dessa vivência em uma história maior, compartilhada por todos aqueles que sofrem em silêncio. O fragmento ainda explicita essa passagem do individual ao coletivo, em que a subjetividade de Maria-Nova se molda pela memória e pela experiência de sua comunidade. O desejo de “pôr tudo para fora” aponta para a necessidade da palavra, da narração como forma de elaborar a dor e de dar voz ao que permanece silenciado. A narrativa, nesse sentido, funciona como espaço de transfiguração da experiência vivida, uma vez que o sofrimento íntimo se converte em matéria de memória, literatura e resistência.

Assim, o texto sugere que a experiência de Maria-Nova é, ao mesmo tempo, pessoal e histórica. Forjada “a ferro e fogo”, a menina não é apenas personagem de ficção, mas representação de uma coletividade marcada pela exclusão e pela luta por dignidade. A narrativa, ao dar forma à experiência vivida, resgata essa memória e inscreve-a no campo da literatura como gesto de preservação e denúncia.

A protagonista, ainda que fictícia, carrega marcas de vida que evocam a trajetória da autora, como a infância em uma favela de Belo Horizonte, o enfrentamento da pobreza, o desejo

de escrever e de educar-se, além do olhar sensível às histórias do cotidiano. Nesse sentido, como destaca Regina Dalcastagnè (2012), a literatura de Conceição Evaristo realiza aquilo que a própria autora denomina *escrevivência*, termo que “rompe a distância entre a ficção e a realidade, pois carrega a carga da experiência de vida da autora e de outras mulheres negras” (Dalcastagnè, 2012, p. 34). Assim, observa-se que a ficção de Evaristo se aproxima de sua experiência pessoal, projetando-se como voz coletiva, ressignificando memórias individuais em narrativas de resistência:

Maria Nova sentia que era preciso modificar a vida, mas como? Saiu desesperadamente calma a andar pela favela. Conhecia de cor, de olhos fechados muitos becos, porém alguns ainda eram-lhe estranhos. Mãe Joana nunca gostou que seus filhos fossem muito além da área em que moravam. Tinha medo, muito medo de que eles se perdessem, quando estivessem distantes de casa. Maria-Nova, entretanto, furava o cerco. Amava a mãe, mas era impossível não ir ao mundo. Passou pela área onde trabalhavam os tratores e lá estavam eles, pesadões, agarrados ao chão, esperando a labuta do dia seguinte. Observou que uma boa área da favela já tinha sido aplainada. Lembrou-se de todos os que moravam ali. Tantas e tantas famílias já haviam ido. Estariam felizes? Estava chegando o tempo do festival de bola e ninguém se movimentara ainda. Será que teria? Faltava muita gente: os que haviam ido embora e os que haviam partido para sempre. Quem este ano tiraria o samba? O som da cuíca, do atabaque e do pandeiro? Os homens-vadios-meninos haviam ido brincar no carrinho-trator... E os que ainda estavam por ali andavam sem coragem, sem muitos desejos. É impossível que tudo acabe assim, pensou a menina. Vida. É preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos (Evaristo, 2018, p. 101).

O fragmento evidencia uma Maria-Nova em processo de amadurecimento, cuja identidade vai sendo construída na tensão entre o pertencimento ao espaço da favela e o desejo de mudança. Ao andar pelos becos, a menina se coloca como observadora e intérprete do mundo que a cerca. Conhece os caminhos de olhos fechados, também se aventura pelos espaços ainda estranhos, demonstrando que sua identidade não se limita ao que já lhe é dado, mas se constrói na busca e na exploração do novo.

A referência à mãe Joana, que teme a saída dos filhos para além dos limites conhecidos, reforça o contraste entre a proteção do lar e a necessidade de expansão da experiência. A protagonista rompe o “cerco”, pois intui que a construção de si exige transpor fronteiras. Essa postura revela que sua identidade não é estática nem restrita à sobrevivência cotidiana, mas marcada por inquietação, deslocamento e desejo de mudança.

Ao observar os tratores e o espaço aplainado, Maria-Nova reconhece o impacto das transformações externas sobre a favela. A lembrança dos que partiram, seja pela expulsão, seja pela morte, inscreve em sua identidade uma memória de perdas e ausências. Mas, ao mesmo tempo, ela projeta esperança ao pensar no festival de bola, no samba, no som da cuíca e dos tambores, símbolos de resistência cultural que sustentam o sentimento de comunidade. Sua identidade se forma, portanto, na tensão entre a dor do que se desfaz e a esperança de que a vida

pode se reinventar. O pensamento final “é preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos” revela o caráter coletivo de sua identidade, não pensa apenas em si, mas em seu povo, em sua comunidade. Essa consciência social e afetiva mostra que sua identidade se constrói em diálogo constante entre o eu e o nós, entre a memória da favela e o desejo de transformação.

Assim, a autora organiza sua narrativa como uma colcha de retalhos, alternando vozes e tempos, o que confere à obra uma forma híbrida entre o romance e a memória coletiva. Cada personagem, cada fragmento, contribui para a construção de uma experiência compartilhada, em que o pessoal e o social se cruzam. Como afirma Evaristo (2005), “nossos textos carregam marcas de nossas vivências, da nossa ancestralidade e do lugar social que ocupamos”.

A relação entre narrativa e experiência vivida em *Becos da Memória* (2018) é central para a compreensão da estrutura da obra e para sua potência política e estética. A literatura de Evaristo é, ao mesmo tempo, testemunho, denúncia e afirmação da existência de sujeitos historicamente marginalizados. A estrutura fragmentada do romance composta por memórias, cenas descontínuas, falas populares e imagens sensoriais reflete a própria condição de descontinuidade da existência da personagem e de sua comunidade. A oralidade presente funciona como uma marca da tradição cultural afro-brasileira e como uma forma de resistência ao modelo literário hegemônico. Conforme afirma Leda Maria Martins (2002), essa escrita “corpórea, marcada pela oralitura, reescreve a memória e reinscreve o corpo negro na história literária brasileira” (Martins, 2002, p. 57).

A protagonista, muitas vezes sem nome, representa o coletivo. Ela é simultaneamente a narradora e a ouvinte das histórias do bairro, revelando o “espalhamento” da autora por meio de múltiplas vozes femininas negras. Esse deslocamento entre a autobiografia e a ficção permite que Evaristo construa uma escrevivência que não se limita à experiência individual, mas que se alarga na direção de uma escrita de si no plural. Como afirma Cuti (2004) que o eu narrador em Evaristo não é um ego isolado, mas sim um canal de vozes ancestrais, uma polifonia da diáspora.

Além disso, os becos, enquanto espaço físico e simbólico, funcionam como um labirinto de memórias e afetos, onde as personagens convivem com a precariedade, com os gestos de solidariedade, os ritos comunitários e os afetos compartilhados. O beco torna-se metáfora da memória negra, sinuosa, coletiva e persistente. A vida na favela, em mais um dia, é apresentada a partir das características da personagem que observa, vive e sofre. O leitor é convidado a adentrar nesse espaço e compartilhar das sensações íntimas da menina:

Maria-Nova andava em dias de grande banzo. Tristeza por tudo, por fatos recentes e passados. Tristeza por fatos que ela testemunhara e por fatos que ouvira. O peito, o coração da menina estava inchado de dor. Era preciso segurar a lágrima e ensaiar o riso. Saía um sorriso molhado dos olhos úmidos. Como e quando acabaria aquilo tudo? Por que um lugar tão triste, uma vida tão desesperada e a gente se apegando tanto? A favela já estava com vazios imensos, áreas sem barracões, e muitos becos já tinham desaparecido (Evaristo, 2018, p.95).

Esse excerto expõe de forma contundente como a narrativa de Maria-Nova é atravessada pela experiência vivida, mesclando dimensões individuais e coletivas. O “banzo”, palavra que carrega sentidos históricos de melancolia e dor da diáspora africana, manifesta-se aqui como um sentimento que ultrapassa a personagem e ecoa uma memória de sofrimento ancestral. Tradicionalmente associado ao desejo de morte como gesto de liberdade, uma morte que, paradoxalmente, afirma a vida, o termo ganha em Evaristo novos contornos e ambiguidades. O banzo surge tanto como expressão do desamparo estrutural, do apagamento e do extermínio de uma comunidade de memória, quanto como impulso de resistência e de criação de futuros possíveis. Trata-se, portanto, de um sentimento liminar: a dor que preserva a lembrança e a perda que convoca à reinvenção.

Ao mesmo tempo, a passagem revela a tensão entre resistência e desesperança. O “sorriso molhado” é uma imagem poderosa que traduz a contradição entre a necessidade de continuar vivendo e a dor permanente que marca essa existência. O riso, mesmo ensaiado, surge como gesto de sobrevivência diante da precariedade e da perda. A referência à transformação do espaço da favela com becos desaparecidos e barracões destruídos amplia o sentido da experiência vivida, cuja dor da menina é também de uma comunidade desfeita, as memórias permanecem mesmo diante da materialidade que se apaga. A favela se torna um espaço de pertencimento afetivo, ainda que permeado por dor e miséria, e a narrativa registra um paradoxo, sendo ao mesmo tempo um lugar de sofrimento profundo e de vínculos afetivos que resistem ao tempo e ao esquecimento.

Essa passagem também evidencia como Conceição Evaristo articula a vivência subjetiva de Maria-Nova com a memória coletiva da comunidade, compondo uma escrita de si que se mistura à escrita do grupo, uma verdadeira escrevivência, em que dor, resistência e pertencimento se entrelaçam. A autora faz da narrativa um instrumento político, afetivo e estético para recontar a história a partir das margens.

4 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM LEITORA MARIA-NOVA

Como se constrói a imagem da pessoa negra na literatura e nas demais manifestações culturais brasileiras? Essa pergunta, ao mesmo tempo simples e urgente, atravessa a produção intelectual e artística de diversos autores e autoras comprometidos com a denúncia das violências simbólicas e com a valorização das identidades negras. A escritora Evaristo (2010), afirma que dificilmente se encontra a construção de uma personagem negra que represente a potência do ser humano com toda sua dignidade, ressaltando a invisibilidade histórica e os estereótipos recorrentes que limitam a representação de corpos negros na ficção.

A personagem leitora Maria-Nova não é apenas um produto da ficção, mas uma representação simbólica de um sujeito em formação que se constrói a partir de suas experiências com o texto literário. Sua trajetória como leitora revela um processo de apropriação crítica da leitura, o que nos permite refletir sobre o papel do leitor na construção do sentido do texto.

Umberto Eco, em *Lector in fabula* (1980), argumenta que o texto literário prevê um leitor modelo, ou seja, uma figura implícita que o autor imagina durante a produção textual, capaz de cooperar com o processo interpretativo. A protagonista, ao longo da narrativa, desenvolve-se justamente nesse sentido, deixando de ser uma leitora passiva, que apenas recebe o texto, para se tornar uma leitora ativa, crítica, capaz de preencher os “espaços em branco” e colaborar com a obra em sua completude.

A leitura, para Eco, não é um ato de decifração, mas de negociação. Cada leitor traz seu repertório, suas vivências, e com isso recria o texto, instaurando múltiplos sentidos. Esse fenômeno é visível na evolução de Maria-Nova, que inicialmente se vê diante do texto como quem enfrenta um enigma indecifrável, mas que, com o tempo, percebe que sua experiência e sensibilidade são parte essencial da tessitura textual. Nesse ponto, sua formação leitora é também uma formação de subjetividade.

Além disso, ao considerar as ideias de Eco em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (1994), podemos entender a leitura como uma travessia por uma floresta de significados. A protagonista aprende a percorrer esse bosque não de forma linear, mas exploratória, assumindo riscos e aceitando a ambiguidade como parte do processo interpretativo. Ela encarna, assim, a leitora que caminha com liberdade entre as tramas do texto, consciente de que todo sentido é também invenção.

A construção de Maria-Nova enquanto personagem leitora simboliza a formação do sujeito que aprende a ler o mundo por meio da literatura. Suas leituras deixam de ser apenas um exercício escolar ou uma imposição externa e passam a constituir sua identidade, seu olhar sobre o outro e sobre si mesma.

4.1 O sujeito periférico e o direito à literatura

No Brasil, é notório que os grupos populares sempre tiveram sua participação limitada nos espaços decisórios que orientam os rumos da nação. Esses segmentos sociais, compostos majoritariamente por pessoas negras e pardas, continuam sendo, desde o período escravocrata, privados de seus direitos e de sua plena atuação no âmbito individual e coletivo. Os vestígios desse passado se fazem presentes atualmente, como demonstram dados do IBGE (2017), que revelam uma realidade marcada pela extrema pobreza e pela escassez de oportunidades de lazer e cultura nas periferias.

Embora tenha havido alguns avanços no acesso a bens de consumo e no ingresso das camadas mais pobres no ensino superior, tal movimento não se refletiu na esfera cultural. Isso significa que a vida das populações mais vulneráveis seguiu praticamente inalterada nesse aspecto. Sob o recorte étnico-racial, a desigualdade se torna ainda mais evidente: trabalhadores negros e pardos apresentam os mais altos índices de desemprego, menor escolaridade, piores condições de moradia e começam a trabalhar mais cedo — justamente porque estudam menos. Entre os 10% mais pobres do país, 78,5% são pretos ou pardos, enquanto apenas 20,8% são brancos. Já entre os 10% mais ricos, pretos e pardos representam somente 24,8%.

Outro dado relevante diz respeito aos arranjos domiciliares. A pobreza — calculada a partir da linha de US\$ 5,5 por dia — atinge principalmente famílias chefiadas por mulheres com filhos de até 14 anos (55,6%), percentual que cresce para 64% quando se trata de mulheres pretas ou pardas. Segundo o IBGE, esses números evidenciam o acúmulo de desvantagens que incidem sobre esse grupo. Ao revelarem a condição precária em que vivem as populações periféricas, os dados também demonstram a urgência de se pensar a literatura como prática

social fundamental. Em tais contextos, o ato de escrever e de ler transforma-se em gesto de resistência e contestação, ao mesmo tempo em que cria um espaço de acolhimento e pertencimento para escritores e leitores.

Nessa direção, acompanhamos Candido (1995) quando afirma que a literatura é essencial ao ser humano. Para sujeitos periféricos, o acesso à palavra escrita torna-se ainda mais decisivo. Essa dimensão pode ser observada em *Becos da Memória* (2018), quando a narradora revela o desejo da jovem Maria-Nova de registrar as histórias de seu povo: “Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes [...] Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo” (Evaristo, 2006, p. 177). O fragmento evidencia a busca pela autorrepresentação — algo que historicamente foi negado às populações marginalizadas, gerando exclusão física e também simbólica. Após a abolição, grande parte dos negros foi deixada sem condições reais de trabalho, moradia e dignidade.

Em contraponto a essa marginalização, Candido (1995) defende que a literatura é um direito humano elementar, uma vez que todos os grupos humanos têm capacidade de produzi-la e dela se beneficiar. Para ele, a literatura contribui para formar, educar e humanizar, pois permite ao indivíduo confrontar-se com seus conflitos e com o mundo que o cerca: “A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação [...] fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 1995, p. 243). Ao considerar a literatura uma necessidade universal, Candido revela como a desigualdade social impede que esse direito se torne efetivo para todos. Ainda assim, muitos sujeitos periféricos, mesmo enfrentando miséria e exclusão, reivindicam o acesso à literatura e ao que Bourdieu (1989) denomina “capital cultural”. Essa reivindicação foi determinante na trajetória de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres negras, pobres, porém profundamente conscientes da força transformadora da escrita.

Ambas assumiram o protagonismo de suas próprias histórias, recusando o lugar de simples personagens que a sociedade lhes reservava. Em *Becos da Memória* (2018), não apenas se resgata a presença histórica dos africanos e seus descendentes, como também se subverte a lógica do silenciamento: uma narradora negra assume a palavra e narra a favela “por dentro”, convertendo a marginalização em potência criadora. O mesmo movimento ocorre em *Quarto de Despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, com baixa escolaridade e vivendo em condições duríssimas na favela do Canindé, registra a rotina marcada pela fome, pela precariedade do trabalho e pela humilhação social. Sua escrita, embora simples, mantém consistência e continuidade, evidenciando a repetição dos dias e a luta permanente pela sobrevivência.

O cenário de violência nas periferias — física, sexual, moral — é representado de maneira direta e contundente, como mostra o trecho de *Becos da Memória* (2018) que narra o estupro de Nazinha. Situações de miséria extrema, incesto, promiscuidade, fome e abandono são abordadas sem suavizações. Entretanto, mesmo nesse ambiente de brutalidade, surge aquilo que Oliveira (2012) denomina “lírico coletivo”: uma sensibilidade compartilhada, marcada pela solidariedade e pelo reconhecimento do outro, funcionando como força de humanização e resistência.

Esse “lírico coletivo” aparece com força na dedicatória de Evaristo: “Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, [...] aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias...” (Evaristo, 2006, p. 17) Nas narrativas periféricas, o ato de falar de si implica também falar da coletividade, pois a experiência individual está profundamente entrelaçada à história do grupo. Quando lidas por moradores das periferias, essas obras funcionam como espelho e como reconhecimento. Como afirma Hall (2003), a identidade é construída na relação com o outro; assim, ao narrar suas dores e vivências, as autoras expressam sentimentos compartilhados por milhares de brasileiros e brasileiras atravessados pela fome, pelo racismo, pelas desigualdades e pela exclusão.

Refletir sobre Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo como escritoras significa reconhecer o empenho de ambas em afirmar seu direito à escrita — não apenas como tema, mas como sujeito dela. Suas vozes literárias, insurgentes diante do cânone dominante, reafirmam o poder da palavra como instrumento de denúncia, de pertencimento e de liberdade.

4.2 Contexto social e histórico de *Becos da Memória*

O romance em análise é profundamente enraizado no contexto social e histórico das comunidades periféricas brasileiras, especialmente das favelas urbanas. A autora, natural de Belo Horizonte, vivenciou a infância na favela do Pindura Saia, um espaço marcado pela marginalização e pela luta pela sobrevivência. Essa experiência pessoal serviu como base para a construção da narrativa, que, embora ambientada em uma favela sem nome, reflete a realidade de muitas comunidades do Brasil. A autora evita estereótipos e exotismos, apresentando uma visão humanizadora e multifacetada dos moradores da favela, destacando suas subjetividades, forças e fraquezas. A narrativa aborda a tensão entre a favela e os bairros nobres vizinhos, evidenciando a persistência da divisão social que remonta à história colonial brasileira.

A relação casa-grande e senzala ainda se reflete nas disparidades urbanas. Nesse contexto, a favela é apresentada como um espaço de exclusão, um local de pertencimento e resistência. Além disso, o romance destaca-se pela importância da memória coletiva na construção da identidade negra. Por meio da oralidade e da lembrança, a obra resgata histórias de vida frequentemente silenciadas pela sociedade dominante, oferecendo uma nova perspectiva sobre a história e a cultura afro-brasileira.

Assim, o livro se torna um espaço de resistência cultural e política convidando o leitor a reflexão sobre a invisibilidade das histórias das comunidades periféricas, desafiando o leitor a confrontar preconceitos e estereótipos que permeiam a percepção da favela. O uso da oralidade como ferramenta literária é central permitindo que as vozes dos personagens ressoem com autenticidade e profundidade. Outro ponto relevante, é a questão da feminilidade e da luta das mulheres negras, uma vez que as personagens femininas são apresentadas como figuras centrais na luta pela sobrevivência e pela construção de uma identidade própria.

Maria-Nova simboliza a força e resistência das mulheres em contextos adversos. Por meio de suas histórias e desafios, Evaristo destaca o papel crucial das mulheres na manutenção da cultura e na luta por direitos dentro do espaço urbano. A intersecção entre raça, classe e gênero é uma temática recorrente, isso mostra como esses fatores se entrelaçam para moldar as experiências dos indivíduos nas favelas.

A luta por reconhecimento e dignidade não é uma batalha pessoal e, sim, um reflexo de uma luta coletiva que abrange gerações. Essa perspectiva amplia a compreensão do que significa viver em uma favela, revelando as complexidades das relações sociais nesses espaços. O romance propõe um diálogo com o passado, uma vez que a memória é apresentada não apenas como um recurso narrativo, mas como um ato de resistência contra o apagamento histórico. As lembranças das personagens servem como testemunho da luta contínua contra opressão e marginalização. Ao resgatar essas histórias, Evaristo contribui para construir uma narrativa mais inclusiva da história brasileira, onde as vozes afro-brasileiras têm espaço para serem ouvidas.

Dessa forma, *Becos da Memória* (2018) revela-se essencial para entender as dinâmicas sociais contemporâneas no Brasil. A autora de certa forma documenta realidades difíceis enquanto celebra a resiliência das vidas que habitam os becos da memória, assim o romance torna-se uma ferramenta poderosa para promover reflexão e empatia, desafiando os leitores a reconsiderar suas percepções sobre as comunidades periféricas e suas ricas histórias.

A narrativa concentra-se no drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida. Diante da iminente ameaça de despejo “o plano de desfavelamento [...] aborrecia e confundia a todos” (Evaristo, 2018, p. 163), vidas, sonhos, experiências e saberes corriam sério risco. Maria-Nova, uma menina de 13 anos, acompanha de perto todo o processo e se torna a voz que expressa as alegrias e sofrimentos de sua comunidade. As histórias aparecem de forma não linear, refletindo um universo fragmentado, marcado pelo impacto da remoção: “Dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez” (Evaristo, 2018, p. 163). Assim, o texto evidencia como vidas, sonhos e saberes estão ameaçados pelo avanço de políticas de desapropriação.

É neste espaço, nos becos sem nome e sem significado maior para os outros habitantes da cidade, que as histórias guardadas na memória da personagem permeiam o cotidiano de exclusão e pobreza, a sua voz evoca experiências, uma vez que lida com traumas resultantes da escravização e resgata conhecimentos mantidos na oralidade. Dessa forma, é construída uma narrativa entrelaçada por vozes afrodescendentes de diferentes gerações, em cenários que vão desde as áreas rurais até os locais de exclusão nas grandes cidades. Ao descrever o cenário do cotidiano marcado pela especulação imobiliária e pela iminente remoção, a narrativa revela o olhar atento da personagem:

Os tratores estavam prontos para o trabalho do dia seguinte que seria eliminar o Buracão e aplinar a área em que estavam os últimos barracos. A tarde chegou amena; Maria-Nova contemplou durante muito tempo o pôr do sol. Teve vontade de ler e escrever alguma coisa, mas já tinha guardado os livros e os cadernos num caixote que sempre lhe servira de cadeira ou mesa quando ela se assentava no chão. A noite veio caindo lenta e carregada de pontos luminosos lá no céu. Aquela seria a sua última noite na favela. As coisas já estavam todas juntas. Tinha o corpo moído de cansaço. A tia e a mãe entregaram as últimas trouxas de roupa. Não haviam confirmado nem dispensado a freguesia. Havia o medo, o incerto, o imprevisível do amanhã. Mas havia a tenacidade, a força, o desejo de vida (Evaristo, 2018, p.134).

É importante observar que Maria-Nova em meio a uma cena triste, ao mesmo tempo em que contempla as belezas da natureza, como o pôr do sol e o céu estrelado, sente também o desejo de ler e escrever, marcas de sua busca constante por conhecimento e de sua relação íntima com a palavra. Essa cena revela a tensão entre a delicadeza dos instantes de contemplação e o peso da realidade que a cerca, já que aquela seria sua última noite na favela, prestes a ser destruída pelos tratores. O texto evidencia como a personagem, mesmo diante da iminência da perda, encontra força na resistência silenciosa, no apego à leitura e na esperança

de um futuro diferente. Assim, Maria-Nova é representada como sujeito de tenacidade, desejo de vida, quando o incerto e o imprevisível do amanhã se impõem de maneira brutal.

É por meio da fala de uma menina — simultaneamente jovem e antiga — que Conceição Evaristo retrata as origens e as consequências da desigualdade. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual está conectada à memória do grupo, que, por sua vez, se relaciona com a esfera mais ampla da tradição, um conjunto de saberes de cada sociedade. Ao reunir histórias sobre si e sobre os outros, em um momento em que o futuro se torna incerto e nebuloso, a personagem, assim como o romance em sua totalidade, integra a memória coletiva para ligá-la aos processos individuais de identificação.

Conceição Evaristo não apresenta ao leitor uma trama “pronta”, linear e sequencial. É necessário “entrelaçar” todas as histórias que emergem de uma narrativa não contínua, composta por fragmentos que se alternam entre passado e presente, revelando os dramas e dificuldades de cada um, resgatados nas memórias da voz narrativa:

A recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! [...] escrevo como uma homenagem póstuma [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2018, p. 29-30).

Na contracapa do livro, Eduardo de Assis Duarte afirma que o livro descarta a violência gratuita que marca muitas vezes a representação dos excluídos em nossas letras. A favela retratada, apesar de ser marcada pela pobreza, ainda não foi afetada pela violência do tráfico. A menina curiosa guarda na memória os vários acontecimentos para, futuramente, trazê-los para o mundo da escrita, visando dar nome ao que a sociedade se recusa a reconhecer.

Becos da Memória (2018) estabelece uma conexão com a realidade vivida por muitos indivíduos invisíveis que residem nas periferias do país. Ao destacar o sentimento do morador de favela que está perdendo seu espaço, a narrativa de Conceição Evaristo se torna uma reflexão contemporânea sobre a presença dos negros na formação do país e da identidade brasileira. O romance dramatiza a atualidade da diáspora negra, especialmente a interna, trazendo à tona a memória como um exercício de resgate histórico e alertando para problemas antigos e novos, além de clamores que persistem, tudo isso em um ritmo cativante que só o talento da ficção pode proporcionar. Sem nunca perder a ternura, a autora reexamina a trajetória daqueles que saíram da senzala para viver nos becos da modernidade.

Percebe-se que durante toda a narrativa, o espaço da favela aparece como materialização da condição de inferioridade e exclusão que os moradores vivenciam cotidianamente. Assim, nessa perspectiva, favela e senzala são equivalentes. Isso pode ser

comprovado quando a personagem Maria-Nova pensa de maneira crítica sobre a história de seu povo durante as aulas de história, uma vez que ela “percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio” (Evaristo, 2018, p. 102). O trecho citado revela como o sistema de opressão produz nas pessoas o sentimento de continuação da violência.

Roland Walter (2009) afirma que “Conceição Evaristo indica o amor, o carinho, a solidariedade coletiva, a memorização e a criatividade artística como possíveis meios de conscientização e cura da alienação e fragmentação identitária” (Walter, 2009, p. 78-79), é isso que uma das personagens da história revela no convívio com os demais moradores, a quem sempre ajudava, tendo inclusive feito o parto de muitas mulheres: “Vó Rita guardava tanto amor no peito! Também tinha mesmo o coração grande (...). Todo mundo sabia quando ela estava para chegar. Vivia falando. Nunca vi Vó Rita calada. Se não conversava, cantava (Evaristo, 2013, p. 43). Também, o personagem Bondade ajudava a todos com palavras e objetos, e Negro Alírio sempre mostrava a possibilidade de trilhar um caminho que levasse os moradores a uma vida mais digna.

4.3 Caracterização de Maria-Nova e sua trajetória como leitora

Maria-Nova é uma figura emblemática dentro do universo da leitura popular e da oralidade, cujas práticas leitoras desafiam os limites tradicionais entre letramento formal e saberes populares. O nome Maria-Nova carrega um peso simbólico significativo e abre espaço para várias interpretações no contexto da narrativa. Primeiro, o prenome Maria remete a um nome comum na cultura brasileira, especialmente entre mulheres das camadas populares, evocando ao mesmo tempo religiosidade associada à figura da Virgem Maria e uma identidade coletiva, quase universal, de mulheres que enfrentam adversidades. Esse aspecto reforça a ideia de que Maria-Nova representa não apenas uma personagem individual, mas também um símbolo das meninas e mulheres pobres, negras e periféricas que compõem o tecido social da favela.

E a palavra Nova sugere renovação, mudança e possibilidade de transformação. Em oposição à dureza e ao imobilismo da realidade que a cerca, Nova carrega a ideia de esperança de um futuro diferente. No enredo, Maria-Nova é marcada pela curiosidade, pelo desejo de explorar o espaço, pelo impulso de furar o cerco imposto pela mãe e, sobretudo, pelo sonho de

registrar a história da sua comunidade. Seu nome antecipa, portanto, seu papel como voz que anuncia e constrói novas narrativas.

Assim, o nome Maria-Nova funciona como um símbolo narrativo, unindo a força de uma identidade popular feminina (Maria) com o potencial de transformação (Nova), sugerindo que a personagem pode ser uma ponte entre a tradição da comunidade e a renovação pela memória e pela escrita. Nascida em um contexto de acesso limitado à educação formal, sua relação com a leitura foi construída de maneira alternativa, marcada por experiências comunitárias, religiosas e afetivas. Sua trajetória enquanto leitora evidencia não apenas o desenvolvimento de habilidades de leitura no sentido técnico, sobretudo, a constituição de uma identidade leitora pautada por práticas sociais, culturais e subjetivas.

A construção da personagem como leitora não se deu, portanto, exclusivamente por meio das instituições escolares, mas por uma multiplicidade de espaços e influências, entre as quais se destacam a escuta de histórias orais, o contato com textos religiosos. Esses elementos foram fundamentais para a formação de um repertório interpretativo próprio, capaz de dialogar com os textos a partir de suas vivências e valores, como pode ser comprovado a seguir:

A menina, apesar da dor, pedia mais e mais aquela história. Gostava de alguns pontos coincidentes entre ela e o Homem. Ambos, quando pequenos, tinham o desejo de aprender a ler. Pequenina ainda, se entretinha horas e horas com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam. Tio Tatão, por vez ou outra, aparecia com um presente, um livro. Maria-Velha e Mãe Joana sabiam ler. Maria-Velha aprendera com uns missionários que volta e meia apareciam no lugarejo em que foram criadas (Evaristo, 2018, p. 43).

Observa-se que mesmo em meio à dor, Maria-Nova insiste em ouvir as histórias, revelando sua fome de memória e de sentido. O desejo de escuta se articula ao desejo de leitura, assim, tanto ela quanto o Homem compartilham a aspiração de aprender a ler desde a infância, o que reforça a ideia de que a leitura, nesse contexto, não é mero passatempo, mas necessidade vital, gesto de resistência e afirmação de identidade.

A imagem da menina entretida com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam, bem como os livros ofertados por Tio Tatão, revela que, apesar da precariedade material, existia na família um movimento contínuo de aproximação com a palavra escrita. Isso demonstra que o acesso ao mundo da leitura não se restringe à escola, mas também ocorre por meio de práticas informais mediadas pela afetividade e pela memória coletiva.

A lembrança de que Maria-Velha aprendeu a ler com missionários evidencia ainda a historicidade da alfabetização entre os mais pobres, sendo um aprendizado da leitura, muitas vezes marginal e improvisado, funcionava como porta de entrada para a participação em um

universo de saberes que historicamente lhes fora negado. Assim, a leitura aparece como legado de gerações, como herança simbólica transmitida dentro da família e que Maria-Nova recebe e reelabora.

Dessa forma, o trecho também sugere que a identidade de Maria-Nova como leitora é tecida na intersecção entre a experiência pessoal, a transmissão familiar e o contexto comunitário. A leitura não é apresentada apenas como habilidade, mas como espaço de construção de subjetividade, como meio de compreender e reinventar o mundo. Sua leitura, muitas vezes compartilhada por outros, como familiares ou membros da comunidade, assumindo um caráter coletivo, afetivo e performático, desafiando a concepção tradicional de leitura como ato solitário e silencioso. Ao apropriar-se da leitura como forma de expressão, a protagonista se posiciona como sujeito ativo na produção de sentido, selecionando, interpretando e ressignificando leituras conforme suas necessidades e perspectivas.

Assim, a personagem se apresenta uma leitora que domina a leitura com destreza, sendo reconhecida em sua comunidade como aquela que dava voz às palavras sagradas, já que os santos estavam sempre presentes em sua casa. Aos poucos, consolidou-se como a responsável por conduzir as rezas, função que a colocava em posição de respeito e também revelava sua identidade de leitora, alguém que transforma o ato de ler em prática viva, ligada à fé e à coletividade:

Havia determinadas pessoas na favela que eram conhecidas como “tiradeiras de terço”. Eram elas quem dirigiam as orações, e sempre se faziam necessárias. Pois havia as rezas do mês de maio, mês de Maria, as rezas de outubro, mês do Rosário, as novenas de novembro, preparação para a chegada do Menino Jesus, os santos juninos e outros. Essas pessoas eram solicitadas para tirar o terço, puxar as rezas de casa em casa. Os santos visitavam cada barraco, era só o dono querer. Todo mundo queria. Como recusar a visita de um santo? Sempre no último dia de reza, o dono da casa oferecia um lanchinho, que podia ser até um simples café com pedacinho de pão. Cada área da favela tinha seus tiradores oficiais de terço. Poucos sabiam ler. A maioria sabia de cor as rezas e muitas vezes em latim. Como Maria-Nova lia muito bem e os santos sempre visitavam a casa dela, ela foi se tornando uma tiradeira oficial de rezas (Evaristo, 2018, p.36).

Observa-se que a leitura é profundamente entrelaçada à vida da protagonista, não apenas como habilidade técnica, mas como prática social e cultural. Embora a função de “tiradeira de terço” fosse, na maioria das vezes, desempenhada por pessoas que sabiam as orações de cor inclusive em latim —, a capacidade de Maria-Nova de ler “muito bem” a coloca em um lugar de destaque dentro da comunidade. Nesse contexto, a leitura não se restringe ao espaço escolar ou ao acesso a livros, mas se manifestava no cotidiano comunitário, ganhando sentido prático, pois ler permitia que ela conduzisse orações, seguisse textos religiosos e dava continuidade a uma tradição que se apoiava fortemente na oralidade. A prática religiosa coletiva, as rezas do

mês de Maria, do Rosário, novenas, festas juninas passavam a contar com a mediação de uma leitora que, ao decodificar palavras, reforçava a fé e a coesão social.

Maria-Nova incorpora, assim, um exemplo do que Magda Soares (2004) define como letramento, ou seja, a apropriação da leitura e da escrita como uma participação de práticas sociais significativas. A leitura, nesse contexto, não é um ato isolado, mas uma ferramenta para exercer um papel ativo na vida cultural e espiritual da favela. O prestígio que ela adquire como “tiradeira oficial” demonstra que, naquele contexto, saber ler era também um modo de se afirmar e de contribuir para o coletivo.

O percurso de leitura da protagonista evidencia a importância de reconhecer os múltiplos letramentos e formas de acesso ao texto que coexistem na sociedade. Sua experiência nos permite refletir sobre os modos como sujeitos historicamente marginalizados constroem caminhos próprios de inserção no universo da leitura e da escrita, muitas vezes invisibilizados pelas abordagens escolares convencionais.

É importante destacar que Maria-Nova, apesar das limitações impostas por uma escolarização tardia e descontínua, nunca se posicionou como uma “não leitora”. Ao contrário, construiu sua identidade leitora a partir de uma experiência vivida, que articula práticas culturais, religiosas e afetivas. Essa dimensão subjetiva da leitura é ressaltada por Soares (2004), quando defende que o letramento não se reduz a uma técnica, mas envolve uma dimensão simbólica e social que dá sentido à leitura e à escrita na vida das pessoas.

Assim, a trajetória de Maria-Nova desafia concepções tradicionais de letramento escolarizado e contribui para uma ampliação do conceito de leitura. Ela encarna o que Magda Soares (2016) denomina como sujeitos de letramento: indivíduos que, mesmo fora das normas escolares, fazem uso efetivo e significativo da linguagem escrita em seu cotidiano, demonstrando autonomia interpretativa e apropriação crítica dos textos com os quais interagem.

4.4 A leitura como ferramenta de emancipação na narrativa

A leitura, compreendida não apenas como decodificação de palavras, mas como prática social e crítica, é apresentada na narrativa como uma via de emancipação subjetiva e coletiva. No caso da personagem Maria-Nova, a leitura literária torna-se um instrumento de resistência frente às estruturas opressoras do racismo, da exclusão social e do silenciamento histórico. Sua trajetória evidencia a potência transformadora da literatura, capaz de romper com os ciclos de marginalização e abrir espaços de reexistência:

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. A professora já estava acostumada com as perguntas e com as constatações da menina. Esperou. Ela permaneceu quieta e arredia. A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida (Evaristo, 2018, p.137).

Nessa cena, a professora apresenta um conteúdo oficial a “Libertação dos Escravos” que, nos livros didáticos, costuma ser narrado como marco de conquista histórica concluída em 1888. Maria-Nova, porém, não se limita a absorver passivamente o que lê e ouve. O texto evidencia que a personagem já desenvolveu uma postura crítica diante da leitura, pois relaciona o que está no livro com a realidade concreta de sua comunidade, seu silêncio inicial não significa desinteresse, mas elaboração. Ao ser questionada, a menina afirma que poderia narrar “muitas vidas”, revelando que a história que conhece vai além da narrativa oficial, pois é a história vivida, transmitida pela memória e pela experiência coletiva da favela. Para ela, a “libertação” ainda não é uma realidade, já que a miséria e a exclusão continuam aprisionando seu povo em novas formas de senzala.

Esse deslocamento entre a leitura do texto escolar e a leitura crítica da vida mostra o papel ativo da personagem como leitora. Maria-Nova não aceita o discurso pronto; ela o confronta com suas próprias vivências e as da comunidade, demonstrando consciência histórica e capacidade de questionar a versão dominante. Assim, a leitura torna-se instrumento de reflexão, denúncia e resistência, permitindo-lhe enxergar as contradições entre o que se ensina como “verdade” e o que se vive na realidade social.

O episódio enaltece, portanto, a importância da leitura como prática de emancipação, por meio dela, Maria-Nova vai além do livro, interpretando o mundo à sua volta e reconhecendo que a opressão de seu povo persiste sob outras formas. É justamente essa atitude crítica que revela sua condição de personagem-leitora, capaz de transformar o ato de ler em gesto político e de consciência social.

Ao mesmo tempo, Maria-Nova é retratada como uma personagem marcada pelas violências simbólicas e concretas do racismo estrutural, vivendo desde a infância sob a sombra da invisibilidade social. Sua condição periférica, atravessada pelas desigualdades de gênero e de classe, evidencia uma experiência interseccional de opressão (Crenshaw, 2002). No entanto, é justamente por meio da leitura — inicialmente restrita e depois cada vez mais autônoma que ela começa a elaborar criticamente sua realidade. Os livros lhe oferecem linguagem, imaginação

e repertório para narrar a própria história, permitindo-lhe deslocar-se da posição de objeto da narrativa social para a de sujeito ativo de sua trajetória.

Esse processo de apropriação da leitura se alinha ao conceito de letramento literário, conforme proposto por Rildo Cosson (2006), que entende a literatura como prática social capaz de formar leitores críticos, sensíveis às questões estéticas e ideológicas do texto. O letramento literário não se limita à formação de leitores proficientes, mas propõe uma leitura dialógica, que coloca em relação ao texto, o leitor e o mundo. No caso de Maria-Nova, esse tipo de letramento permite que ela reinterprete sua experiência marginalizada, questionando as narrativas hegemônicas que a excluem.

Ao inserir a leitura como elemento de transformação na vida da personagem, a narrativa rompe com a ideia da literatura como privilégio de elites e a reposiciona como direito e possibilidade de emancipação para sujeitos historicamente oprimidos. Assim, a trajetória de Maria-Nova representa um ato individual de superação, um gesto político de insurgência frente às estruturas de dominação simbólica.

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, tinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía". (Evaristo, 2018, p.28).

Maria-Nova observa o pôr do sol e lê, atividades que sugerem uma natureza contemplativa e sensível. Ela não está apenas no mundo, mas se coloca em relação a ele de maneira reflexiva. A angústia e o choro diante das perguntas sobre a vida revelam uma busca por sentido, quer entender o mundo à sua volta o que está "atrás, dentro, fora" de cada coisa o que indica um questionamento filosófico e profundo. Sua vontade de saber mais sobre as pessoas e os espaços demonstra uma curiosidade que vai além do superficial. Ela quer ir além das aparências, compreender as essências, quando fecha o livro e sai, passa do pensamento à ação. Isso sugere que sua inquietação não se resolve apenas na teoria, uma vez que precisa experienciar, viver, ver com os próprios olhos.

Interessante verificar como Maria-Nova não é uma personagem observadora passiva do mundo, é uma buscadora incansável de significado, pois sua postura diante do pôr do sol e dos livros indica um encontro constante entre a sensibilidade estética e a reflexão intelectual. Esse diálogo interno entre o que sente e o que pensa torna-se o motor de sua jornada existencial. A angústia que a acomete não deve ser vista apenas como sofrimento, mas como sinal de um espírito inquieto, que se recusa a aceitar respostas fáceis ou prontas.

A intensidade com que vive e sente as coisas mostra uma força interna que impulsiona sua busca indenitária, uma busca que dialoga com suas raízes, sua história e seu lugar no mundo. Ao querer compreender o que existe “atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa”, a protagonista rompe com a superficialidade das primeiras impressões e se lança numa investigação profunda das realidades humanas e sociais. Essa busca revela um desejo de empatia e conexão, uma vontade de ultrapassar as barreiras físicas e simbólicas que separam os indivíduos e seus contextos de vida.

Dessa forma, a personagem emerge como uma figura simbólica, representando a busca universal por sentido e autenticidade num mundo muitas vezes marcado pela opacidade das relações e pela dificuldade de compreensão mútua: “Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (Evaristo, 2018, p. 16). Esse excerto evoca uma profunda nostalgia e reflexão sobre o passado, revelando uma dualidade entre a simplicidade da vida e as complexidades que surgem com o tempo.

O uso de palavras como “pobres” e “miseráveis” nós sugere uma condição de vida difícil, mas também pode insinuar uma beleza na simplicidade e nas experiências vividas. A expressão “recordação daquele mundo” indica que ela está refletindo sobre um tempo que, embora marcado por dificuldades, também carrega um valor sentimental. Essa construção é feita através de um tom melancólico, onde as lágrimas são um símbolo tanto da dor quanto da saudade.

Além disso, a contradição entre a simplicidade da vida passada e as complicações do presente destaca um conflito interno. O personagem parece sentir falta de algo que se perdeu com o tempo, mostrando que as memórias, mesmo as dolorosas, têm um papel importante na formação da sua identidade.

Maria-Nova estava assentada na soleira da porta. Lavara a cabeça, estava com os cabelos soltos ao sol para secar. Seu coração desmanchava em dores. Tinha um compromisso com a vida e não podia recuar. Via diante de si os últimos fatos acontecidos, a morte de Cidinha-Cidoca e a ida da família de Ditinha, junto com outras famílias. Foi quando Bondade apareceu com seu andar manso e macio como gato andando sobre o telhado. Olhou a menina e sentiu uma ternura intensa. Maria-Nova podia ser sua filha. Sen-tiu-se covarde por repartir com ela tantas dores. Ele podia poupá-la. O cabelo solto e eriçado da menina lembrava juba de leão. Gostava muito de todos na favela. Gostava de Tio Totó, Maria-Velha, de Mãe Joana, mas pensava em Maria-Nova como filha, caso ele tivesse tido alguma (Evaristo, 2018, p. 170).

É válido destacar a força e a resistência da personagem Maria-Nova em meio à dor e às perdas vividas na favela. Mesmo jovem, ela carrega um sentimento profundo de compromisso

com a vida, o que mostra sua maturidade e determinação diante de um contexto de sofrimento social e pessoal — a morte de Cidinha-Cidoca e a partida de outras famílias, por exemplo.

Sentada na soleira, com os cabelos soltos ao sol, aparece em um momento de pausa, mas também de resistência simbólica. O cabelo solto, que Bondade compara a uma juba de leão, reforça sua imagem de força, coragem e identidade. A figura de Bondade acrescenta outra camada de sentido ao trecho. Ao sentir ternura e imaginar Maria-Nova como filha, ele reconhece a intensidade do sofrimento que ela carrega e sua coragem diante disso. Ele se sente covarde por não a proteger, o que mostra o contraste entre a vontade de cuidar e a impotência diante das dores coletivas vividas na favela.

Maria-Nova representa a força das mulheres negras e periféricas, que enfrentam perdas, desalojamentos e violência com uma firmeza silenciosa, mantendo a dignidade e o compromisso com a vida. Ela é símbolo de resistência em meio à memória e à luta coletiva retratada no romance. O seu “compromisso com a vida”, revela uma força interior que vai além da sua juventude, mesmo marcada pela dor como a morte de Cidinha-Cidoca e o êxodo de famílias da favela, ela não se entrega ao desespero. Ao contrário, ela se posiciona como alguém que, apesar do sofrimento, escolhe continuar, resistir e manter viva a esperança.

Esse compromisso não é apenas com a própria sobrevivência, mas também com a memória, a dignidade e a coletividade, sente o peso do que acontece ao seu redor e assume um papel de testemunha e de continuidade porque compreende, mesmo que de forma silenciosa, que sua existência é parte de uma história maior, a da comunidade que sofre com a exclusão e a violência. Seu gesto simples, como secar os cabelos ao sol, torna-se símbolo de resistência cotidiana. Ela permanece, enfrenta, sonha, mesmo em meio à destruição. Seu compromisso com a vida, portanto, é um ato de coragem e afirmação, é não permitir que a dor apague sua identidade, sua humanidade e sua capacidade de lutar.

Na narrativa a leitura assume um papel central como ferramenta de emancipação, permitindo que a protagonista amplie sua compreensão de si mesma e do mundo que a cerca. Por meio do contato com livros, histórias e saberes, constrói conhecimento, identidade, autonomia e senso crítico frente às dificuldades do cotidiano na favela. A experiência da leitura transforma-se em um espaço de resistência simbólica, onde a menina encontra possibilidades de refletir sobre sua condição social e afirmar sua dignidade. Assim, Conceição Evaristo evidencia que a literatura, quando vivida e apropriada, é capaz de gerar emancipação intelectual, emocional e social, tornando-se um instrumento de fortalecimento da subjetividade e de preservação da memória coletiva.

4.5 A força estético-política da oralidade na obra de Conceição Evaristo: diálogos com a crítica afro-brasileira

A literatura de Evaristo é inseparável do seu conceito de escrevivência, e a oralidade é o pilar que sustenta essa arquitetura estética e política. Longe de ser um recurso meramente folclórico ou uma transcrição ingênua do falar popular, uma vez que a oralidade atua como um paradigma epistemológico, conforme postulam a crítica literária afro-brasileira e os estudos diaspóricos. A autora escreve sobre ela, e a partir dela, assumindo-a como a matriz da experiência e da memória ancestral de seu povo.

A concepção de oralidade, compreendida como fundamento da escrevivência e como eixo da memória coletiva, manifesta-se em *Becos da Memória* (2018). No romance, Conceição Evaristo incorpora à narrativa o ritmo e o tom da fala popular, revelando como a palavra oral se converte em instrumento de resistência e de organização comunitária. Vale destacar um trecho em que mostra significativamente a dinâmica uma vez que o personagem Negro Alírio se destaca como liderança e portador de esperança, articulando, por meio da fala, a força política da coletividade:

Negro Alírio insistia em nos injetar esperança. Não uma esperança apática, crente que o milagre pudesse acontecer, mas uma esperança que se concretizava na luta. Desde quando ele chegou à favela, logo depois que baixou tenda no barraco e no corpo de Dora, saiu para conhecer a área. Aos poucos, foi conhecendo todos e tudo. Na época todos nós só falávamos no desfavelamento. Alguns até choravam e ponto. Os que mais sentiam eram os velhos e as crianças. Negro Alírio falou da Lei Usucapião. Alguns sabiam da Lei, um velho argumentou que quem fazia a lei eram os fortes (Evaristo, 2013, p.114).

Nesse fragmento, Evaristo reitera a oralidade como princípio de construção narrativa e como espaço de saber comunitário. A voz de Negro Alírio emerge da coletividade e retorna a ela, instaurando um diálogo em que o ato de falar é também um ato de ensinar, conscientizar e fortalecer o grupo. A palavra oral, nesse contexto, não se restringe à função comunicativa; ela expressa uma visão de mundo e um modo de ação que se contrapõem à marginalização social e política vivida pelos moradores da favela. Ao introduzir um personagem que fala da Lei do Usucapião — um conhecimento jurídico que circula pela via da oralidade —, a autora demonstra que o saber popular não é inferior nem alheio ao conhecimento formal, mas constitui uma forma legítima de leitura e de interpretação da realidade.

A narrativa, portanto, faz da fala de Negro Alírio uma metáfora da resistência e da esperança ativa. Essa “esperança que se concretizava na luta” revela o compromisso ético e

político da autora com a representação das vozes subalternizadas. Assim, Evaristo transforma a oralidade em estrutura de resistência e transmissão de memória, reafirmando a escrevivência como espaço em que a experiência vivida se converte em palavra e a palavra, em consciência.

A força simbólica da fala de Negro Alírio não se restringe, portanto, ao espaço da ficção, mas remete a uma tradição cultural mais ampla, enraizada na história dos povos africanos e afrodescendentes. A oralidade, na narrativa, ultrapassa o âmbito da representação literária para reafirmar uma herança ancestral que concebe a palavra como lugar de saber e de poder. Nessa perspectiva, o papel da oralidade na obra de Evaristo está profundamente conectado à tradição dos povos africanos na diáspora, que não podiam contar com os registros escritos para preservar sua história. Como aponta Amadou Hampâté Bâ (2010), a tradição oral nas culturas africanas é a principal fonte de conhecimento, sendo a palavra um elemento sagrado e dinâmico. Conceição Evaristo herda essa perspectiva, transformando a casa da infância, carente de livros, em um espaço *"habitado por palavras"*. A fala da mãe e das mulheres mais velhas, com seus *"causos"* e narrativas de sobrevivência, funcionou como a primeira biblioteca e o primeiro arquivo, transmitindo a ética, os valores e, sobretudo, a memória de longa duração.

Assim, nesse contexto, a oralidade é uma ferramenta crucial para a reparação histórica. Ao trazer a fala da comunidade para o centro do texto escrito, Evaristo cumpre o ato de *"rasurar"* a imagem da mulher negra construída pelo discurso colonial, que a via como um corpo-coisa e silenciava sua potência de emissão. A busca de Evaristo por uma linguagem que se aproxime da fala é um projeto estético complexo. A autora não quer apenas mimetizar o sotaque, mas capturar a *"poética do corpo, uma poética da voz"*; inerente ao texto oral. Essa aspiração dialoga intimamente com o conceito de oralitura, desenvolvido por Leda Maria Martins.

Para Martins (2010), a oralitura é a inscrição da cultura afro-brasileira que se manifesta em formas de conhecimento e arte marcadas pela performance, pelo rito e pela memória. O texto oral não se esgota na fonética, mas envolve o gesto, o olhar, o ritmo e o silêncio. Na escrevivência, as marcas da oralidade — como a sintaxe própria, as repetições rítmicas e os vocábulos do cotidiano popular — funcionam como elementos que registram na escrita a complexidade da performance oral. Assim, a narrativa evaristiana, seja na prosa (*Becos da Memória, Ponciá Vicêncio*) ou na poesia (*Vozes-Mulheres*), adquire uma textura polifônica, na qual a voz individual se expande para ser a voz da coletividade, tecendo um *"discurso*

literário que abarca um sentido de universalidade humana” a partir da particularidade afro-brasileira.

O uso da oralidade é, fundamentalmente, um ato político de descolonização do cânone literário. Ao privilegiar a forma de expressão historicamente desprezada pela elite letrada, Evaristo subverte a hierarquia cultural. Sua escrita se torna, como ela mesma define, uma intervenção que visa “incomodar os da casa-grande em seus sonos injustos”. A presença forte da fala permite que o texto se configure como um “narrar de dentro”, oferecendo ao leitor/ouvinte negro a possibilidade de se ver representado de maneira autêntica e valorizada, um processo que a crítica reconhece como emancipatório e crucial no combate ao racismo estrutural. A oralidade em Evaristo, portanto, é a força ontológica que garante a continuidade da resistência, ligando a luta do presente à herança indestrutível dos antepassados. A palavra se torna a ferramenta de empoderamento, transformando o marginalizado em sujeito ativo de sua própria história e discurso.

4.6 Vozes do passado, letras do presente

Em *Becos da Memória* (2018), percebe-se também a presença marcante da oralidade na escrita, especialmente nas passagens que reproduzem as falas das pessoas mais velhas da favela, conforme as lembranças narradas:

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por esse mundo de deo em deo e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que ficou para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo. Verdade fosse!... (Evaristo, 2013, p.31).

Nesse trecho, percebemos que as lembranças da autora refletem a fala das pessoas mais velhas, revelando um modo particular de expressão característico desse grupo. Essa peculiaridade se manifesta por meio do uso de termos antigos, como se observa na fala: “Se a gente sai por esse mundo de deo em deo e não volta...”. Assim, os relatos de caráter oral assumem uma estrutura narrativa que, embora ancorada na língua portuguesa escrita, é marcada pela presença da oralidade — uma escrita que carrega em si traços da fala popular. Essa escolha estilística evidencia a valorização do coletivo, uma vez que o foco do livro recai sobre a trajetória dos moradores da favela como um todo, e não sobre uma única personagem. Essa forma de narrar dialoga com as reflexões de Antonio Candido, ao considerar que:

Um trabalho ideal sobre a literatura dos grupos iletrados, primitivos, mas também rústicos, deveria partir da observação concreta dos fatos, passar às análises estruturais e comparativas, para chegar à sua função na sociedade, sem sacrificar o aspecto estético nem o sociológico (Candido, 2006, p. 56).

Dessa forma, na narrativa construída, percebe-se um movimento que dissolve as fronteiras entre a linguagem oral e a escrita, resultado das lembranças que estruturam o enredo. Embora a autora utilize a língua portuguesa dentro das normas da escrita, sua narrativa é profundamente permeada pela oralidade. Ao longo da obra, a escritora retoma diversas histórias familiares, memórias comunitárias e tradições que envolvem seu povo, amigos e vizinhos. Esses relatos, ainda que pertençam ao passado, ganham novo sentido e vitalidade na escrita de caráter memorialístico. A autora se coloca como um elo entre tempos distintos, fazendo com que o passado dialogue com o presente e projete-se no futuro. Nesse contexto, destaca-se o seguinte trecho da narrativa:

Foi a menina que arrumara a cama. Ele passara o resto da noite em casa de Tio Totó. Ficara impressionado com o velho. Ficara impressionado com tudo: com o barracão caiado de branco, com uma cruz de madeira na parede, com a caixa de congada, com a coroa de rei. Até bem pouco tempo, Tio Totó dançava congada e brincava nas festas de Reis. Dentro do barracão, conviviam três gerações. Tio Totó era, talvez, uns quarenta anos mais velho que Maria-Velha. Olhou os três e pensou que, se soubesse pintar, faria um belo quadro (Evaristo, 2013, p.128-9).

No trecho apresentado, percebe-se que a autora, por meio de uma escrita marcada pela memória, recupera valores e princípios ligados às tradições populares, como a religiosidade, as festas de congada e o símbolo da cruz — elementos que remetem às crenças e práticas culturais do povo. A narrativa funciona como um testemunho dos costumes e modos de vida das personagens, ao mesmo tempo em que reinterpreta suas existências dentro de uma estrutura fragmentada e afetiva.

Em *Becos da Memória* (2018), o personagem mais velho, Tio Totó, representa a tradição e o passado, servindo de ponte entre a sabedoria antiga e a curiosidade da geração mais jovem, simbolizada por Maria-Nova. O vínculo entre os dois evidencia o encontro entre o velho e o novo, em que o conhecimento acumulado por Tio Totó estimula crescimento e o amadurecimento da menina. Essa troca de experiências gera uma relação de complementaridade, ou seja, um aprendizado mútuo que se constrói no decorrer da narrativa, conforme a observação feita pela narradora em terceira pessoa:

Maria-Nova assistia ao envelhecimento de Tio Totó e desejava comunicar-lhe um pouco de juventude. Ela sabia que a morte resolve os problemas de quem morre e raramente de quem fica. Ela sabia que Tio Totó queria morrer porque sentia mais uma vez ludibriado pela vida. Ela compreendia a razão dele, mas perguntava ao Tio Totó: - E nós, e eu? Totó insistia: - Maria-Nova, para que sirvo? A favela acabando, por que tenho que ir com vocês? Por que não parar aqui? Meu corpo pede terra. Tio Totó não entendia que seus noventa e tantos anos eram necessários aos quase quinze de Mariinha (Evaristo, 2013, p.72).

Evaristo, ao longo de toda a sua narração, privilegia o intercâmbio entre a tradição e a modernidade e, para isso, recorre à contação de histórias de Tio Totó. Desse modo, o velho alimenta a esperança e a força da continuidade do novo, da criança. E vice-versa. É o passado se unindo ao futuro. Conforme rememorações:

Tio Totó, apesar de muitos anos vividos, tinha o ouvido muito apurado, acordou atordoado com o barulho e chamou Maria-Velha. Maria-Nova acordou também e pressentiu que alguma coisa de muito grave tinha acontecido. Tio Totó suava e tremia. Deus meu, o que teria acontecido? Estariam jogando uma bomba na favela? Se fosse, ele nem se importaria, assim seu corpo ficaria por ali mesmo. Tio Totó, cada vez mais, tornava-se íntimo da morte, despojava-se da esperança. Revivia o que passara, coisas tristes, tristes mesmo! Algumas alegres num tempo de esperanças. Foi justamente a esperança que ele procurou. Procurou a esperança bem lá no fundo do coração e só escutou a batida seca e dura do órgão. Eta coração velho! Quando iria terminar tudo aquilo? Seria agora? Quem sabe uma bomba estava sendo jogada na favela? (Evaristo, 2018, p.106).

A partir desse trecho, percebemos que a passagem do tempo, especialmente na vida dos moradores mais velhos, é narrada sob uma perspectiva psicológica, que privilegia as emoções e as lembranças despertadas pelas experiências vividas. No caso de Tio Totó, suas memórias emergem das dores e perdas que marcaram sua existência. Essa forma de narrar evidencia o caráter reflexivo da escrita da autora, que busca compreender a vida dos mais velhos e, por meio disso, construir uma ponte com o passado. A narradora, ao escutar atentamente as histórias contadas pelos idosos, sem interrompê-los, estabelece um elo entre o ontem e o agora.

Desse modo, Tio Totó tem papel essencial na composição da narrativa, pois simboliza o passado e carrega as memórias da escravidão. Ele funciona como uma memória viva, que alimenta a imaginação e as recordações da narradora, permitindo que essas experiências sejam transmitidas adiante. Por meio das lembranças do velho Totó, a escritora conecta o processo atual de remoção dos moradores da favela às antigas formas de opressão herdadas da servidão. Assim, a memória do personagem torna-se um instrumento de preservação da cultura e da tradição negra.

Enquanto representante dos oprimidos, Maria-Nova assume um papel de resistência e esperança, simbolizando a possibilidade de transformação e reivindicando melhores condições

de vida para o seu povo. É nesse gesto de recontar e lembrar que reside a força de sua escrita e assim recorremos a ela mesma:

Maria-Nova, talvez tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ele nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. Maria-Nova à medida que aprendia se tornava mestra dos irmãos menores e das crianças vizinhas. Maria-Nova crescia, lia, crescia (Evaristo, 2013, p. 91-92).

Percebemos, portanto, que nessa narrativa há um esforço em recuperar elementos significativos, especialmente as trajetórias dos descendentes de escravizados e o valor de suas existências. Além disso, a autora ressalta a narração como uma prática que une o antigo e o contemporâneo, mesclando tradição e modernidade. Essa fusão se manifesta na construção das personagens, como Negro Alírio, Dora, Maria-Velha, Tio Totó, Vó Rita, Nega Tuína e Tio Tatão como a própria autora destaca:

Negro Alírio chegou numa madrugada chuvosa. Estava molhado até os ossos. Era muito bonito, tinha as características negras bem marcantes. Maria-Nova gostou de Negro Alírio. Ela era uma menina, mas alguma coisa de mulher já bulia dentro de si. O que ela mais gostou em Negro Alírio foi da boca. Ela ficou pensando em seus lábios carnudos (Evaristo, 2013, p. 59).

No trecho em questão, percebe-se um sentimento de admiração e orgulho por parte da narradora em relação à negritude e às suas características físicas. Essa valorização representa uma ruptura com os padrões eurocêtricos de beleza, configurando um gesto de resistência e afirmação da identidade negra, historicamente marginalizada. Além de retratar aspectos simples do cotidiano da favela, a autora volta seu olhar para os laços de ajuda mútua e solidariedade presentes entre os moradores. Entre as personagens que melhor expressam esses valores está Bondade, cujo próprio nome reflete sua natureza generosa. Ela se empenha constantemente em promover alegria e melhorias para a comunidade. Como aponta a narradora:

Bondade conhecia todas as misérias e grandezas da favela. Ele sabia que há pobres que são capazes de dividir, de dar o pouco que têm e que há pobres mais egoístas em suas misérias do que ricos na fartura deles. Ele conhecia cada barraco, cada habitante. Com jeito, ele acabava entrando no coração de todos. E quando se dava fé, já tinha contado tudo ao Bondade. Era impressionante como, sem perguntar nada, ele acabava participando do segredo de todos. Era um homem miúdo, não ocupava muito espaço. Daí, talvez a sua capacidade de estar em todos os lugares. Bondade ganhou o apelido que merecia (Evaristo, 2013, p. 54).

Destacamos que, na comunidade retratada ao longo da narrativa, a convivência é marcada por gestos de solidariedade e por um forte sentimento de coletividade — traços característicos das sociedades orais tradicionais. Esse modo de vida, baseado na ajuda mútua e na união entre os moradores, remete às sociedades africanas tradicionais mencionadas por Zuleide Duarte, nas quais o vínculo comunitário e o cuidado coletivo são valores fundamentais para a existência e a resistência do grupo.

Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares em que se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura (Duarte, 2009, p. 182).

Nesse contexto, a obra apresenta a autora em diálogo com a tradição oral de origem africana, já que grande parte das personagens rememoradas são pessoas negras que compartilham seus saberes e experiências por meio da fala, transmitindo-os às gerações seguintes. Assim, é pertinente destacar o que observa Duarte (2009):

A performance que acompanha essas narrativas responde pela atualização constante dos ensinamentos, tornando-se exercício vivo e interativo entre os membros da sociedade. Visual, mímico, imaginativo e encantatório, o texto oral transmite o legado mais legítimo das culturas locais através dos exemplos que visam à solidificação dos laços entre os membros do grupo e garante o discernimento do lugar de pertença do indivíduo, sua filiação identitária, permitindo-lhe uma visão de si mesmo e do outro com um mínimo de conflitos (Duarte, 2009, p. 182).

Percebe-se que a escolha da autora em construir a obra dessa forma pode ser interpretada como uma postura crítica em relação à escrita formal da Língua Portuguesa, centrada em padrões cultos e eurocêntricos. Ao resgatar e recriar uma oralidade ligada a referências culturais negras, a narrativa valoriza a identidade e a diversidade do povo negro. Nesse sentido, o modo como a história se desenvolve remete à reflexão de Walter Benjamin (1994), para quem a oralidade é o elemento que sustenta e fundamenta a narrativa. Para o autor, a narrativa, uma forma artesanal de comunicação, mergulha fragmento na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. “Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1994, p. 205).

Na elaboração do romance, a autora reconstrói, por meio do reconto, as histórias e os conflitos de suas personagens, sob a perspectiva das dores e experiências que ela própria vivenciou. Nesse sentido, destacamos as lembranças da escritora:

Maria-Velha parece que adivinhava os desejos de Maria Nova. E quando a menina estava para sofrer, a tia tinha tristes histórias para rememorar. Contava com uma voz

entrecortada de soluços. Soluços secos, sem lágrimas. Sabia-se que ela estava chorando pela voz rouca e pela boca amarga (Evaristo, 2013, p. 50).

Na atividade de narrar os acontecimentos de sua própria vida e da vida de seus familiares, amigos e vizinhos, a narradora coloca em prática a “faculdade de trocar experiências” mencionada por Benjamin (1994, p.197). Percebemos que sua narrativa funciona como uma ponte entre o passado e o presente, pois é ela quem traz para a escrita as vivências dos mais velhos, misturando-as com suas próprias experiências e transformando-as em matéria literária.

Desde o início do texto — já a partir do título e da dedicatória — fica claro que se trata de uma narradora rodeada por mulheres, prestando homenagem a elas e anunciando que sua obra dará destaque ao universo feminino, o qual também será sua principal fonte de inspiração:

Aos demais de minha família, tio e tias, ancestrais profundamente inscritos em minha memória: Tio Oswaldo Catarino Evaristo; dele, as minhas primeiras lições de negritude. Tia Adélia, a que, sonhando ser professora, dizia ter uma escola particular em casa. Velha Lia, minha tia-mãe, a que me criou, mulher de palavra e da palavra, a quem devo tantas histórias (Evaristo, 2013, p.7-8).

Observa-se, também, que Maria Nova, ao se assumir como porta-voz da população negra — ou seja, ao se comprometer a retratar, em sua obra literária, a vivência dos afrodescendentes — recorre às memórias familiares, local de onde extraiu suas “primeiras lições de negritude”. Dessa forma, podemos considerar que sua escrita se enquadra como Literatura negra ou afrodescendente. Todavia, definir o que seja Literatura negra ou afrodescendente no contexto brasileiro não é tarefa simples, uma vez que existem diversas interpretações e divergências entre os estudiosos dessa manifestação artística. A busca por um conceito claro para a literatura negra gera debates, controvérsias e até discordâncias. Nesse sentido, destaca-se Zilá Bernd (1988), que afirma que “a literatura negra se constrói, não como um discurso da gratuidade, ou unicamente da realização estética, mas para expressar a consciência social do negro” (Bernd, 1988, p. 53).

Por outro lado, Otacílio Ianni entende que a literatura negra engloba “autores, obras, temas e invenções literárias” (Ianni, 1999, p. 91), segundo suas próprias observações:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo (Ianni, 1999, p. 91).

Ao abordar as divergências em torno do conceito de Literatura negra, a pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca nos convida a refletir sobre essas diferentes perspectivas e compreensões:

As expressões “literatura negra” e literatura “afro-brasileira” são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico- literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, com a motivação dada por questões específicas de segmentos sociais de predominância negra e ou mestiça, e com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. A literatura assume essas tradições como estratégias de reinvenção, como material que fomenta uma produção textual – em gêneros poéticos, narrativos e híbridos (Fonseca, 2006, p. 1).

O escritor Luiz Silva Cuti (2009) entende que os aspectos relacionados à literatura negra vão além da cor da pele, envolvendo também a trajetória histórica e as origens do povo negro no Brasil. Segundo ele, essas discussões despertam diferentes interpretações e pontos de vista, gerando conceitos e posicionamentos diversos “[...] não é só uma questão de pele, é uma questão de mergulhar em determinados sentimentos de nacionalidade, enraizados na própria história do africano no Brasil e sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado” (Cuti, 2009, p.1).

Sarteschi (2011) ao tratar do tema considera que o conceito de literatura negra é controverso e problemático, pois acaba por rotular a produção artística e literária feita por pessoas dessa etnia. Para a autora, o simples ato de acrescentar um adjetivo ao termo já revela uma postura preconceituosa em relação à obra assim categorizada. Desse modo, ela destaca que:

Como sabemos, o conceito “literatura negra” é ainda bastante polêmico, pois o fato de justapor um adjetivo à palavra literatura será sempre problemático, na medida em que um qualificativo acaba, sem dúvida, por circunscrever a amplitude do termo. É nesse sentido que, para alguns estudiosos, o uso de expressões como “literatura negra”, “literatura afro-brasileira”, ou ainda, “literatura afrodescendente brasileira” revela posturas particularizadoras, que aprisionam e rotulam toda uma produção literária. Domício Proença Filho, reconhecido pesquisador, professor e poeta, autor de “Dionísio Esfacelado”, um clássico da poesia negra, entende que o termo literatura negra acaba por manter a discriminação em lugar de combatê-la, lembrando que, apesar de estar vinculado a movimentos reivindicatórios de afirmação do negro, fator decisivo na luta pelo fim das práticas históricas do preconceito racial, essa designação corre o risco de reproduzir estereótipos, fazendo o jogo do preconceito velado (Sarteschi, 2011, p. 2).

Diante das intensas discussões que envolvem a denominação da chamada literatura negra, compartilhamos a visão de Leda Martins, que analisa a diversidade de “dicções literárias” surgidas a partir da década de 1980 para se referir à produção literária afrodescendente. A autora ressalta que tais denominações assumem diferentes “sentidos

semânticos” e “enfoques teóricos”, cada um deles buscando compreender essa escrita por ângulos e perspectivas distintas:

1) ampliar, em particular no contexto acadêmico, a reflexão crítica e a pesquisa historiográfica, de modo a mapear e distender a cartografia inclusiva da afrodescendência, no amplo e diverso contexto de possibilidades de suas realizações literárias, com aportes teórico- metodológicos que incluíssem suas diversidades de linhagens e de opções estéticas; 2) discutir as condições de produção, recepção e circulação dessa literatura, conotando nos significantes negra, afro-brasileira e, mais recentemente, afro-descendente, as tensões raciais, étnicas, sociais e culturais, histórica e ideologicamente aderidas no cânone literário e nas relações de força ali disseminadas, nas condições de veiculação e verificação dessa produção, assim como nas relações de poder do negro em vários âmbitos da própria sociedade brasileira; 3) realçar, epistemologicamente, e valorar, sob prismas teórico metodológicos apropriados, os repertórios textuais da oralidade, dentre eles os originários, matricialmente, das culturas africanas e nativo-indígenas, nos quais gravitam singulares propriedades, técnicas e procedimentos de composição, em um celeiro de variadas formas poéticas e narrativas (Martins, 2007, p. 72-73).

Como já discutido, existem diversas controvérsias em torno do tema. No entanto, mesmo diante de tantas divergências, percebemos que há um ponto de concordância entre os estudiosos da literatura afro-brasileira: trata-se de uma expressão artístico-cultural permeada por debates e tensões, mas que busca inserir, no campo literário, uma perspectiva negra de mundo construída na diferença. Dessa forma, ao escolher Maria-Nova como protagonista, Conceição Evaristo rompe com a imagem tradicionalmente atribuída ao negro pela literatura canônica, criando uma personagem que desafia os estigmas e o preconceito voltados à sua etnia.

Apesar de conquistar cada vez mais espaço e reconhecimento, a literatura afro-brasileira ainda enfrenta processos de invisibilização e rejeição, especialmente no meio acadêmico. Nesse contexto, torna-se evidente o caráter inovador da escrita de Evaristo, pois sua protagonista, mulher negra, desde a infância manifesta o desejo de narrar as histórias de sua comunidade — as vivências de familiares, amigos, vizinhos e moradores da favela, assim como os relatos ouvidos dos mais velhos e as experiências observadas no cotidiano.

A narrativa construída por Evaristo dá voz a essa perspectiva, uma vez que, na maioria das vezes, é o próprio sujeito negro quem fornece a matéria da escrita, expondo suas dores, reflexões e percepções sobre o mundo, trazendo para o texto literário sua visão crítica da realidade. A narradora utiliza a escrita como instrumento de transformação e de passagem do tempo. Assim, sua narrativa, ao dar centralidade às vivências negras, recorre à memória como fonte de resistência e reafirmação identitária — uma memória que resgata a ancestralidade e impulsiona as lutas do presente, alimentando-se do passado para reinventá-lo, reelaborá-lo,

transformando-o em instrumento de resistência. Nessa perspectiva, torna-se significativo recorrer à lembrança de Luisão quando a narradora o evoca:

– Pai,vamos daqui, não é preciso nem falar pro Sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri coisas... Há muito que branco não é mais dono de negro. Nem vender Lya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi. O homem velho e o homem moço foram a caminho. O velho calado, o moço mudo. O homem moço comprou um pedaço de terra, passaram a lavrar o que era de seus, pai e filho (Evaristo, 2013, p. 53).

A forma como suas lembranças são narradas remete novamente a Benjamin (1994), que afirma ser a arte de narrar uma experiência algo inesgotável, já que, ao relembrar, o narrador faz com que o acontecimento se torne perpétuo. O autor acrescenta ainda que: “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (Benjamin, 1994, p. 37).

Desse modo, percebemos que a autora, ao construir sua narrativa, assume o papel de preservar e eternizar as memórias de sua família, de seu grupo social e de seu povo, evitando que esse conjunto de experiências permaneça restrito apenas à sua lembrança pessoal. Assim, a narradora não deixa que as histórias daqueles que recorda se limitem ao espaço da memória individual; ao contrário, ela escreve para assegurar a permanência e a resistência das lembranças relacionadas aos que foram silenciados e oprimidos. É importante ressaltar que:

Maria-Nova tinha em Bondade outro contador de histórias. Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos, as alegres ele tinha no rosto e, nas mãos, a alegria de uma criança. Maria-Nova queria sempre mais histórias e mais histórias para a sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito (Evaristo, 2013, p.56).

Ao rememorar sua trajetória escolar, destacando uma aula presenciada na juventude — momento em que sua vocação desperta —, ela chega à seguinte conclusão: “Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (Evaristo, 2013, p.211). A perspectiva da narradora constrói um ponto de vista voltado para os sujeitos marginalizados, aqueles socialmente violentados, por meio de uma linguagem própria, marcada pela oralidade e impregnada de poeticidade, sua escrita reflete sobre as vidas periféricas — negros, pobres, mulheres e demais grupos excluídos. Nesse contexto, destacam-se as lembranças:

Todos gostavam de Negro Alírio, sabiam perfeitamente que ele era nosso, mas as palavras dele caíam no vazio do desespero de todos. Gostavam do ânimo, da esperança do homem. Ele chegara havia bem pouco tempo e tomara para si as dores que eram nossas. Ninguém, entretanto, acreditava em qualquer solução (Evaristo, 2013, p. 114).

A narradora-autora realiza uma ruptura com os valores impostos pela sociedade, ao colocar o negro como protagonista da narrativa, reconhecendo-o como sujeito ativo no universo literário. Isso se evidencia, por exemplo, quando ela novamente rememora Negro Alírio:

Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam. Em cada local de trabalho, Negro Alírio fazia novos irmãos, se bem que entre os patrões ele ganhava novos inimigos (Evaristo, 2013, p.134).

Observa-se que a escrita de Conceição Evaristo, ao colocar como protagonista uma menina que recorda sua infância e adolescência, busca suprir uma lacuna na literatura brasileira e, ao mesmo tempo, fomentar a visibilidade da literatura afro-brasileira, frequentemente envolta em controvérsias. Percebe-se que as decisões de Evaristo, ao escolher como personagem central uma jovem afrodescendente, residente em uma favela e apaixonada pela leitura — prática que, ao longo da obra, se apresenta como importante instrumento de reflexão —, contribuem para valorizar a identidade negra. Além disso, a atenção dedicada aos demais personagens negros ao longo da narrativa reforça essa valorização:

Cada área da favela tinha seus tiradores oficiais de terço. Poucos sabiam ler. A maioria sabia de cor as rezas e muitas vezes em latim. Como Maria- Nova lia muito bem e os santos sempre visitavam a casa dela, ela foi se tornando uma tiradeira oficial das rezas. Começou em sua casa e já era solicitada para puxar o terço nas moradias mais próximas. Todos achavam bonito aquela menina esguia, bem magra, de olhos indagadores, de expressão entre séria e triste ajoelhada no meio dos grandes a ler bem as orações do livro. Maria-Nova, muitas vezes lia em latim a ladainha de Nossa Senhora (Evaristo, 2013, p.66-67).

No trecho acima, percebemos o encanto e a admiração que o domínio da leitura desperta nos moradores da favela, sentimentos que servem de estímulo para que a menina, futura escritora, mantenha seu hábito de ler e transforme a leitura em seu principal lazer. Considerando que o grupo social retratado pela autora é majoritariamente composto por negros e afrodescendentes, e que o material de sua narrativa se baseia nas lembranças das histórias transmitidas por seus antepassados, destacamos que essas recordações são estruturadas na escrita por meio de elementos característicos da oralidade. Essa forma de registrar os acontecimentos decorre do fato de que as histórias são inicialmente verbalizadas pelos contadores. Relembrar e recontar essas narrativas implica, para a protagonista, reconstruir e

recriar a oralidade originária que dá forma às histórias de seu povo. As palavras recordadas passam pela boca, imersas em saliva, trazendo para a escrita o elemento hídrico presente na oralidade. Esse recurso é fundamental para a narrativa, pois anteriormente já havia alimentado as próprias histórias contadas pelos conterrâneos da narradora.

A oralidade revela-se como elemento estruturante na construção da narrativa de Conceição Evaristo. Mais do que um simples recurso estilístico, ela se configura como um espaço de resistência, memória e identidade coletiva. Ao incorporar a voz dos ancestrais e das comunidades marginalizadas, a autora transforma a escrita em um prolongamento da palavra falada, preservando os saberes, os afetos e as experiências do povo negro. Assim, a oralidade, ao atravessar a narrativa, não apenas dá vida às lembranças e histórias de Maria-Nova, mas também reafirma a força da tradição e da memória como instrumentos de reconstrução cultural e de afirmação de uma identidade afro-brasileira que se perpetua pela voz e pela escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou analisar de forma aprofundada a trajetória de construção da personagem Maria-Nova em *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo, a partir da perspectiva do leitor literário. Observou-se que a experiência leitora da personagem afrodescendente não apenas molda sua identidade, mas também evidencia a importância do letramento literário como prática social e instrumento de apropriação do mundo e de construção de subjetividades. Segundo Solé (1998), a leitura não se limita à decodificação de signos, mas envolve a interpretação crítica e a construção de sentidos, permitindo ao leitor dialogar com experiências múltiplas e ampliar sua compreensão do mundo.

Ao longo do estudo, identificou-se que as vivências retratadas na narrativa contribuem para que a protagonista desenvolva um desejo profundo de registrar suas memórias, iniciando, ainda na adolescência, uma trajetória marcada pela leitura e pela escrita. Essa dimensão da experiência leitora evidencia que a literatura funciona como espaço de reflexão sobre si mesma e sobre o entorno social, permitindo que a personagem se perceba como agente ativo de sua própria história. Cândido (2000) enfatiza que o leitor crítico participa da construção de sentido da obra literária, dialogando com os contextos sociais e históricos que permeiam a narrativa, o que se mostra plenamente presente na trajetória de Maria-Nova.

O estudo também evidenciou que a experiência leitora da personagem constitui um caminho para ressignificar memórias e fortalecer identidades, especialmente em uma perspectiva afro-brasileira. A literatura de Conceição Evaristo, nesse sentido, atua como espaço

de representatividade, resistência e valorização da cultura negra. A análise demonstrou que a leitura é simultaneamente prática estética e social, permitindo à personagem a construção de uma consciência crítica sobre sua própria história e sobre as relações sociais que a cercam.

Ademais, a trajetória de Maria-Nova enquanto leitora está intimamente ligada à preservação da memória e à reconstrução da história coletiva de sua comunidade. A leitura torna-se, portanto, não apenas um ato individual, mas um gesto de reconhecimento e afirmação cultural, evidenciando o potencial transformador da literatura afro-brasileira. Conforme Solé (1998), o letramento literário promove a formação de leitores capazes de estabelecer conexões entre o texto e a realidade, ampliando horizontes cognitivos, emocionais e sociais.

Esta dissertação reforça a importância de estudar a literatura afro-brasileira sob a ótica do leitor literário, considerando seus impactos na constituição de sujeitos críticos, conscientes de sua história e de seu pertencimento. Ao analisar a trajetória de Maria-Nova, observou-se que a leitura, como prática de letramento literário, contribui para a formação de uma consciência social e cultural ampliada, permitindo ao leitor reconhecer-se como sujeito ativo na construção de sentido e no diálogo com sua própria experiência de vida.

Assim, os resultados desta pesquisa evidenciam que a experiência leitora de Maria-Nova vai além de um percurso individual, pois constitui-se como convite à reflexão sobre a literatura como instrumento de empoderamento, preservação da memória e consolidação de identidades. O letramento literário, nesse contexto, revela-se essencial para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de dialogar com múltiplas experiências, compreender a complexidade das relações sociais e reconhecer o valor da literatura afro-brasileira como espaço de resistência, representatividade e transformação social.

A leitura, enquanto prática emancipatória, surge, em Becos da Memória, como elemento que entrelaça as dimensões estética, social e política da narrativa. A trajetória de Maria-Nova permite compreender que a literatura, ao ser apropriada por sujeitos historicamente marginalizados, assume um papel de reconstrução simbólica do mundo. O ato de ler, nesse contexto, é também o ato de se inscrever na história, reivindicando voz e pertencimento. Conforme afirma Magda Soares (2008), o letramento ultrapassa a mera aprendizagem do código escrito, constituindo-se como uma prática social que envolve usos, valores e funções da leitura e da escrita. Na obra de Evaristo, esse processo se manifesta como possibilidade de transformação da consciência e como via de resistência ao apagamento cultural.

Ao resgatar as vozes e as memórias de sua comunidade, Maria-Nova exemplifica a função que Ricoeur (2007) atribui à narrativa: a de reconstruir a identidade através do tempo.

A leitura e a escrita, nesse processo, tornam-se pontes entre o vivido e o lembrado, entre o individual e o coletivo. As lembranças narradas, como observa Halbwachs (1990), só adquirem sentido quando compartilhadas e reinterpretadas socialmente. Assim, a memória de Maria-Nova não é isolada, mas ecoa as experiências de um povo que luta para não ser esquecido. Por meio da escrita, ela perpetua a história dos que viveram e resistiram nos becos — transformando a dor em linguagem e a lembrança em herança.

Nessa perspectiva, Conceição Evaristo consolida o conceito de *escrevivência*, em que a experiência pessoal e coletiva das mulheres negras é traduzida em literatura. Como afirma a própria autora, a *escrevivência* é um “ato de insubmissão” e uma forma de reescrever a história a partir do olhar daqueles que sempre foram silenciados. Em *Becos da Memória*, esse gesto é simbolizado na figura de Maria-Nova, que, ao ler e escrever sobre o seu mundo, rompe o ciclo de silenciamento imposto pela marginalização social e racial. O texto literário, portanto, torna-se um instrumento de cura, de reconstrução e de denúncia, reafirmando a literatura afro-brasileira como território de resistência e visibilidade.

O percurso de leitura empreendido pela personagem também permite refletir sobre a formação do leitor crítico no contexto educacional. Cosson (2018) defende que o letramento literário deve ser compreendido como uma prática cultural que transforma o sujeito e o insere em novas formas de compreensão do mundo. Assim como Maria-Nova, o leitor, ao interagir com a literatura, amplia seu horizonte de expectativas, questiona valores estabelecidos e compreende a si mesmo em relação ao outro. A escola, nesse sentido, desempenha papel central na promoção de experiências significativas de leitura, capazes de fomentar o reconhecimento da diversidade e da pluralidade cultural brasileira.

Além disso, a leitura em *Becos da Memória* revela-se um exercício de escuta e acolhimento das vozes ancestrais. A presença da oralidade, elemento que atravessa toda a narrativa, reafirma a importância da tradição como meio de preservação da memória coletiva. Como aponta Nora (1993), os lugares de memória emergem quando os meios vivos da recordação se tornam frágeis, e é nesse espaço que a escrita de Evaristo atua transformando lembranças orais em registro permanente. Dessa forma, Maria-Nova, ao assumir a função de narradora e leitora, preserva o legado de seus antepassados, garantindo-lhes continuidade e permanência.

Em diálogo com Halbwachs (1990), compreende-se que a memória individual da personagem é constantemente moldada pela memória social do grupo. Ao rememorar histórias e recontá-las, Maria-Nova cumpre o papel de mediadora entre o passado e o presente, entre o

silêncio e a palavra. Essa função confere à leitura e à escrita uma dimensão ética, pois implica o compromisso com a verdade, com a justiça e com o reconhecimento do outro. Em consonância, Paul Ricoeur (2007) ressalta que a memória é um ato de responsabilidade, uma maneira de responder ao apelo dos que vieram antes de nós. Assim, ao narrar os becos, Maria-Nova não apenas recorda, mas restitui dignidade às vidas apagadas pelo esquecimento histórico. O ato de ler, na trajetória de Maria-Nova, é também o de reconstruir-se enquanto sujeito. A personagem, ao se ver representada nas palavras, reconhece-se como protagonista de sua própria história, deslocando-se da condição de objeto para a de autora.

Essa passagem simboliza a ascensão do sujeito negro na literatura brasileira, agora dotado de voz, consciência e poder de interpretação. Segundo Duarte (2017), a escrita de Evaristo instaura um “lugar de fala” para as mulheres negras, tornando a literatura um instrumento de reconfiguração das identidades e das relações de poder.

Nesse sentido, *Becos da Memória* reafirma a literatura como espaço de representatividade e de reescrita das histórias silenciadas. A experiência leitora de Maria-Nova ilumina o processo de construção identitária de sujeitos que, como ela, buscam compreender-se a partir das narrativas que os formam. Como observa Cândido (2000), a literatura tem o poder de humanizar o leitor, pois amplia sua capacidade de compreender e de se colocar no lugar do outro. Essa dimensão humanizadora é essencial para a formação do leitor crítico, capaz de questionar as estruturas sociais e propor novos modos de existência.

A partir dessa análise, pode-se afirmar que a leitura, na obra de Conceição Evaristo, transcende o espaço ficcional para tornar-se um ato político. Ao representar a menina que lê e escreve, a autora evidencia que a alfabetização e o letramento literário são também caminhos de libertação. Como defende Soares (2008), a apropriação da escrita é um ato de poder, especialmente para aqueles que foram historicamente excluídos do universo da palavra. Ao conquistar a leitura, Maria-Nova conquista também o direito de existir plenamente — de registrar, de recordar e de sonhar. Desse modo, esta pesquisa reforça que o letramento literário é um processo contínuo e transformador, que se estende para além da escola e se manifesta nas práticas cotidianas de leitura e escrita. O estudo do corpus escolhido permite compreender a relevância de promover políticas educacionais e culturais que valorizem a literatura afro-brasileira como ferramenta de emancipação e de formação humana. Ao inserir as obras de Conceição Evaristo no espaço escolar, abre-se a possibilidade de formação de leitores sensíveis à diversidade e à história de resistência do povo negro brasileiro.

É importante destacar que a escrita de Conceição Evaristo, ao unir memória, oralidade e escrevivência, inaugura novas formas de representação do sujeito negro na literatura contemporânea. A trajetória de Maria-Nova simboliza a travessia de todos os que buscam, pela palavra, reencontrar-se com suas origens e afirmar sua identidade. A leitura, nesse sentido, não é apenas um gesto estético, mas uma forma de resistência, um modo de manter viva a chama da memória e de transformar o passado em legado. Assim, a conclusão deste trabalho reafirma que a literatura, especialmente quando comprometida com a verdade das vozes silenciadas, cumpre uma função social e formativa essencial. *Becos da Memória* é mais do que um romance de lembranças; é um ato de amor e de coragem, que nos convida a olhar para o passado com sensibilidade e justiça. A leitura da trajetória de Maria-Nova, sob a luz do letramento literário e da escrevivência, mostra que a palavra pode ser arma, abrigo e esperança — e que, pela força da literatura, é possível transformar o silêncio em memória e a memória em resistência.

Apesar de a literatura brasileira ter sido historicamente estruturada como um espaço de circulação privilegiado das classes letradas e economicamente favorecidas — por carregar o prestígio simbólico típico dos bens culturais legitimados (Bourdieu, 1989; Candido, 1995) — as últimas décadas revelam um movimento crescente de escritoras e escritores oriundos das periferias urbanas que reivindicam o direito de produzir suas próprias representações. Trata-se, em essência, da reivindicação do direito à literatura, entendido aqui como possibilidade de ocupar o lugar de sujeito na narrativa social.

Observamos também que, tanto para Carolina Maria de Jesus quanto para Conceição Evaristo, a literatura operou e ainda opera como força de resistência e humanização diante da realidade excludente que atravessa suas existências. A escrita converte-se, nessas autoras, em um instrumento capaz de ampliar suas perspectivas de mundo, funcionando como expressão crítica das experiências de milhares de sujeitos periféricos. Assim, o ato de escrever ultrapassa o simples desejo de registrar vivências: torna-se meio de afirmação do sujeito histórico em sua dimensão individual e coletiva.

Considerando o que foi discutido ao longo desta dissertação, é possível inferir que a leitura e a escrita desempenham papel decisivo na trajetória dessas duas autoras. É pela escrita que reelaboram suas experiências, revisitam dores e constroem sentidos para suas vivências; e é pela leitura que projetam horizontes outros, movendo-se simbolicamente para além da estrutura que as cerca. Em ambas, escrever é denunciar e revelar o que foi subalternizado; ler é imaginar novos modos de existir. Nesse processo, a narrativa analisada surge como fruto de uma dinâmica indissociável entre leitura e escrita.

Por fim, ao analisarmos as produções de Conceição Evaristo, torna-se evidente a urgência de reconhecer e legitimar a literatura que emerge das margens sociais. São narrativas densas, carregadas de resistência e historicamente invisibilizadas pelas camadas dominantes. A relevância das obras e autora reside justamente na ampliação do olhar sobre a realidade brasileira e suas feridas estruturais. Reconhecer tal produção significa, sobretudo, reafirmar que negar o direito à literatura às classes populares é perpetuar desigualdades; validá-lo, por outro lado, é contribuir para a pluralização do campo literário e para a democratização da palavra.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá. Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira. *Via Atlântica*, n. 18, p. 29-41, dez. 2011.

BERND, Zilá. **A questão da negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BEZERRA, Kátia Cristina. **Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRITO, D. S. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/18929-a-importancia-da-leitura-na-formacao-social-do-individuo.html>. Acesso em: 5 mar. 2024.

CAMPELLO, Bernadete. A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. In: MACIEL, F.; PAIVA, A.; RILDO, C. (org.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Eliana Lúcia. **Becos da memória e da identidade em Conceição Evaristo**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002.

CRUZ, Ana Silva. Revelações de *Olhos d'água*. **Literafro**, 2015. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 23 ago. 2024.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira: os caminhos do real e do imaginário**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

DALCASTAGNÈ, Regina. Constrangimento discursivo e estratégias de legitimação na literatura brasileira contemporânea. Brasília, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 47, p. 29-45, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. Relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 14 jan. 2020.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31, p. 11-23, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org>. Acesso em: 14 jan. 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Na cartografia do romance afro-brasileiro. In: LAHNI, C. R. et al. (org.). **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, E. A. (org.). **Um tigre na floresta de signos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Ditos & escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GOMES, N. L. Educação e diversidade étnico-cultural. In: Ramos, M. N. *et al.* **Diversidade na Educação: reflexões e experiências**. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARAWAY, D. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: Hollanda, H. B. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 243-288. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acessado em: 28 de dezembro de 2024 às 10h.

IANNI, O. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** – Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, n. 28, São Paulo, 1988.

IZER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Edusp, 1996.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1999.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. São Paulo: Cobogó, 2019.

KLEIMAN, A. B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: UNICAMP/MEC, 2005.

KOCH, I. V.; Elias, V. M. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LE GOFF, J. **Enciclopédia Enaudi. Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LEAL, T. F.; Albuquerque, E. B. C. Literatura e formação de Leitores na escola. In. MACIEL, F.; Paiva, A.; Rildo, C. (org.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

MACHADO, B. A. **Recordar é preciso: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982 – 2008)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFF. Niterói, 2014. 130 p.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras: ensaio sobre o teatro negro brasileiro**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOBERTO, S. **A literatura e sua importância para a sociedade**. 2011.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, L. H. S. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009.

OLIVEIRA, Cleber José de. **“A poesia contemporânea do rap: entre o eu (individual) e o nós (coletivo)”**. Terra roxa e outras terras revista de estudos literários PPG-UEL. Londrina, 2012, p. 17-31.

PALMEIRA, F. S; Souza, F. S. Representações de Gênero e Afrodescendência na obra de Conceição Evaristo. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2008, Salvador, Anais... Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008.

PAULINO, Graça. **Leitura e formação do leitor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, 1989.

PRADO, J. **Formação de Leitores: uma reflexão sobre leitura e sociedade no Brasil**.

PRATES, C. Discurso étnico-literário: memórias poéticas em Conceição Evaristo. In: **Scripta**, v. 14, n.27, p. 133-142, 2 sem. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4334/4481>. Acesso: 10 ago. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**; Escrava. (1859). Atualização de texto e Pós-fácio de Eduardo de Assis Duarte. Minas Gerais: Editora Mulheres – PUC/MG, Belo Horizonte. 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Sérgio Tellaroli. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Discriminações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 12, nº3 e 4, jul/dez 1985.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**. São Paulo: Ática, 1989.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SILVA, L. L. M.; Ferreira, N. S. A.; Scorsi, R. A. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: Souza, R. J. (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SILVA, M. C.; Martins, M. R. Experiências de leitura no contexto escolar. In: Maciel, F.; Paiva, A.; Rildo, C. (org.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SILVA, R. J. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina**: formação e atuação. 2006. 241 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006.

SILVA, Cibele Verrangia Correa da. Vozes que ecoam ancestralidade e resistências em coletâneas de autoria feminina negra contemporânea. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 23, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/3gv3ZF6tNMHtm8t8rY64njG/>. Acesso 21 de dez 2024.

SILVA, S. **Práticas de leitura**: 150 ideias para despertar o interesse dos alunos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SOARES, M. Formação de leitores: introdução ao mundo da leitura literária -Reflexão de uma experiência. In: Prado, J.; Diniz, J. (org.). **Vivências de leituras**. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria da Graças Souza Horn. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

SOUZA, Florentina. Gênero e “raça” na literatura brasileira. **Revista de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 32, Brasília: UNB, julho/dezembro 2008.

SOUZA, R. J.; Cosson, R. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. São Paulo: UNESP/UNIVESP, 2011.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, A. S.; Fernandes, C. R. D. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In. Maciel, F.; Paiva, A.; Rildo, C. (org.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.